

DANIELA DAROS CORREIA

**MARCAS LINGUÍSTICAS E MECANISMOS ARGUMENTATIVOS
NO DISCURSO RELIGIOSO NEOPENTECOSTAL DA
COMUNIDADE EVANGÉLICA MONTE SIÃO**

MESTRADO EM LÍNGUA PORTUGUESA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO /PUC-SP

SÃO PAULO - 2006

DANIELA DAROS CORREIA

**MARCAS LINGUÍSTICAS E MECANISMOS ARGUMENTATIVOS
NO DISCURSO RELIGIOSO NEOPENTECOSTAL DA
COMUNIDADE EVANGÉLICA MONTE SIÃO**

Dissertação apresentada à Banca
Examinadora da Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo,
como exigência parcial para obtenção
do título de MESTRE em Língua
Portuguesa, sob a orientação do **Prof.
Dr. Jarbas Vargas Nascimento.**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO /PUC-SP
SÃO PAULO - 2006

BANCA EXAMINADORA

DEDICATÓRIA

*Aos meus mui amados pais, Alcides e Olga, que sempre acreditaram em mim e me proporcionaram a oportunidade de realizar este sonho, dando-me força, apoio e, principalmente amor incondicional.
Ao meu irmão, Tiago, pelo carinho e compreensão em todos os momentos.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, Pai querido, que me concedeu a vida, o privilégio de servi-lo todos os dias e por colocado ao meu lado, nesta trajetória, pessoas tão abençoadas que me permitiram concluir este sonho.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Jarbas Vargas Nascimento, que com sua sabedoria, paciência, humildade e simpatia, mostrou-me o caminho das pedras e me conduziu a trilhá-lo, sem desanimar, a fim de concretizar este trabalho.

Aos professores doutores do Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa, que, certamente, contribuíram com minha formação acadêmica, trazendo conhecimentos relevantes para esta pesquisa.

À Banca Examinadora, composta pelos professores Dra. Márcia Serra Ribeiro Vianna, Dr. João Hilton Sayeg de Siqueira, Dr. José Everaldo Nogueira Júnior, cujas sugestões, no Exame de Qualificação, contribuíram significativamente para o enriquecimento deste trabalho.

Aos pastores Wanderley Roberto Jorge e Ana Paula de Oliveira Jorge que, gentilmente, apoiaram esta pesquisa e mostraram-se solícitos sempre que necessário.

A todos os pastores, evangelistas e presbíteros da Comunidade Evangélica Monte Sião. Aos alunos do Seminário Bíblico Teológico Monte Sião, com quem divido ansiedades e desafios.

Aos funcionários da PUC/SP, pela colaboração, em particular, os da biblioteca.

Aos meus alunos, amigos e família que me compreenderam nas horas de isolamento, necessárias a todo pesquisador.

A CAPES, pelo apoio financeiro.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo examinar o discurso religioso neopentecostal da Comunidade Evangélica Monte Sião, instituição recente no cenário evangélico. Nossas análises estão respaldadas em teorias como Análise do Discurso e Retórica.

A religião não é aqui abordada como objeto de fé, mas sim como produtora de discurso, que se constitui na e pela linguagem; sendo assim, faz-se necessário situar historicamente o desenvolvimento do Movimento Pentecostal frente à nova tendência que o Neopentecostalismo vêm implementando.

Constata-se que as igrejas neopentecostais vêm ganhando singular espaço no meio evangélico nacional e internacional, pois investem nos meios de comunicação, em discursos sedutores e em uma nova forma de ver as doutrinas cristãs, desprendendo-se do tradicionalismo implementado pelas igrejas evangélicas históricas.

Ao relacionarmos Lingüística e Religião, torna-se possível analisar, a partir das amostras selecionadas, os mecanismos de argumentação, de interpretação e de persuasão que constituem o discurso religioso neopentecostal veiculados pela Comunidade Evangélica Monte Sião. Desta forma, busca-se respaldo na Análise do Discurso, que fornece base para analisar as formações ideológicas e discursivas do discurso religioso, tendo-o como próprio objeto de estudo, discutindo problemas de autoria e interpretação, condições de produção, fundamentais nesta análise.

Na investigação desses conceitos, abordam-se estruturas argumentativas, intertextualidade, interdiscursividade, formação do *ethos* e do *pathos*, que constituem características importantes para o processo de construção e de organização do discurso. Observam-se, também, os tempos verbais, em virtude de o discurso religioso ser narrado no tempo do mundo comentado.

Ancorados por estudos lingüísticos, pretende-se elucidar a importância da Lingüística na compreensão da Religião, enquanto produção de sentidos no interior do discurso, propondo uma abordagem inovadora que possa favorecer estudos comparativos de outras espécies de discursos, visando uma contribuição significativa para esta área do conhecimento.

ABSTRACT

This work has as objective examines the Evangelical Community's Monte Sião speech religious neopentecostal, recent institution in the evangelical scenery. Our analyses are backed in theories as Analysis of the Speech and Rhetoric.

The religion is not approached here as object of faith, but as producing of speech, that is constituted in the and for the language; being like this, it is done necessary to place the development historically of the Movement Pentecostal front to the new tendency that Neopentecostalism is implementing.

It is verified that the churches neopentecostals are winning singular space in the national and international evangelical way, because they invest in the communication means, in seductive speeches and in a new form of seeing the Christian doctrines, coming off of the traditionalism implemented by the historical evangelical churches.

To the we relate Linguistics and Religion, he/she becomes possible to analyze, starting from the selected samples, the argument mechanisms, of interpretation and of persuasion that you/they constitute the speech religious neopentecostal transmitted by the Evangelical Community Monte Sião. This way, back-up is looked for in the Analysis of the Speech, that it supplies base to analyze the ideological and discursive formations of the religious speech, tends him/it as own study object, discussing authorship problems and interpretation, production conditions, fundamental in this analysis.

In the investigation of those concepts, argumentative structures are approached, intertextuality, interdiscursivity, formation of the ethos and of the pathos, that constitute important characteristics for the construction process and of organization of the speech. They are observed, also, the verbal times, by virtue of the religious speech to be narrated in the time of the commented world.

Anchored by linguistic studies, it intends to elucidate the importance of the Linguistics in the understanding of the Religion, while production of senses inside the speech, proposing an innovative approach that can favor comparative studies of other species of speeches, seeking a significant contribution for this area of the knowledge.

*Filho meu, se aceitares as minhas
palavras e esconderes contigo
os meus ensinamentos,
Para fazeres atento à sabedoria,
e para inclinares o teu coração
ao entendimento, e, se clamares
por entendimento, e por inteligência
alçares a tua voz, se
como a prata a buscares e como
a tesouros escondidos a procurares,
então entenderás o temor do Senhor e acharás o conhecimento de Deus.
Porque o Senhor dá a sabedoria, e da sua boca vem o conhecimento e o
entendimento.*

Provérbios de Salomão 2: 1-6

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
CAPÍTULO I – O PROTESTANTISMO NO BRASIL E AS PRIMEIRAS IGREJAS CRISTÃS	
PROTESTANTES.....	05
1.1. As primeiras igrejas cristãs.....	06
1.1.1. Os Congregacionais.....	07
1.1.2. Os Presbiterianos.....	08
1.1.3. Os Metodistas.....	09
1.1.4. Os Batistas.....	09
1.1.5. Os Episcopais.....	10
1.2 O Movimento Pentecostal.....	11
1.2.1. Origem do Movimento Pentecostal.....	12
1.2.2. Primeiras Igrejas Evangélicas Pentecostais.....	19
1.2.3. Formações Pentecostais no Brasil.....	19
1.2.4. Igreja Congregação Cristã.....	20

1.2.5. Igreja Assembléia de Deus.....	21
1.2.6. Igreja do Evangelho Quadrangular.....	23
1.3. Pentecostalismo Brasileiro.....	24
1.3.1. Igreja Pentecostal O Brasil para Cristo (IPBC).....	25
1.3.2. Igreja Pentecostal Deus é Amor (IPDA).....	25
1.3.3. Igreja Universal do Reino de Deus (IURD).....	26
1.4. O Neopentecostalismo.....	28
1.5. Comunidade Evangélica Monte Sião - Breve Histórico.....	33
1.5.1. Simbologia do logotipo da Comunidade Evangélica Monte Sião.....	37
CAPÍTULO II - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	
2.1. Concepção e as perspectivas da Análise do Discurso.....	42
2.2. Conceito de Discurso em Foucault.....	50
2.3. A Noção de sujeito em Pêcheux.....	51

2.4. Texto e	
Discurso.....	53
2.5. Discurso	
Religioso.....	54
2.6. Marcas lingüísticas e mecanismos constitutivos do Discurso	
Religioso.....	57
2.6.1.	
Interdiscursividade.....	57
2.6.2.	
Cenografia.....	58
2.6.3. O ethos do	
pregador.....	59
2.7. Argumentação e	
Retórica.....	61
CAPÍTULO III – MARCAS ARGUMENTATIVAS DO DISCURSO RELIGIOSO	
.....	64
3.1 O Material de	
Análise.....	65
3.2 O Discurso Religioso Neopentecostal da Comunidade Evangélica Monte	
Sião.....	71
3.2.1. Saudação.....	72
3.2.2. O início do	
sermão.....	73
3.2.3. A ilusão de	
reversibilidade.....	76
3.2.4.	
Exposição.....	79

3.2.5.	
Contextualização.....	80
3.2.6. A interação entre enunciador e enunciatórios.....	81
3.2.7. A interdiscursividade.....	85
3.2.8. Discurso Direto e Discurso Indireto.....	88
3.2.9.Exortação/Admoestação.....	
92	
3.2.10. Comparação.....	94
3.2.11. Peroração.....	95
3.3. Marcas Linguísticas.....	96
3.3.1. Os tempos verbais.....	96
3.3.2. Figuras de linguagem.....	97
3.3.2.1. Comparação Metafórica.....	97
3.3.2.2. Parábola.....	98
3.3.2.3. Antítese.....	98
3.3.2.4. Anáfora.....	98
3.3.2.5. Anacoluto.....	99
3.3.2.6. Comparação.....	99

3.3.2.7.	
Gradação.....	100
3.4. O	
vocativo.....	100
3.5. Operadores	
Argumentativos.....	101
3.6.Ethos.....	
102	
3.7.Pathos.....	1
04	
CONSIDERAÇÕES	
FINAIS.....	105
REFERÊNCIAS	
BIBLIOGRÁFICAS.....	109
ANEXOS.....	
114	
• Sermões analisados.	

INTRODUÇÃO

Estudar o papel da língua na constituição dos sentidos é algo fascinante, principalmente quando entramos na esfera do discurso, de modo especial, do discurso religioso. Assim, sentimos necessidade de valermos-nos de outras áreas das ciências humanas para buscar ferramentas que nos levem a uma averiguação interdisciplinar do nosso objeto de estudo. Agindo desta forma, podemos ampliar nossa visão de mundo e perceber que a linguagem faz parte de nosso dia-a-dia. Segundo Marilena Chauí (1995:142):

A linguagem é um instrumento do pensamento para exprimir conceitos e símbolos, para transmitir e comunicar idéias abstratas e valores. A palavra, (...) é uma representação de um pensamento, de uma idéia ou de valores, sendo produzida pelo sujeito pensante que usa sons e letras com essa finalidade. O pensamento puro seria silencioso ou mudo e formaria, para manifestar-se, as palavras. Duas provas poderiam confirmar essa concepção de linguagem: o fato de que o pensamento procura e inventa palavras; e o fato de que podemos aprender outras línguas, porque o sentido de duas palavras diferentes em duas línguas diferentes é o mesmo e o tal sentido é a idéia formada pelo pensamento para representar ou indicar coisas.

Assim como a palavra, o texto e o discurso, a religião sempre esteve presente no nosso cotidiano, participando de nossas ações e permeando o universo coletivo. O fato de articularmos duas áreas de conhecimento – Análise do Discurso e Ciências da Religião para alicerçar nossa pesquisa, possibilita-nos perceber contrastes e semelhanças entre essas áreas e verificar como elas podem operar uma interdisciplinaridade no estudo do discurso religioso.

O movimento neopentecostal é, na atualidade, o fenômeno religioso que mais se desenvolve no Brasil. Nas três últimas décadas, esse fenômeno tem assustado estudiosos com o seu rápido crescimento, o que nos leva a considerar o como a linguagem tem contribuído para este crescimento. Embora saibamos dos diferentes fatores que

impulsionam tal crescimento, vale ressaltar o papel da ideologia e de sua forma de instauração no interior dos discursos produzidos pela religião.

Em nossa pesquisa, propomo-nos a estudar a organização e o funcionamento, por meio das marcas linguísticas e de mecanismos retórico-argumentativos de discursos proferidos pelo pastor presidente da denominação Comunidade Evangélica Monte Sião (daqui para frente, CEMS) em dia de domingo, ou seja, num culto dominical que é, por sua natureza, um culto público, isto é, direcionado membros e demais interessados. Muito embora tenhamos selecionado apenas discursos proferidos pelo pastor presidente, acreditamos que o fato de o pastor ser o fundador desta instituição, seu discurso possa legitimar não somente sua fé e seu ethos, mas também legitimar seu dizer e o dizer da CEMS.

O cenário onde se instala o discurso religioso da CEMS é um local fechado, adequado para se constituir numa igreja evangélica. No culto, antes da pregação existe uma seqüência de ações que se desenvolve e que organiza o ritual: oração inicial, momento de louvor, oração pelas ofertas, oração pelos pedidos de intercessão, boas vindas aos visitantes, abertura para testemunhos dos membros, exposição da mensagem, ou seja, a pregação, avisos gerais com respeito às atividades da igreja e ao término, benção apostólica feita pelo pastor que, como dizem os pentecostais, preside o culto. Toda seqüência de ações que faz parte de um ato litúrgico revela um cenário religioso propício para garantir ao discurso uma posição institucional e que marca uma relação com a fé.

O objetivo principal de nossa dissertação é examinar as marcas linguísticas que caracterizam o discurso religioso neopetencostal da CEMS e a forma como ocorre a argumentação retórico-lingüística nesse tipo de discurso. Pretendemos também identificar no discurso religioso da CEMS os efeitos de sentido que caracterizam sua ideologia, bem como em que medida os discursos proferidos no culto da Santa Ceia permitem inserir a CEMS na ideologia neopentecostal.

Quanto ao referencial teórico, optamos pela Análise do Discurso que se apresenta como uma metodologia de análise de texto/discurso e das ideologias presentes com o objetivo de revelar sentidos. Amparamo-nos aqui nos trabalhos de Dominique Maingueneau, Michel Foucault, Michel Pêcheux e Eni Pulcinelli Orlandi, entre outros, que tratam o texto como objeto empírico de análise do discurso e o discurso como uma prática social de produção. Em se tratando da Retórica e da

Argumentação, amparamo-nos em trabalhos de Olivier Reboul, Chaim Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca.

Com o objetivo de nortear a nossa pesquisa, apresentamos algumas hipóteses, pois sendo o discurso religioso um discurso construído, pensamos que o preparo do tema do sermão, juntamente com a espontaneidade com que o pastor conduz a mensagem pode ser um mecanismo usado para que o mesmo se torne mais acessível aos fiéis, produzindo empatia nos mesmos; as marcas lingüísticas usadas no discurso podem levar o auditório a reflexões a respeito de sua conduta; a entonação e a emoção usadas pelo pregador podem levar o ouvinte a emocionar-se com as mensagens proferidas e por fim, o *ethos* do pregador pode ser um fator determinante na condução e aceitação do discurso religioso neopetencostal.

Justificamos nossa pesquisa pelo fato de que as Igrejas Evangélicas sempre se preocupam com a formação e organização de seus sermões e, no movimento neopentecostal, esta preocupação não é diferente. Sendo a CEMS uma instituição recente no meio evangélico, motiva-nos verificar sua produção sermonária e contribuir para pesquisas deste gênero.

Salientamos, ainda hoje, que nos seminários de formação pastoral, a disciplina Homilética Bíblica é obrigatória e visa a ensinar a arte da pregação, o que reforça nosso dizer no quanto à preocupação do pastor evangélico com a preparação do discurso religioso.

Após definirmos os objetivos, a amostra de análise e os aspectos teóricos, que fundamentam nossas análises, organizamos esta dissertação da seguinte maneira:

No primeiro Capítulo, tratamos do protestantismo no Brasil, indicando as primeiras igrejas cristãs protestantes e destacando a Comunidade Evangélica Monte Sião.

No segundo Capítulo, tratamos da fundamentação teórica que respalda nossas análises.

No terceiro Capítulo, fazemos a análise dos discursos que selecionamos como amostra para esta dissertação.

CAPÍTULO 1

O PROTESTANTISMO NO BRASIL E AS PRIMEIRAS IGREJAS CRISTÃS PROTESTANTES

*Formar discípulos, estruturar
famílias, desenvolver ministérios ensinando
a Palavra de Deus.*

Declaração de propósito da CEMS

1.1. As primeiras igrejas cristãs

Embora no século XIX, tenhamos marcado o início da evangelização protestante no Brasil, não significa que não havia outrora protestantes em terras brasileiras. Logo depois do descobrimento, João Calvino ¹já havia se antecipado em enviar missionários protestantes ao Brasil.

Sabemos que durante o domínio holandês no Nordeste brasileiro, alguns protestantes já faziam morada e marcavam presença, mas não tão efetivamente como no século XIX. Anteriormente a tal período, a atividade missionária estava empregada somente pelos jesuítas e pelos padres católicos.

Todavia, por volta do século XIX, o mundo protestante revelou interesse pelo Brasil. Homens e mulheres como o Dr. Kalley e esposa, Simonton e Helen, José Manuel da Conceição, Justus Spaulding, Willian Buck Bagby e Anne Luther Bagby, Antônio Teixeira Albuquerque, Watson Morris , Lucien Lee Kinsolving e tantos outros são os principais responsáveis pela implantação definitiva do protestantismo no Brasil.

Muitos imigrantes europeus que vieram para o Brasil eram protestantes e foi esse grupo que organizou entre os próprios imigrantes, as primeiras igrejas européias em solo brasileiro. O fato de serem imigrantes possibilitou que as primeiras igrejas se estabelecessem no país, para que continuassem a prestar culto a Deus da mesma

maneira com que faziam na Europa e não simplesmente pelo intermédio da evangelização.

Igrejas como congregacionais, presbiterianas, metodistas, batistas e episcopais viram no Brasil uma oportunidade de expansão de sua crença e de implantação de suas raízes, de seus alvos, enfim, de sua religiosidade.

Ao verificarmos tais grupos, procuraremos entender como se processou o protestantismo no Brasil, a fim de compreendermos o pano de fundo histórico do qual, posteriormente saiu o neopentecostalismo.

1.1.1. Os Congregacionais

A igreja congregacional foi a primeira a vir para o Brasil com o intuito missionário, e os congregacionais foram os primeiros a apresentar um "serviço de evangelização" no país. Seus fundadores foram Dr. Robert Reio Kalley (1809-1888) e sua esposa Sarah Polton Kalley (1825-1907). O casal Kalley chegou ao Brasil por volta de 10 Maio de 1855, na cidade do Rio de Janeiro. Três meses após, fundaram a sua Primeira Escola Dominical, em Petrópolis, sendo esta a primeira escola bíblica que obteve permanência no Brasil, instalada em 19 de Agosto de 1855, contando com a presença de dois alunos.

Dois ou três domingos após, o serviço da escola bíblica dominical estava ampliado, com o Dr. Kalley dirigindo uma classe composta apenas de homens negros com os quais conversava sobre as Escrituras Sagradas. A escola bíblica dominical exerceu e ainda exerce até os dias atuais, grande importância com relação ao doutrinamento aos membros das igrejas evangélicas. Este dado não é diferente para com as igrejas neopentecostais.

Kalley apresentava uma boa situação financeira, pois ele e sua esposa pertenciam a famílias abastadas da Escócia, condições estas que lhe permitiram alcançar alguns privilégios políticos e também a possibilidade de evangelizar as elites brasileiras.

Em 11 de Julho de 1858, Kalley e sua esposa organizaram a Igreja Evangélica em Niterói, posteriormente denominada Fluminense, que era constituída apenas por cinco britânicos, oito portugueses, os quais vieram com o casal Kalley e um brasileiro. Kalley trabalhava dentro dos limites estabelecidos pelas leis brasileiras, adotando o

¹ Teólogo protestante francês, líder eclesiástico e denominacional, nascido na Picália e tendo estudado filosofia na Universidade de Paris (1523 - 1527).

culto doméstico², o qual teve forte influência na forma de culto protestante brasileiro e também para o neopentecostalismo.

Entre os principais meios empregados pelo casal Kalley para a propagação do protestantismo, temos: publicação de artigos ou obras na imprensa diária; venda e distribuição de livros e folhetos; visitas a casas particulares, lojas e oficinas, a fim de apregoar a mensagem protestante; implementação e prática de cultos domésticos diários; socorro aos enfermos, aconselhando-os quanto à salvação de suas almas. Os neopentecostais ainda utilizam alguns destes métodos de evangelização, tais como distribuição de panfletos, cultos domésticos, aconselhamentos etc.

O casal Kalley também contribuiu significativamente para a literatura evangélica, pois a Senhora Kalley organizou a primeira e maior coletânea de cânticos em língua portuguesa, intitulado "Salmos e Hinos", considerado o mais antigo hinário evangélico, publicado no Rio de Janeiro em 1861, composto por dezoito salmos e trinta e dois hinos.

Os congregacionais nunca atingiram grandeza numérica no Brasil, mas por se tornarem a primeira denominação protestante com a intenção de difundir o protestantismo no Brasil e a inserir métodos de evangelização utilizados até os dias atuais, essa igreja mereceu o nosso destaque.

1.1.2. Os Presbiterianos

Como um dos principais grupos calvinistas da Grã-Bretanha³, a igreja Presbiteriana, com John Knox, no século XVI, reformou a Igreja da Escócia e se tornou um referencial do evangelismo. Em agosto de 1859, Ashbel Green Simonton desembarcou no Rio de Janeiro, época em que teve um encontro com o Dr. Kalley, fundador da Igreja congregacional, que se mostrou feliz em receber o missionário norte americano. Em 22 de janeiro de 1860, numa reunião de Escola Dominical, Simonton realizou seu primeiro culto em português. Todavia, o primeiro culto regular aconteceu no Rio de Janeiro, em maio de 1861, quando um dos assistentes de Simonton foi constituído diácono. O ministério do diaconato é usado nos dias atuais nas igrejas pentecostais e neopentecostais. O diácono é o obreiro que dá suporte ao culto,

² Cultos realizados nas casas, nos lares dos cristãos.

³ Calvinismo: Doutrina teológica que prega a eleição da alma.

auxiliando o pastor na coleta das ofertas, bem como na ministração da Santa Ceia, entre outras tarefas eclesiais.

Várias conversões ao presbiterianismo aconteceram, e, em janeiro de 1862, os novos presbiterianos foram recebidos à comunhão da Igreja, marcando, assim, a fundação da Primeira Igreja Presbiteriana em solo brasileiro, onde foi celebrada a Santa Ceia.⁴

No mesmo ano, Simonton fez uma viagem aos Estados Unidos, a fim de divulgar o trabalho realizado no Brasil e rever sua família, especialmente sua mãe que se encontrava muito enferma. Embora tenha pregado em várias igrejas norte-americanas, Simonton estava ciente de que sua missão teria de ser completada no Brasil, onde havia implementado as bases da Igreja Presbiteriana.

O trabalho de Simonton no Brasil durou apenas sete anos, sendo que, nesse curto período, o missionário fundou a primeira igreja presbiteriana, o primeiro jornal presbiteriano, o primeiro presbitério brasileiro, a primeira escola paroquial e o primeiro seminário. Sabe-se que ele recebeu uma média de dez profissões de fé por ano, escreveu sermões e poesias em português e participou da ordenação do primeiro pastor brasileiro, o ex-padre José Manuel da Conceição.

1.1.3. Os Metodistas

O Metodismo tem suas raízes no trabalho dos irmãos John e Charles Wesley, que, juntamente, com outros colegas como Whitefield formaram o Clube Santo, em 1725 na Universidade de Oxford, onde ressaltavam a "religião interna", ou melhor, a "religião do coração". Tal equipe cultivava uma rigorosa disciplina nas questões acadêmicas e por causa disso, recebeu o nome de Metodistas. O movimento metódico, disciplinado e evangelístico espalhou-se por meio da pregação proferida por leigos.

Em 1835, a Conferência Geral da Igreja Metodista americana enviou o Pr. Fountain Elliot Pitts, a fim de sondar o território brasileiro para evangelizar. Em 1836, os metodistas americanos enviaram mais um missionário, Justus Spaulding e, em 1837, Daniel Darish Kidder. Nesta época, a escravidão trouxe problemas internos para o metodismo, provocando uma ruptura e deixando a missão suspensa por 25 anos. Após este período, Junius Newman veio para o Brasil, recomeçando as missões metodistas.

O Metodismo teve uma grande contribuição para o nascimento do movimento pentecostal, uma vez que prega, além de outras coisas, a manifestação dos dons do Espírito Santo, como veremos adiante.

1.1.4. Os Batistas

Os batistas foram os últimos cristãos protestantes a implantar igrejas no Brasil, pois quando seus trabalhos foram aqui iniciados, já havia outras denominações se desenvolvendo e implantando igrejas. Tal demora, talvez, deva-se a relatórios enviados pelo primeiro missionário batista americano ao Brasil - Thomas Jefferson Bowen, em 1860, em que afirmava não ser possível implantar igrejas em terras brasileiras. Durante aproximadamente 20 anos a Junta de Missões não revelou nenhum interesse pelo Brasil.

Entretanto, o ex-general Hawthorne, que estivera no Brasil anteriormente, mudou esta história, relatando para a Junta de Missões as grandes perspectivas missionárias que o país apresentava e solicitou que enviassem missionários ao Brasil. A partir deste segundo relatório, a Junta de Missões enviou os primeiros missionários para darem início à evangelização batista no Brasil. Hawthorne procurou mostrar as grandes possibilidades em abrir um trabalho batista no Brasil. Mais tarde Hawthorne foi ordenado pastor. Com a decisão de começar um trabalho de evangelização na cidade de Salvador, deu-se origem à primeira igreja batista brasileira.

1.1.5. Os Episcopais

Antes da luta pela independência dos Estados Unidos, a Igreja Anglicana era a igreja oficial nas colônias do Sul. Conquistada a independência dos Estados Unidos, começou um longo processo de americanização da Igreja Anglicana, pois era de se esperar que os recém independentes americanos não quisessem mais uma igreja de domínio Inglês. Para garantir a sucessão apostólica, a Igreja Protestante Episcopal teve dois bispos ordenados na Inglaterra. A Igreja Episcopal não se expandiu rapidamente e não faltou quem pensasse que se definharia, mas depois da guerra pela abolição da escravidão firmou-se novamente.

Richard Holden chegou ao Brasil em 1860. Traduziu para a língua portuguesa trechos do Livro de Oração Comum e outros escritos com ajuda do pastor presbiteriano Antônio José de Matos. Durante pouco mais de três anos (1861 a 1864), missionou no

⁴ Santa Ceia: Ordenança cristã instituída por Cristo, onde se utiliza o pão que representa o corpo de Cristo

Pará e na Bahia. Propagou a doutrina protestante através da imprensa, panfletos, contatos pessoais e distribuição de bíblias. Entretanto, desligou-se da missão Episcopal antes de conseguir instalar uma missão permanente.

Inspirados pela obra missionária do presbiteriano Simonton, alguns alunos do Seminário Teológico de Virgínia, em Alexandria, se candidataram como missionários. Dois dentre eles desejavam vir para o Brasil e, em 10 de dezembro de 1888, conseguiram aprovação. Entretanto, devido a problemas de saúde, foram substituídos por James Watson Morris e Lucien Lee Kinsolving. Estes, desde fins de 1889, estavam em terras brasileiras e se dirigiram para o Rio Grande do Sul, onde outra missão protestante ainda não tinha se dirigido. Estabeleceram uma escola em Porto Alegre e iniciaram cultos regulares. Em 1891, receberam uma congregação dos presbiterianos na cidade de Rio Grande. Mais tarde fundou seu próprio jornal, chamado o Estandarte Cristão. Estava, assim, instalada definitivamente a Igreja Episcopal no Brasil.

1.2. O Movimento Pentecostal

Atualmente, notamos que o pluralismo religioso vem tomando conta de grande parte da sociedade brasileira. Neste pluralismo, o Movimento Pentecostal (MP) é o que ganha maior destaque dentre as religiões cristãs devido seu súbito crescimento nos últimos anos.

Muito embora o país tenha sido um campo fértil para os missionários protestantes, a religião católica também contribuiu, sobremaneira, com a diversidade religiosa de nossa nação. Neste sentido, em nossa sociedade, até pouco tempo, a hegemonia do catolicismo romano garantia certa unidade em termos de memória social, de tradição e de uma única visão de mundo que outrora moldava a sociedade cristã brasileira.

O catolicismo romano era visto como sendo de mui grande influência sobre vários setores da sociedade. Todavia, o MP vem ganhando espaço dentro desta realidade, tornando-se um movimento religioso em ascensão, caracterizando-se como um acontecimento religioso e social em desenvolvimento. O que faz com que o MP ganhe força, tanto em nível pessoal como em divulgação na mídia eletrônica são seus próprios métodos, como sua dinâmica expansionista, sua prática religiosa e a proximidade que permite entre pastores e fiéis nas suas próprias congregações.

Neste contexto, há algo a ser visto, que é a veiculação de um discurso direto que atinja as necessidades básicas de seus fiéis, tais como a fome e outras carências do cotidiano. A proximidade e a abertura com que estes e outros temas são tratados atraem cada vez mais um número de fiéis das camadas menos favorecidas da sociedade, devido entre outras coisas a isto as igrejas pentecostais e neopentecostais são as que mais crescem em favelas e áreas carentes das grandes metrópoles, lugares em que encontra grande receptividade.

Neste caso, é preciso conceber o MP como o jeito de ser do religioso pobre da sociedade e que encontra neste movimento uma forma alternativa de expressar a sua fé sem repressões ou cortes. O Pentecostalismo permite ao fiel expressar diretamente a sua fé e valer-se de suas convicções, a fim de buscar livremente e, com segurança, uma vida melhor.

O MP pode ser visto e definido como o Movimento da Renovação Espiritual, em que se busca, em primeiro lugar, o batismo com o Espírito Santo, por meio das orações, pelo falar em outras línguas, manifestando o fenômeno da glossolalia, por meio do culto e pela comunhão entre os fiéis.

Os cultos nas igrejas pentecostais costumam ser "barulhentos", pois se busca o Espírito Santo com orações em voz alta e com cânticos alegres entoados por toda a congregação.

Segundo Alexandre Carneiro de Souza (2004:11 e 12):

As igrejas pentecostais atuam e crescem fundamentadas numa teologia evangelística agressiva e numa prática litúrgica 'barulhenta'. O Pentecostalismo adiciona ao ato religioso o sensacionalismo e o espetáculo, acompanhados de um produto doutrinário que intervém prioritariamente no universo da dor, da angústia e da ansiedade da existência humana, trabalhando os conflitos do aqui e do agora.

1.2.1. Origem do Movimento Pentecostal

Encontrar a origem do MP é tarefa difícil, pois ao longo da história da igreja cristã, movimentos de renovação espiritual surgiram em várias partes do mundo e em momentos distintos. Sempre se buscou algo além do simples fato de congregar e de assistir aos cultos, dominicais nas igrejas cristãs. Estas práticas espirituais tornaram-se incompletas aos olhos daqueles que almejavam um aprofundamento espiritual.

A Reforma, por exemplo, representou uma ruptura que culminou numa igreja paralela. A Reforma pode ser considerada um movimento em busca de uma renovação espiritual. Este mesmo bloco reformado sofreu uma segmentação e deu origem a diversas outras denominações protestantes. A partir daí, surgiram inúmeras ramificações dentro do Protestantismo, uma delas é o movimento que deu origem ao Pentecostalismo, posteriormente conhecida como MP.

Desta forma, o Pentecostalismo é um movimento que se originou dentro do Protestantismo e tem como base principal a renovação espiritual de seus líderes e adeptos em geral. Esta renovação diz respeito à adoção e implementação dos dons do Espírito Santo dentro de sua prática litúrgica, bem como o de expandir estes dons para fora do templo, que se evidenciasse por meio da vida do fiel. Este é o alvo das mensagens pentecostais: buscar uma renovação que se manifeste efetivamente na vida particular dos fiéis e que se evidencie em toda a igreja.

Questões pouco tratadas no âmbito das igrejas históricas são averiguadas e pregadas nas reuniões pentecostais, tais como: a cura divina, a glossolalia, entre outras. Na Igreja Protestante Tradicional, estes elementos sequer poderiam ser citados.

O MP leva este nome por estar relacionado a uma Festa Judaica, denominada Pentecostes. Esta festa era celebrada cinquenta dias após a Páscoa, também conhecidos como a Festa das Semanas, realizada no fim da colheita do trigo, ou seja, dia seis do terceiro mês, denominado pelos judeus como mês de Sivân, o qual equivale ao mês de Junho, em comemoração ao recebimento do Decálogo.

Nesta festa, segundo o relato bíblico, situado no livro de Atos dos Apóstolos, capítulo 02, do versículo 01 ao versículo 04, houve a "descida" do Espírito Santo de Deus sobre todos os que estavam congregados no Cenáculo e a partir dessa manifestação espiritual, muitos começaram a orar em diferentes línguas⁵, sendo assim batizados com o Espírito Santo de Deus, conforme segue abaixo:

⁵ Falar em diferentes línguas - Linguagem Espiritual, conhecida como GLOSSOLALIA.

Ao cumprir-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar. De repente veio do céu um ruído, como que de um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam sentados. E lhes apareceram umas línguas como que de fogo, que se distribuía, e sobre cada um deles pousou uma. E todos ficaram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que falassem.

O Pentecostes cristão trata da comemoração da descida do Espírito Santo sobre a Igreja, conforme Cristo havia prometido aos seus discípulos enquanto estava com eles na Terra, ensinando sua doutrina.

Segundo A.C. de Souza (2004:15):

... o Cristianismo possui uma única origem: partiu do movimento que surgiu no mundo antigo com a manifestação de Jesus Cristo e, depois, difundido por seus apóstolos no mundo inteiro.

A difusão do Cristianismo, contudo, trouxe inúmeras ramificações, dentre as quais o MP. Para os cristãos, o dia de Pentecostes trouxe uma experiência unificadora, unindo judeus e gentios, formando uma só igreja. Estudiosos assinalam que o Pentecostes foi a mola propulsora para a origem da igreja cristã. E foi a partir de então que a igreja expandiu.

Nos tempos bíblicos, foi exatamente por ocasião desta típica festa, que houve a descida do Espírito Santo de Deus sobre todos os que estavam reunidos ali, assim culminando numa "renovação espiritual".

Segundo relato bíblico, a partir daquele momento, os discípulos ficaram repletos do poder de Deus, o próprio Espírito Santo e passaram a pregar ousadamente a mensagem do Evangelho onde quer que fossem.

Por onde passavam, entretanto, formavam discípulos e levantavam perseguições lideradas por opositores da fé cristã. Mesmo sofrendo contrariedades, espalhavam sua fé cristã e com isso a faziam crescer. Após este período de avivamento bíblico, a Igreja cristã se expandiu, teve lutas, vitórias, derrotas e conquistas, chegando aos dias de hoje.

As igrejas denominadas históricas espalhavam-se gradativamente. Com o passar dos anos, porém, o tradicionalismo doutrinário instaurado no seio do protestantismo trouxe um "esfriamento espiritual", que clamava por algo novo, por um despertar.

Nos últimos tempos, porém, um movimento chamado de "Reavivamento Espiritual" começou a se difundir no meio protestante norte-americano e foi chamado de "Movimento Pentecostal".

Segundo Bruce L. Shelley (2004: XV):

A missão da igreja ao longo do tempo necessita de instituições: regras especiais, líderes especiais, lugares especiais. Mas quando as próprias instituições obstruem a divulgação do Evangelho em vez de fazê-lo avançar, surgem movimentos de renovação para que se retome a missão básica da igreja no mundo.

O Reavivamento Espiritual trouxe o Pentecostalismo. Tendo, contudo, o Pentecostalismo moderno surgido por meio do Metodismo, não demorou muito para que no mesmo surgissem rupturas, as quais se transformaram em novas denominações⁶. A mensagem pentecostal espalhou-se por todo o mundo através das agências missionárias. As ênfases mais importantes do movimento pentecostal, desde o seu início, sempre foram, em geral, a possessão e o uso dos dons espirituais e a santificação. Entretanto, a virtude deste movimento é a sua ênfase na necessidade da renovação espiritual, por meio de experiências místicas.

John Wesley, fundador da Igreja Metodista, é considerado o maior precursor do movimento pentecostal moderno, devido à ênfase emocional nos cultos. No decorrer da História do Cristianismo, muitos buscavam esta renovação espiritual em várias partes do mundo.

⁶ Denominações - termo usado para igrejas distintas que professam a mesma fé.

No Metodismo, a renovação espiritual era pregada e buscada e o mover do Espírito Santo era constante. Após a estruturação deste movimento, houve a necessidade de evangelizar outras nações consideradas pagãs e disseminar a doutrina do Espírito Santo.

Através dos movimentos avivalistas dos séculos XVIII e XIX, a semente do pentecostalismo já estava plantada no protestantismo norte-americano. Nesta época, haviam os pregadores itinerantes, que acreditavam na perenidade da promessa do “derramamento do Espírito Santo”. Estes iam de um lugar a outro pregando a mensagem e espalhando a doutrina do Espírito.

Segundo John Wesley, após a justificação pela fé, doutrina difundida pelo Cristianismo que diz que mediante a fé em Jesus Cristo, o fiel é justificado e salvo de seus pecados, podendo gozar a vida eterna, o homem deveria dedicar-se com exclusividade à santificação. O movimento *Holiness*, surgido nos Estados Unidos da América em meados do século XIX apregoava por meio de seus evangelistas a mesma concepção difundida por Wesley. Posteriormente, este mesmo movimento veio a se distanciar dos metodistas por distinguirem conversão de santificação, atribuindo a santificação ao batismo no Espírito Santo e tendo como principais representantes Asa Mahan e Charles Finney.

Em 1880 aproximadamente, notou-se o surgimento de mais de duzentas denominações ou grupos de oração, como eram comumente chamados, nos Estados Unidos. Desta forma, foram surgindo os primeiros movimentos pentecostais.

Outros líderes como Charles Parham aprofundaram a discussão em torno do batismo com o Espírito Santo. Ele mesmo fundou o Lar de Curas Betel e o Colégio Bíblico Betel na cidade de Topeka, Kansas, EUA.

Agnez Ozman, uma das alunas de Parham, durante uma vigília sentiu a necessidade de receber oração mediante a imposição de mãos. Acreditava-se e ainda acredita-se, no meio pentecostal que com a imposição das mãos, a unção de Deus é “liberada” sobre a pessoa. Tendo a oração sido feita, Ozman falou em outras línguas sendo assim batizada com o dom da glossolalia, ou como é chamado pelos pentecostais, dom de falar em línguas estranhas.

Em 1905, Parham deu início a Escola Bíblica de Houston no Texas. W.J. Seymour, um pregador negro pertencente ao movimento *Holiness* era um de seus alunos. Seymour pregava com veemência a respeito da glossolalia, defendia esta prática sob todos os ângulos, pois a considerava como a sinalização do batismo com o Espírito

Santo. O ato de falar em "línguas estranhas" era considerado como a marca de batismo buscada nessas reuniões pentecostais, era o "selo do Espírito". Tendo ele se dirigido a pregar em Los Angeles, foi proibido de continuar suas preleções, pois causava escândalo aos protestantes mais conservadores, os quais acreditavam que o Pentecostes só teria ocorrido na época bíblica, não sendo possível sua continuação nas igrejas subseqüentes. Suas reuniões passaram, então, a ser feitas em uma casa ao norte de Los Angeles.

O MP, todavia, teve seu ponto de explosão em 1906, num velho prédio que abrigava uma igreja metodista de *Azuza Street*, em Los Angeles, EUA. Tratava-se de uma vigília, reunião de oração que acontece de madrugada, em que vários evangélicos, em sua maioria negros, oravam e buscavam a santificação pelo Espírito Santo de Deus. Desta forma, no meio deste clamor, houve tal qual no dia de Pentecostes uma manifestação espiritual semelhante, em que todos os presentes ficaram repletos do Espírito Santo, na sala daquele velho edifício. A alegria e o barulho eram tantos que chamou a atenção dos vizinhos e da imprensa da época.

William J. Seymour, sendo líder, conclamava os fiéis a algo além de um simples culto dominical; ele os chamava à santificação e à experiência de sentir o próprio poder de Deus. O falar em línguas estranhas seria a marca deste "mover". A eclosão do MP nos Estados Unidos, de onde se disseminou para o mundo, deu-se entre a população negra e em praticamente todos os lugares, as igrejas pentecostais iniciaram suas comunidades eclesíásticas entre a população de baixa renda. Seymour continuou a pregar naquele lugar por aproximadamente três anos, sendo que suas reuniões eram feitas de dia e de noite.

Antes deste episódio, ocorrido na rua Azuza, houve em outras localidades registros deste movimento que se caracteriza especialmente pela glossolalia, como por exemplo, com William F. Bryant, em 1896, que liderou o avivamento no condado de Cherokee, na Carolina do Norte.

Mas foi com o despertamento ocorrido na antiga Rua Azuza que o fez explodir, sendo descrito até mesmo pelos meios de comunicação da época e ficando registrado na História do Cristianismo como um dos maiores avivamentos ocorridos até os dias de hoje.

O MP desvinculou-se de organizações e de denominações existentes, pois se preocupava apenas em seguir as orientações do Espírito Santo. Isso pode explicar a abundância de denominações pentecostais existentes na atualidade, especialmente no

Brasil. O MP teve sua segunda fase após a Segunda Guerra Mundial, quando líderes pentecostais viram as igrejas tradicionais afetadas pelo movimento, pois, por ser avivalista, o MP gerou para si, durante o seu processo de formação, uma série de reações contrárias provenientes das igrejas tradicionais, pois, com efeito, perdiam seus membros para este novo movimento do Espírito Santo. Algumas das denominações pentecostais começaram a ter maior respeitabilidade no meio evangélico, pois passaram a fundar e a associarem-se a movimentos como "Associação Nacional dos Evangélicos", entre outras. Estes movimentos e associações permitiam um aprofundamento e um contato maior com as outras áreas da sociedade, como a política, por exemplo.

Após a Segunda Guerra Mundial, associando-se a outras formas de manifestações, como grupos e associações, o MP ganhou neutralidade entre as instituições tradicionais e deixou de ser visto como uma seita religiosa.

Os grupos pentecostais passaram, então, a associar-se e realizaram a sua primeira convenção em Hot Springs, no estado de Arkansas, em 1914. Foi através de tal convenção que houve o favorecimento da criação das Assembléias de Deus, denominação que posteriormente, apresentou um desenvolvimento muito acelerado, especialmente no Brasil.

Dois grandes avivamentos nos Estados Unidos são marcos importantes para a emergência do pentecostalismo moderno. Podemos denominar os avivamentos históricos como despertamentos, sendo que o primeiro aconteceu no início do século XVIII, e enfatizava a verdadeira conversão como essencial para a participação da vida na igreja. Nesta época, destacaram-se líderes como: Theodore J. Frelinghuysen, Gilbert Tennent e, sobretudo o pastor congregacional Jonathan Edward, este último, um homem bem preparado intelectualmente, proclamava uma espiritualidade que fosse, antes de tudo, fruto de uma direta comunhão com Deus. Suas reuniões aconteciam tendo como pano de fundo uma intensa atmosfera de emoção. Como este perfil ministerial se espalhou, pôde influenciar o surgimento posterior de movimentos denominados *Revival* (reavivalista) e *Holyness* (santificador).

O segundo grande avivamento surgiu já no fim do século XVIII, tendo-se prolongado até os anos 50 do século XIX. Este avivamento começou pela Igreja Congregacional, alcançou os batistas, os presbiterianos e os metodistas. Esse movimento foi menos marcado pelo emocionalismo, tendo como principal líder um advogado de Nova York, ordenado pastor presbiteriano, Charles G. Finney.

Atualmente, o MP atravessa fronteiras e tradições eclesiais e é mais cordialmente aceito do que em outras épocas e tem alcançado um número ilimitado de fiéis, nas mais diferentes denominações deste ramo.

Com estes movimentos avivalistas operando no seio da igreja, a doutrina do Espírito Santo deixou de ser o caminho coletivo para tornar-se uma experiência pessoal. Os pentecostais diferentes dos protestantes históricos acreditam que Deus, por intermédio do Espírito Santo e em nome de Cristo Jesus, continua a agir hoje da mesma forma com que agia no cristianismo primitivo, ou seja, curando enfermos, expulsando demônios, distribuindo bênçãos e dons espirituais, realizando milagres, dialogando com seus servos, concedendo amostras concretas de Seu supremo poder e bondade.

1.2.2.Primeiras Igrejas Evangélicas Pentecostais:

Apontamos, neste item, algumas das Igrejas Pentecostais que mais se desenvolveram nos últimos anos, sendo estas as precursoras das igrejas chamadas Neopentecostais, principalmente no Brasil e na América Latina. São tantas as igrejas pentecostais no Brasil que se torna quase impossível falar de todas elas, pois chegam a contar cerca de duzentas denominações diferentes entre si. As primeiras são: Assembléia de Deus, Congregação Cristã e Igreja do Evangelho Quadrangular.

A Assembléia de Deus é considerada uma das igrejas pentecostais que mais crescem no país. Foi fundada no estado do Pará por Daniel Berg, imigrante sueco que juntamente com Gunnar Vingren enfrentou as dificuldades de desbravar um novo campo e estabelecer ali sua ideologia religiosa. Na mesma época em que a Assembléia de Deus iniciou suas atividades nos Estados Unidos da América, outra denominação surgiu com as mesmas características de Igreja Pentecostal: A Congregação Cristã. Seu fundador foi Luigi Francescon, italiano, nascido na província de Udine, em 1866. Francescon imigrou para os Estados Unidos, chegando à cidade de Chicago em 1890, recebeu influências dos valdenses, cujos principais lemas eram: a Bíblia, especialmente o Novo Testamento como única regra de fé e sendo interpretada de forma literal. Como liturgia básica, encontrava-se o uso da oração dominical, ações de graças antes das refeições, a prática de ouvir confissões e a de celebrar em conjunto a santa ceia do Senhor. Francescon foi batizado com o dom de línguas em 25 de Agosto de 1907 e a

partir daí iniciou suas pregações, indo de Chicago para Nova York, Filadélfia, Saint Louis e Los Angeles.

Em 1918, outra denominação surgiu: A Igreja do Evangelho Quadrangular, tendo sido fundada em Los Angeles pela canadense Aimeé Semple McPherson. Sua fundadora foi metodista, sendo que durante sua adolescência frequentou por algum tempo a Igreja Batista.

Aimeé faleceu em 1944, tendo deixado a seu filho a tarefa de expandir e ampliar as atividades religiosas da Igreja do Evangelho Quadrangular.

1.2.3. Formações Pentecostais no Brasil

O desenvolvimento do MP tem sido maior na América Latina e o Brasil é o país onde mais se desenvolvem igrejas e congregações pentecostais. O Pentecostalismo, entretanto, nunca foi homogêneo, revela diferenças desde sua formação, sendo que constituiu-se com inúmeras diferenças internas. Os cultos chamados pentecostais têm como principais características o uso de cânticos alegres e informais e as orações simultâneas em voz alta.

As duas primeiras igrejas pentecostais fundadas no Brasil foram: Congregação Cristã e Assembléia de Deus, a primeira foi fundada em 1910 e a segunda em 1911. Ambas apresentavam desde o seu início diferenças doutrinárias, mas o traço marcante do Pentecostalismo, ou seja, a manifestação dos dons do Espírito Santo é que as caracterizava como sendo da linha pentecostal.

Tanto Luigi Francescon como Daniel Berg ouviram as primeiras pregações do mesmo pastor: W.H. Durham e ambos encontraram no Brasil uma oportunidade de evangelizar e formar novas congregações.

1.2.4. Igreja Congregação Cristã

Luigi Francescon foi o primeiro a embarcar rumo às terras argentinas e posteriormente brasileiras. Quando aqui chegou, estabeleceu-se na colônia italiana na cidade de São Paulo, fez amizade com Vincenzo Pievani, um morador do estado do Paraná, em Santo Antônio da Platina. Após ter passado certo tempo em São Paulo, Francescon iniciou outra parte de seu movimento no estado do Paraná, tendo como primeiros membros apenas onze pessoas e como igreja, a própria casa de Pievani.

Após o estabelecimento no Paraná, Francescon voltou para São Paulo e atraiu presbiterianos, metodistas, batistas e católicos que passaram, então, a organizarem-se formando novas congregações.

As Congregações Cristãs expandiram-se rapidamente pelo Brasil, pois sendo Francescon um operário, possuía uma linguagem simples e alcançava, em primeiro lugar, as camadas mais pobres da sociedade, tendo depois expandido entre a classe média, ganhando como adeptos empresários e comerciantes.

O modo de evangelismo da Congregação Cristã não se dá por meio de discursos proferidos em praças públicas ou emissoras de rádio, mas de maneira direta, em que se transmite a "palavra". Há, portanto, além desta característica, algumas diferenças entre a Congregação Cristã e as demais igrejas pentecostais. Uma delas é o fato de que, na Congregação Cristã, ao dirigente não é atribuído o cargo ou o nome de pastor, mas de ancião. O ancião, embora presida o culto, não necessariamente profere o discurso, ele apenas abre o culto e declara aberta a oportunidade para quem “sentir-se” inspirado a falar. Neste caso, qualquer homem pode proferir o discurso. O período de louvor, ou seja, de cânticos espirituais é feito apenas com instrumentos musicais sacros, não é permitido o uso de instrumentos populares como baterias, guitarras, pandeiros ou violões, o que é perfeitamente permitido nas igrejas neopentecostais da atualidade.

Os registros históricos sobre a Congregação Cristã não foram divulgados, sendo que pouco se sabe a respeito deste ramo do Pentecostalismo, porém sua citação é importante, pois traz indícios doutrinários que acompanham o movimento neopentecostal.

1.2.5 Igreja Assembléia de Deus

A Assembléia de Deus possui um vasto campo de divulgação de suas doutrinas e de seus cultos, tendo livros sobre sua fundação, jornais e periódicos, nos quais divulgam as suas doutrinas. Como se sabe, sua origem é proveniente dos Estados Unidos, tendo Daniel Berg e Gunnar Vingren como missionários enviados ao Brasil. Ambos os missionários americanos, ao chegarem ao país em 1910, eram batistas tendo ficado hospedados no templo da igreja batista em Belém do Pará.

Dentre as primeiras dificuldades encontradas estava a de dominar o idioma, mas, ao vencer esta barreira, os dois missionários iniciaram seus trabalhos junto aos próprios membros da denominação de que faziam parte.

Tendo os batistas que já se haviam estabelecido em território nacional, discordado das idéias dos dois missionários, que pregavam a renovação espiritual e o batismo no Espírito Santo, houve separação entre os missionários suecos e a liderança batista local.

Segundo Luis de Castro Campos Júnior (1995: 31):

Quando apareceram as manifestações pentecostais, (então iniciais, como línguas, profecias), os adeptos das idéias de Berg foram expulsos da Igreja batista em uma reunião extraordinária.

Desta maneira, foram ao todo cerca de dezenove pessoas que deixaram a igreja batista e unindo-se aos missionários suecos, formaram a Missão da Fé Apostólica, não utilizando, neste primeiro momento, o nome Assembléia de Deus como nos Estados Unidos.

As primeiras reuniões ocorriam na casa do paraense Henrique de Albuquerque, e expandindo-se rapidamente por todo o estado do Pará. O primeiro templo foi inaugurado em 1914. Após esta primeira fase de implantação, outros missionários suecos vieram para o Brasil, sendo que dentre eles encontravam-se Samuel Nystron e Joel Carlson, que vieram para dar sustentação a este movimento pentecostal que se expandia.

O nome Assembléia de Deus foi adotado em 1918, tendo chegado à ilha de Marajó e percorrido a estrada de ferro Belém - Bragança, de onde passou para os estados do Nordeste e seguiu em direção ao Sul do país.

O trabalho pentecostal da Assembléia de Deus no Brasil passou por quatro fases: A primeira (1911-1924) foi a de divisão e de construção do primeiro templo; a segunda (1924 - 1930) foi quando ocorreu a expansão do movimento por todo o estado do Pará; a terceira (1930-1950) foi quando houve a expansão da Assembléia de Deus no estado do Pará e estados vizinhos como Maranhão, Amazonas e Ceará e a quarta fase (1950-1990) foi marcada por um crescimento considerável, com ênfase no trabalho missionário.

O primeiro pastor brasileiro a dirigir a Assembléia de Deus de Belém foi Francisco Pereira do Nascimento e isto só ocorreu em 1950, pois até então os líderes do movimento eram todos imigrantes suecos.

A Assembléia de Deus tradicional adota algumas posturas radicais em relação aos seus membros, como o uso de vestuários diferenciados para homens e mulheres. Seus líderes podem participar ativamente da vida pública, sendo que alguns chegam a serem eleitos para cargos políticos, como deputados estaduais e ou federais. Os assembleianos foram os primeiros a ingressarem na vida pública, abrindo espaço para outros membros de outras denominações. Nos Estados Unidos, há a liberação do uso de cosméticos para as mulheres, sendo que ainda nos dias de hoje, em algumas regiões do Brasil estes não podem ser usados em nenhum momento. No Brasil, as mais antigas costumam separar os homens das mulheres dentro de seus templos, sendo que há lugares determinados para os homens e lugares determinados para as mulheres. Os seus cultos possuem uma organização dentro da mesma linha de raciocínio, sendo que há diversos cultos que se estendem durante toda a semana, como cultos de oração, culto de doutrinas, cultos públicos etc. Dentro da própria Assembléia de Deus, há movimentos radicais, mas com a expansão e o surgimento de novas lideranças algumas regras em determinadas regiões não têm sido mais aplicadas.

Em relação à sua organização hierárquica, a Assembléia de Deus segue o mesmo modelo das igrejas protestantes históricas, sendo o seu órgão máximo a Convenção Nacional, onde estão vinculados pastores e evangelistas.

Os pastores, atualmente, passaram a cursar Teologia, o que não ocorria em tempos remotos. A Assembléia de Deus passou a preocupar-se com a formação teológica de seus líderes devido ao crescimento de sua denominação. Atualmente, há muitas Assembléias de Deus espalhadas pelo Brasil e muitas delas já se desligaram da antiga Convenção e tornaram-se autônomas, usando apenas o mesmo nome, mas seguindo sua própria organização hierárquica ou formando sua própria Convenção. A Igreja Evangélica Assembléia de Deus é muito importante no cenário neopentecostal, pois dela se originaram outras congregações que se tornaram autônomas e aderiram à linha doutrinária neopentecostal.

1.2.6. Igreja do Evangelho Quadrangular

Dentro da corrente pentecostal, destaca-se também a Igreja do Evangelho Quadrangular. Esta denominação trouxe um grande diferencial para as igrejas históricas e pentecostais: a mulher como ministra. Aimeé Semple Mcpherson foi, por assim dizer, uma pioneira, em se tratando de liderança eclesiástica feminina. Atualmente, no Brasil, muitas mulheres são pastoras da Igreja do Evangelho Quadrangular, muitas delas dirigem suas congregações sozinhas, auxiliadas apenas pelos obreiros. Esta denominação chegou ao Brasil em 1951, sete anos após a morte de sua fundadora. Nesta época, o Pentecostalismo já havia atingido a América do Sul. Harold Williams, missionário na Bolívia, trouxe a Igreja do Evangelho Quadrangular ao Brasil. Em 1953, Williams iniciou a expansão da obra, valendo-se de uma estratégia diferente de Evangelismo: as tendas de lonas. A Igreja do Evangelho Quadrangular, embora um tanto mais liberal do que as que foram anteriormente citadas, conserva a base de sua doutrina pentecostal, dando ênfase ao batismo do Espírito Santo e à cura divina.

Harold Williams e Raymond Botright, missionários americanos chegaram à cidade de São Paulo e nas tendas de lonas, divulgaram as suas atividades, tornando mais próximo o contato com as pessoas. A ênfase na cura divina impulsionou, sobremaneira, as atividades da igreja, que, em 1964, já contava com cerca de vinte e cinco mil membros. A construção dos templos segue-se após o uso das tendas e não seguiu características arquitetônicas padrão.

Da mesma maneira que na Assembléia de Deus, alguns dos líderes da Igreja do Evangelho Quadrangular também participam da vida política, podendo candidatar-se aos mais diferentes cargos públicos.

Além da cura divina, a Igreja Quadrangular baseia sua doutrina em quatro funções da pessoa de Cristo: Jesus Cristo cura, Jesus Cristo é rei, Jesus Cristo batiza e Jesus Cristo em breve voltará. Estas interpretações estão baseadas na Bíblia, no Antigo Testamento, no livro de Ezequiel, capítulo 01, versículo 10.

Sendo de origem americana, os cargos de presidência desta organização sempre foram ocupados por norte-americanos, sendo que, só a partir de 1980, os brasileiros tiveram acesso a este cargo.

A Igreja do Evangelho Quadrangular ficou, também, conhecida como "CRUZADA" devido ao uso das tendas e de seus cultos serem feitos em vários e diferentes lugares. Muitos líderes neopentecostais tiveram suas influências religiosas retiradas da Igreja do Evangelho Quadrangular. Podemos citar como exemplo, o pastor Walter de Lima Filho, presidente da Comunidade Hebrom e o pastor Wanderley

Roberto Jorge, que tendo passado pela Comunidade Hebrom, é atualmente presidente da Comunidade Evangélica Monte Sião.

1.3. Pentecostalismo Brasileiro

A partir de 1950, o perfil do pentecostalismo no Brasil sofreu uma mudança considerável, pois até então, as denominações que mais cresciam no país eram de origem estrangeira.

A partir do crescimento do Pentecostalismo proveniente do exterior, outros líderes pentecostais nacionais começaram a surgir, adotando a mesma ideologia pentecostal, adaptando-a e ampliando-a posteriormente.

1.3.1. Igreja Pentecostal O Brasil para Cristo (IPBC)

A Igreja Pentecostal O Brasil para Cristo teve como seu fundador o pernambucano Manoel de Melo, que tendo começado como evangelista da Igreja Assembléia de Deus, fundou o seu próprio trabalho pentecostal. Em seu currículo, há uma estada na Igreja do Evangelho Quadrangular onde assimilou as estratégias evangelísticas do tempo das tendas.

Ao dar início à sua igreja, utilizou o rádio para a veiculação de sua mensagem, a fim de atingir um número considerável de pessoas.

Em 1956, Melo fundou a sua própria igreja como um diferencial de se filiar ao Conselho Mundial de Igrejas, pois como já citado, as igrejas pentecostais de até então, viam-se solitárias em sua tarefa de expansão. Em 1962, Melo iniciou a construção de seu maior templo, no bairro da Pompéia, em São Paulo, tendo sido inaugurado em 1979. O templo ocupava uma área de aproximadamente 22 mil metros quadrados e tinha a capacidade para abrigar cerca de 25 mil pessoas sentadas. É um dos maiores templos pentecostais do Brasil.

Por ser de origem nordestina, Manoel de Melo foi identificado com grande número de conterrâneos que haviam chegado à cidade grande, pois na época em que a Igreja Pentecostal O Brasil para Cristo estava em expansão, havia uma intensa

urbanização do Brasil e isto facilitou a identificação e a pregação de um pentecostalismo tipicamente brasileiro. Com a morte de seu fundador, a liderança da denominação foi assumida por seu filho Paulo Lutero de Melo, o qual se encontra na liderança até os dias de hoje.

1.3.2. Igreja Pentecostal Deus é Amor (IPDA).

A Igreja Pentecostal Deus é Amor é, sem dúvida, uma das mais radicais igrejas pentecostais até o momento. David Miranda, seu fundador, é também um migrante brasileiro. De origem paranaense, ao sair de seu estado fixou-se por algum tempo em São Paulo, onde freqüentou a Igreja Pentecostal O Brasil para Cristo. Em 1961, porém, resolveu formar o seu próprio ministério no bairro de Vila Mariana. Utilizando o rádio como principal forma de expansão, conseguiu atingir grande parcela da população carente e foi gradativamente expandindo seu ministério, alugando ou comprando salões. Tendo a rádio Tupi entrado em decadência, David Miranda a comprou. As mensagens de Miranda têm como base as profecias, milagres e conselhos, que são fortemente aceitos nas periferias das grandes cidades. Suas mensagens passaram a ser transmitidas para toda a grande São Paulo e depois veiculadas para todo o Brasil. Desta forma, angariou mais adeptos para sua igreja, bem como aumentou os seus recursos financeiros, os quais chegavam através de contribuições voluntárias. Com os recursos adquiridos, Miranda pôde investir em imóveis, construiu seu imenso templo com 83 portas, o qual comporta cerca de 20 mil pessoas sentadas. A partir daí, investiu em gravações musicais e veio a fundar a gravadora Voz da Libertação, que vende seus produtos nas próprias igrejas.

Em 1982, David Miranda conseguiu adquirir a rádio Universo de Curitiba, uma emissora de alcance nacional e de alcance a outros países da América do Sul. O número de programas transmitidos é elevado, com transmissões diárias, por isso, conseguiu atingir Buenos Aires, Assunção, Montevideu e Lima.

David Miranda é conhecido como missionário, sendo que, em suas igrejas, há pastores e obreiros que o auxiliam a conduzir o culto. Uma estratégia adotada por esta denominação é a de transmitir seus cultos ao vivo pelo rádio com seções de exorcismos, em que, ao intercederem pelas pessoas, elas caem no chão e os obreiros narram o que está acontecendo naquele momento.

Em seus cultos, há apelos do tipo: "Quem vai aceitar a Jesus hoje?". Se, em meio a platéia alguém levanta a mão em sinal positivo, é convidado a ir à frente do púlpito, a fim de receber oração. Esta prática é bem difundida na grande maioria das igrejas pentecostais. Na Igreja Pentecostal Deus é Amor as mulheres podem dirigir trabalhos, como reuniões de orações, mas a liderança máxima da Igreja, como por exemplo, o pastorado, é exercida unicamente por homens.

O uso de aparelhos de televisão, vestimentas não modestas estão previstas em seu estatuto sob punição de exclusão de seus membros. Todos os fiéis para se tornarem membros devem ser batizados na igreja.

1.3.3. Igreja Universal do Reino de Deus (IURD)

A Igreja Universal do Reino de Deus é considerada a mais polêmica de todas as denominações pentecostais. Seu fundador, Edir Macedo, um ex-funcionário público da Casa de Loterias do Rio de Janeiro. Frequentou durante algum tempo a Igreja Pentecostal Nova Vida e saiu para fundar um movimento separado, a fim de poder colocar em prática suas concepções de avivamento. A Igreja teve início numa funerária, e veio a se transformar mais tarde em um grande império.

Edir Macedo, ao fundar a IURD, contou com a ajuda singular de seu cunhado Romildo, mas não conseguiram caminhar juntos, uma vez que tiveram divergências e separaram-se. Romildo fundou a Igreja Internacional da Graça de Deus, da qual é líder como missionário até os dias atuais.

Com um discurso imediatista, Edir Macedo deu início às suas atividades em 1977, na cidade do Rio de Janeiro. Do Rio de Janeiro se espalhou para quase todas as capitais dos estados brasileiros, tendo maior desenvolvimento na Bahia e no Rio de Janeiro. A IURD, além das áreas carentes da população, consegue atingir as classes média e média alta da população. Para isso, utiliza meios de comunicação como o rádio e a televisão, a fim de expandir sua mensagem pentecostal de cura e libertação. A IURD tem a opção de adaptar seus discursos aos diversos setores da sociedade o que facilita em muito o seu crescimento.

Ao atingir a televisão, passou a fazer o que David Miranda fazia pelo rádio, expulsar os demônios das pessoas. Na IURD, não há distinção em relação ao uso das roupas, principalmente para as mulheres, como no caso da Assembléia de Deus e da

Congregação Cristã. As pessoas podem usar as vestes da maneira que quiserem, atentando apenas para a modéstia.

Segundo L de C. Campos Jr. (1995:56):

As doutrinas preconizadas por ele (Edir Macedo) são as mesmas do pentecostalismo, o que muda é a forma como elas são transmitidas. Nesse sentido, pode-se considerar que a IURD encontrou uma maneira eficaz para sua expansão, que começa já na preparação de seus pastores, na instituição encarregada de formar os futuros líderes. Eles recebem uma instrução "fundamentalista" (como os demais ramos pentecostais), mas se destacam dos demais por introduzirem, nos cultos, um estilo de show.

Edir Macedo, além de líder da IURD desponta como empresário de sucesso, pois em pouco tempo, conseguiu adquirir 14 emissoras de rádio, a TV RECORD, uma gráfica, uma construtora, 02 jornais e templos fora do Brasil. A IURD já chegou à Argentina, Colômbia, Peru, Portugal, Angola e Estados Unidos. No Brasil, promove grandes concentrações de fiéis e dispõe de cerca de 700 templos, alguns deles, luxuosos.

1.4. O Neopentecostalismo

Por volta do ano de 1960, um ministro episcopal de Van Nuys, Califórnia, chamado Dennis Bennet, disse ter experimentado o Espírito Santo nos moldes pentecostais. Foi assim que teve início o chamado Movimento Neopentecostal. Neste meio há um terceiro movimento que devemos considerar que é o chamado "Fim de Semana de Duquesne", que foi assim chamado devido a Universidade de Duquesne, onde, em 1967 surgiram os "carismáticos católicos" (Peter C.Wagner, 2004: 21). Assim como o MP é oriundo do Protestantismo Histórico, o Movimento Neopentecostal origina-se do próprio MP.

As igrejas pentecostais, sobretudo as que já foram citadas, impulsionaram a formação das neopentecostais, que seguem as mesmas doutrinas e ideologias outrora implementadas pelas igrejas pentecostais, porém, com algumas diferenças básicas.

Em geral, nas igrejas Neopentecostais, há o uso dos mesmos elementos das igrejas pentecostais, tais como: orações em voz alta, cânticos, glossolalia, porém, acrescenta-se a estes cultos, práticas diferentes, tais como o discurso da prosperidade financeira, a cura divina, o cair pela unção, as mudanças nos costumes de vestir dos fiéis, a dança e a liturgia do culto. É importante, contudo, lembrar que nem todas as igrejas neopentecostais utilizam-se de todas práticas mencionadas acima. Um exemplo disso é que não se encontra na Comunidade Evangélica Monte Sião o discurso da prosperidade, tal qual veiculado pelas neopentecostais de grande porte, como a Igreja Apostólica Renascer em Cristo.

As igrejas neopentecostais, todavia, têm-se expandido rapidamente. Geralmente, são igrejas independentes, desvinculadas de Convenções Gerais, e que criam suas próprias Convenções.

No Brasil, temos muitos exemplos, tais como: Igreja Renascer em Cristo, Comunidade Sara Nossa Terra, Cristo Centro, Igreja Internacional da Graça de Deus, entre outras. O número das neopentecostais é também grande em relação às pentecostais.

A ideologia pregada pelos pentecostais de que é necessário adotar um discurso de “rejeição do mundo”, ou seja, da não valorização de coisas consideradas “mundanas” e direcionar o olhar para “as coisas do alto”, buscando uma transcendência e um contato com o divino pela abnegação de si mesmo e da devoção total, é alterada pela maioria das neopentecostais, pois pregam o oposto.

Muitos neopentecostais valorizam o mundo, por meio de bênçãos materiais, de riqueza, incentivando a Teologia da Prosperidade. A posse de bens é vista como bênçãos de Deus na vida do fiel, pois, segundo pregam, Deus é o dono do ouro e da prata e pode facilmente presentear seus filhos com estes tesouros.

Uma outra característica marcante das igrejas neopentecostais é o fato de que em sua maioria, estas utilizam o termo Comunidade para instituírem o nome de sua denominação. Comunidade é um nome expressivo, pois quer indicar que todos os membros pertencentes a determinado grupo, possuem um objetivo em comum.

No pentecostalismo antigo, os fiéis não entravam em questões políticas ou sociais, em geral, porque diziam ser separados do mundo, uma vez que se contentavam

apenas com o domínio do espaço dentro da igreja, o que chamavam de obra ministerial. Já no neopentecostalismo, muito se vê de bispos e pastores inseridos no meio político, com a motivação de angariar mais fiéis às suas igrejas, através de seus partidos, bem como de favorecer as igrejas, representando-as no cenário político da atualidade.

Temos que considerar outras mudanças dos neopentecostais em relação aos pentecostais, tais como: a espontaneidade com que os pastores conduzem os cultos, o espiritual que toma o lugar da reflexão teológica, estes também aboliram, em sua maioria, os estereotipados e tradicionais usos de roupas e costumes de santidade praticados no pentecostalismo. Atualmente, há, nas igrejas neopentecostais o uso liberal das roupas, tanto para mulheres como para homens. Os mesmos trajes adotados pela sociedade e pela juventude são tolerados dentro das igrejas neopentecostais, faz-se necessário, entretanto, que haja a modéstia.

A partir destas diferenças básicas, instaura-se, portanto um novo estilo no meio evangélico da atualidade, que pode ser percebido na própria forma de pregar dos pastores, na forma de se louvar a Deus, muitas vezes, com danças e coreografia ensaiadas, a forma de se aproximar do divino, com intimidade, como filhos de Deus.

Dentre todas as diferenças que o neopentecostalismo vem implementando a mais significativa, sem dúvida, é a da exposição do discurso. O discurso, outrora ministrado de modo tradicional, valorizando-se mais a exposição teórica dos fatos bíblicos, passa a ser ministrado com um toque de emoção, e com uma linguagem acessível e muito próxima dos fiéis. A grande maioria dos pastores neopentecostais prega com lágrimas, usam da emoção para cativar seu público, esbravejam, usam também muitas palavras carinhosas. Com estes recursos, fazem crer que Deus é quem está falando com a platéia através de suas vozes.

No lugar de um Deus duro, castigador, há a imagem de Deus que é pai, que deseja abençoar Seus filhos, que recebe os mais perversos pecadores. A linguagem é trabalhada para este fim, pois quanto mais acessível, melhor será a sua veiculação.

Um outro fator interessante a ser ressaltado no meio Neopentecostal é o sistema de símbolos sagrados usados por líderes dessa nova ideologia. Muitos pastores valem-se de símbolos sagrados e até os comercializam entre os fiéis com a intenção de auxiliá-los a exercitar a fé. Os símbolos sagrados usados no neopentecostalismo possuem esta intenção. Muitas das igrejas neopentecostais costumam realizar campanhas, onde instituem símbolos e os apresentam como sagrados tais campanhas recebem diversificados nomes como, por exemplo: Campanha da Rosa de Saron, Campanha do

Muro das Lamentações, Campanha do Sal, entre outras. Acredita-se que, por intermédio destas campanhas, o fiel passa a obter certa autoridade a fim de expulsar demônios, realizar curas divinas, receber bênçãos materiais, etc.

No meio neopentecostal, todas estas bênçãos são adquiridas através da fé, principalmente na oração do pastor, que, neste caso, representa o papel de homem de Deus e que, mediante a imposição de mãos, traz para a vida do fiel, o poder sobrenatural de um Deus que atua através de sua própria vida.

Diferentemente do pentecostal, o neopentecostal não imputa à vestimenta um caráter doutrinário, antes, valoriza mais o interior do fiel do que o exterior. A rejeição do mundo e das coisas que ele oferece sempre foi algo muito valorizado no universo protestante. A crença na vida eterna era, portanto, a grande recompensa e o anelo de todo cristão.

Segundo este pensamento, o fiel, a fim de conseguir a vida eterna, deveria ser virtuoso, ter grande moral, bons pensamentos, realizar boas ações, converter fiéis com seu testemunho diário etc. Este deveria expressar idoneidade principalmente na maneira de trajar-se. A estética e a vaidade até então eram desconsideradas. A maneira de vestir acaba funcionando como um pronunciamento verbal que veicula uma mensagem de santidade e de pureza, pois, mediante esta concepção, santificar-se é separar-se do mundo e principalmente das coisas que o mesmo oferece, isto inclui o vestuário.

Estes estereótipos de santidade têm desaparecido do universo evangélico das igrejas neopentecostais. Uma das características dos cultos neopentecostais é exatamente não adotar os tradicionais e estereotipados usos e costumes de santidade. Tal prática tem atraído membros de outras igrejas pentecostais, conforme afirma Ricardo Mariano (1999:189):

Para desgosto dos legalistas e alegria dos fiéis que se sentiam constrangidos e reprimidos, em especial os jovens e segmentos de classe média, elas aboliram as “vestes dos santos”. Exemplo eloqüente disso são as igrejas difusoras do movimento gospel, que pregam o Evangelho através do rock e dos demais ritmos profanos da moda.

O neopentecostalismo não se detém dentro destes parâmetros de santidade. Ele rompe com todas estas manifestações, o que faz com que o seu crescimento avance e que ganhe cada vez mais adeptos nas mais diferentes classes sociais.

Nesta nova fase do pentecostalismo, uma outra mudança importante é notada: o papel da mulher dentro das igrejas neopentecostais é destacado. Ao contrário do que se via no pentecostalismo, a mulher, nas igrejas neopentecostais pode ocupar cargos de liderança, como nunca se ocupou antes.

Esta prática tem levado as igrejas pentecostais, bem como as protestantes tradicionais a questionarem e a se oporem. Ainda assim, é cada vez mais crescente o número de mulheres que assumem posições de liderança, tais quais: pastorado, obras missionárias e até assumem o cargo de bispas das grandes igrejas.

Nas igrejas neopentecostais em geral, elas atuam como mentoras de ministérios, opinando e decidindo situações antes atribuídas tão somente aos homens.

Esta ruptura com a liderança masculina marca uma nova fase dentro do meio evangélico, pois através da mesma, muitas mulheres passaram a ter responsabilidades maiores, pois podem expressar-se através da religião da mesma maneira que seus maridos antes faziam.

O papel de liderança conquistado pelas mulheres no neopentecostalismo mostra uma mudança de *ethos* no cenário evangélico atual, assim como a inserção de movimentos corporais nos cultos das igrejas neopentecostais.

A entrada de movimentos corporais como dança, gestos e pulos no culto é defendida através da citação de uma passagem bíblica em que o rei Davi teria dançado na presença do Senhor. Esta passagem bíblica, entre outras, tenta justificar toda esta dinâmica contida nos cultos das neopentecostais. Nestes cultos, os fiéis dançam, batem palmas, abraçam uns aos outros, valem-se dos gestos, a fim de expressarem o quanto estão sentindo, conforme chamam, a alegria do Senhor. As igrejas neopentecostais agora adotam instrumentos musicais que contribuem para a prática dos mais diferentes ritmos de músicas, antes considerados mundanos, tais como rap, rock, entre outros... O uso de baterias, contrabaixos, guitarras e violões impulsionam músicas que lidam diretamente com a emoção dos fiéis e acrescido a isto, temos a dança. À música é, portanto, atribuído um valor e uma importância significativa, pois o canto é o responsável pela elevação do clima emocional e, conforme verificamos, prepara os fiéis para o recebimento da mensagem principal, ministrada pelo pastor.

A exposição do discurso completa é considerada a parte mais importante do culto. Com estes elementos, os fiéis podem sair de suas igrejas com a sensação de terem participado ativamente de um ato de adoração, de um acontecimento e não tão somente, de terem cumprido com uma obrigação religiosa.

1.5. Comunidade Evangélica Monte Sião – Breve Histórico.

Em meio a este cenário de desenvolvimento das igrejas neopentecostais, nasceu uma nova igreja, que vem adotar alguns princípios pentecostais, inserindo outros de caráter neopentecostal. A Comunidade Evangélica Monte Sião (CEMS) nasceu com estas características.

Durante a fase de sua organização, posteriormente foi adotado o nome de Comunidade, pois no meio neopentecostal, conforme ressaltamos outrora, a palavra Comunidade indica uma nova igreja, em que, conforme a etimologia da palavra, todos os membros devem ter o mesmo objetivo e lutar pelo mesmo propósito em comunhão.

Comunhão, todavia, é a principal meta da CEMS. Desde que foi fundada, tem como principal meta atrair os fiéis e prosélitos a partir de uma mensagem simples e direta, que é veiculada num ambiente de característica familiar. Seu fundador, natural de São Paulo, com apenas 40 anos de idade, tendo passado por outras religiões e outras denominações evangélicas, decidiu, juntamente com outras pessoas, após um acidente, dar início a um novo projeto que viria a tornar-se mais tarde na CEMS.

No ano de 1999, na COHAB do município de Carapicuíba / SP, uma criança de aproximadamente sete anos de idade, cujo nome é André, caiu do terceiro andar do

prédio de seu apartamento. Foi imediatamente socorrida, porém, ao chegar ao hospital, apresentava um grave estado de saúde.

Desesperada, a família se propôs a buscar ajuda espiritual para que a criança viesse a obter melhoras físicas, pois de acordo com os médicos que a socorreram, ela poderia não sobreviver a este acidente. Os médicos tiveram de encaminhar a criança para UTI, devido seu estado grave.

Desta forma, conhecendo o evangélico Wanderley e sua esposa Ana Paula, que moravam próximos ao apartamento de André, na COHAB de Carapicuíba, os pais da criança os chamaram para que orassem a Deus em favor da saúde do menino. Naquele momento, era a única coisa que podiam fazer, uma vez que todas as providências médicas haviam sido tomadas.

Wanderley e sua esposa Ana Paula visitaram André no hospital e oraram em favor do mesmo por várias vezes, mas as orações no hospital não foram suficientes, era preciso clamar mais intensamente e em outro lugar que possibilitasse permanecer mais tempo. Desta maneira, iniciou-se no apartamento deles uma busca diária em oração em favor de André, uma reunião de oração intercessória intensa, que agregava parentes e amigos de André e do casal. Esta busca foi seguida da ministração da Palavra de Deus, ou seja, a Pregação do Evangelho, transformando o apartamento da COHAB num Ponto de Pregação, um pequeno núcleo de oração, como denominam os cristãos pentecostais e neopentecostais.

Com o passar dos dias, enquanto a criança ainda estava no hospital, as pessoas da vizinhança foram chegando ao apartamento e se adaptando ao local que se tornara um local de culto. As reuniões se prolongavam dia a dia.

Com a frequência de novas pessoas que, pouco a pouco, foram se juntando ao grupo, o apartamento ficou pequeno, pois já não cabiam mais tantos adultos e crianças que se reuniam para buscar a Deus. A pequena garagem do apartamento teve de ser usada para as aulas bíblicas infantis e assim dava-se início, numa casa, como nos tempos da igreja primitiva, o que viria a ser posteriormente a Comunidade Evangélica Monte Sião.

O menino André foi curado, sem seqüelas, conforme mostra o laudo do hospital Cruzeiro do Sul em Osasco e atualmente é um testemunho vivo deste milagre de Deus. As reuniões no apartamento, entretanto, continuaram e a cada semana crescia mais.

Com o passar dos dias, a liderança percebia que, no apartamento não seria mais possível permanecer devido ao espaço ter ficado muito pequeno, foi aí que surgiu a

idéia de se alugar um pequeno salão para as reuniões. As pessoas que freqüentavam o local passaram a poupar os seus dízimos e ofertas, a fim de procurarem um lugar maior para alugar. Este foi o passo principal para a formação da nova igreja. No início do ano de 2000, alugaram uma pequena sala comercial em cima de um açougue no bairro do Jaraguá, São Paulo que, embora sendo distante de Carapicuíba, não apresentava transtorno para se chegar ao local.

Naquela sala, todos os domingos, faziam-se reuniões e cultos de adoração a Deus, e a igreja se expandia. Foi improvisado um local para adaptar as crianças, um outro a fim de se adaptar os músicos, bem como uma pequena cozinha para que fossem feitos lanches e café. Nestas reuniões, havia oração, louvor, recolhimento de ofertas, testemunhos, ministração da Palavra de Deus, todos os componentes que formavam uma reunião pentecostal.

Naquela pequena sala permaneceram até 2001 e um pequeno núcleo da igreja continuava a se reunir em Carapicuíba durante a semana, mas mudaram do apartamento para uma pequena garagem próxima ao local. No segundo semestre de 2001, tiveram de alugar um salão maior no Jaraguá, pois a sala em cima do açougue ficou pequena demais para comportar tantas pessoas. Este novo salão passou a ser a sede da Igreja e o núcleo de Carapicuíba, o ponto de pregação filial.

Após a mudança para este novo local, durante três anos e meio, no salão novo do bairro do Jaraguá, muitas coisas aconteceram; o ano de 2003 constituiu-se num ano de organização eclesiástica, pois houve ordenações ministeriais para diáconos (auxiliares imediatos dos pastores na organização dos cultos), levitas (músicos e cantores), presbíteros (pastores auxiliares) e evangelistas (pregadores itinerantes) e em 2004, houve a primeira ordenação para pastores da CEMS.

A partir desta segunda ordenação, um casal de pastores, Paulo e Sandra, assumiu o Ponto de Pregação em Carapicuíba e os pastores presidentes Wanderley e Ana Paula mudaram-se para Perus, abrindo também uma nova filial neste bairro. Iniciaram-se dois pontos de pregação, um em Pirituba, proveniente de um trabalho de evangelização em uma área carente e outro no Conjunto dos Bandeirantes, também no bairro Jaraguá, ambos os trabalhos eram dirigidos pela pastora Daniela.

No mesmo ano, agregou-se à CEMS um novo ponto de pregação que viria a se tornar a terceira filial, no Morro Grande, dirigido pelo pastor André.

Desde sua fundação, a Igreja tem realizado batismos por imersão, conforme o exemplo bíblico de Jesus e conta com aproximadamente 250 membros.

No segundo semestre de 2004, inaugurou o Seminário Bíblico Teológico Monte Sião (SBTMS), que tem o propósito de ensinar Teologia de uma maneira simples, acessível e abrangente, visando à formação ministerial do obreiro cristão. O seminário está funcionando na sala ao lado do primeiro salão da CEMS, em cima do açougue, onde tudo começou.

Atualmente, a sede da CEMS está situada em um outro salão maior do Jaraguá, na Vila Aurora, pois o anterior também ficou pequeno demais para comportar o número atual de membros, a CEMS programou ministérios como o Ministério Resgate (Evangelificação, consolidação, visitação, discipulado e grupos familiares), Ministério de Jovens e Ministério Infantil, além de outros.

A CEMS é uma igreja que tem características teológicas da linha pentecostal e está enquadrada, para fins de estudos, na categoria das igrejas neopentecostais, sua maneira simples de ensinar as verdades bíblicas tem levado o povo a aderir ao discurso religioso veiculado pela mesma. Em seus seis anos de existência, tem estruturado famílias e restaurado ministérios. Atualmente conta com cinco pastores e três filiais, com cultos semanais, possui eventos para todas as idades e procura atender as necessidades de seus membros mais necessitados através da Assistência Social.

Como a maioria das igrejas neopentecostais, traz doutrinas como dízimos, ofertas, batismos por imersão, casamentos cristãos além de práticas litúrgicas como danças, músicas e cantos alegres.

A CEMS é uma igreja que tem como propósito principal formar discípulos, estruturar famílias, desenvolver ministérios e ensinar a Palavra de Deus.

Seus pastores presidentes, Wanderley Roberto Jorge e Ana Paula de Oliveira Jorge tiveram uma formação eclética, sendo que antes de se converterem ao protestantismo, foram católicos, espíritas e vivenciaram doutrinas místicas de toda sorte.

Em 1991, porém converteram-se ao pentecostalismo através da Igreja Bíblica Evangélica da Comunhão, igreja situada no bairro da Lapa, na capital paulista. Nesta denominação permaneceram por volta de um ano, tendo após este primeiro contato, mudado para outra denominação evangélica, Igreja do Evangelho Quadrangular, igrejas de origem pentecostal. Nesta denominação, exerceram o ministério do diaconato por aproximadamente três anos. Ainda nesta época, cursaram o ITQ (Instituto Teológico Quadrangular), a fim de obter capacitação para futuros ministérios.

Em 1996, foram para a Comunidade Hebrom, sendo que ali trabalharam como presbíteros até o ano de 1998. Estas experiências ministeriais os capacitaram para mais

tarde presidir sua própria denominação, fazendo com que a mesma siga a ideologia neopentecostal, cujas diferenças já foram anteriormente citadas.

As principais doutrinas apregoadas pela CEMS são: Trindade, Batismo nas águas por imersão, Batismo com o Espírito Santo, Salvação pela graça e não por obras, arrebatamento da igreja (Conforme livro de Apocalipse), existência do céu, existência do inferno, Jesus Cristo como único salvador e mediador entre Deus e os homens.

Seguindo estas doutrinas, foram formadas classes de escolas bíblicas internas, onde os membros podem se matricular e aprender mais a respeito dos ensinamentos bíblicos apregoados pela instituição. Além disso, são realizados anualmente batismos por imersão, além de casamentos e renovações de alianças (votos matrimoniais). Regularmente são organizados retiros espirituais (acampamentos) a fim de se discursar aos jovens e adolescentes, trazendo-lhes ensinamentos bíblicos.

A CEMS possui um trabalho de assistência social, no qual são distribuídas algumas cestas básicas para as famílias que mais necessitam. O Seminário Bíblico Teológico Monte Sião foi fundado com a primeira intenção de formar obreiros para a própria igreja, bem como para outras denominações. O curso oferecido é o básico em Teologia e, tendo o obreiro cursado o Seminário, será considerado apto a exercer os ministérios de diaconato e de presbitério dentro da igreja.

Como uma instituição ainda em desenvolvimento, a CEMS tem superado as suas próprias expectativas, trilhando um caminho árduo de sedimentação de suas doutrinas. Com um corpo ministerial composto de 08 pastores, 02 presbíteros, 05 evangelistas, 09 levitas e 14 diáconos, a CEMS procura estruturar-se e desenvolver-se a cada ano, conquistando um espaço importante dentro do cenário neopentecostal brasileiro.

1.5.1. Simbologia do logotipo da Comunidade Evangélica Monte Sião



O logotipo da CEMS foi baseado na Bíblia, como livro principal e direcionador da fé cristã. Assim como todas as igrejas protestantes, evangélicas, pentecostais e neopentecostais, o símbolo ou o nome das mesmas possui características que marcam a sua ideologia.

É sabido que o simbolismo, entretanto, está presente em todo o pensamento religioso e habita o imaginário dos fiéis, marcando uma ideologia e direcionando a mesma.

No caso da CEMS, o logotipo é formado de elementos simples, encontrados na própria natureza, considerada segundo discurso do relato bíblico, criação de Deus. São eles: a águia, o peixe, o trigo e as montanhas, os quais passam a ser explicados:

O nome Monte Sião foi atribuído à igreja devido ser este um nome de um local bíblico, ou seja, um monte situado próximo à cidade conhecida como cidadela de Davi. Os montes de Sião também protegiam a cidade dos ataques dos invasores, pois eram fortes e altos.

No desenho acima, é possível notar os montes atrás da águia, neste caso, como símbolo de proteção de Deus a Seu povo. Segundo o livro de Salmos 125: 01 temos.

Os que confiam no Senhor são como os montes de Sião, que não se abalam, e permanecem para sempre.

A águia: ave de rapina, de vôo rápido, de olhar penetrante, garras potentes e aguçadas, a águia é o símbolo de longevidade e rejuvenescimento. O logotipo da igreja Monte Sião, representa a vida do cristão, pois estando este com Deus, é lhe atribuído o poder de se fortalecer num Deus poderoso e de ter uma vida vitoriosa. Os versículos bíblicos que respaldam este símbolo são: Salmos 103:05;

... quem te supre de todo o bem, de sorte que a tua mocidade se renova como a da águia.

Ainda no livro de Isaías 40:31, temos:

Mas os que esperam no Senhor renovarão as suas forças, subirão com asas como águias; correrão e não se cansarão; andarão, e não se fatigarão.

O trigo que é levado nas garras da águia representa a primícia, os primeiros frutos da colheita que devem ser entregues ao Senhor. O trigo também representa alimento espiritual e material, resultante de uma vida colocada no altar de Deus. Este símbolo baseia-se em duas passagens bíblicas: Números 18:12:

Tudo o que do azeite há de melhor, e tudo o que do mosto e do grão há de melhor, as primícias destes que eles deram ao Senhor, a ti as tenho dado.

Ainda no livro de Esdras, capítulo 06:09, temos :

Igualmente o que for necessário, como novilhos, carneiros e cordeiros, para holocaustos ao Deus do céu; também trigo, sal, vinho e azeite, segundo a palavra dos

sacerdotes que estão em Jerusalém, dêem – se – lhes isso de dia em dia sem falta.

O peixe é também de suma importância, pois é um dos símbolos do Cristianismo e se encontra no logotipo da CEMS. Antigamente, era usado como uma forma secreta de comunicação entre os cristãos do início da igreja dentro das catacumbas romanas. Os primeiros cristãos entalhavam o sinal do ICTHUS (peixe) nas paredes, para que se identificassem com outros cristãos. A palavra ICTHUS em grego significa: Jesus Cristo de Deus Filho, Salvador. Ou seja:

I esous = Jesus

C hristos = Cristo

Th eous = de Deus

U ious = Filho

S oter = Salvador

A sigla pronunciada como palavra, significa “peixe”,daí o uso do desenho. Para a CEMS o peixe também tem o significado da multiplicação, do milagre, do suprimento que vem do alto, conforme os registros bíblicos:

Mateus 14:19:

Tendo mandado a multidão que se reclinasse sobre a relva, tomou os cinco pães e os dois peixes e, erguendo os olhos ao céu, os abençoou; e partindo os pães, deu-os aos discípulos, e os discípulos às multidões.

Ainda há o registro em Lucas 05: 05–06:

Ao que disse Simão: Mestre, trabalhamos a noite toda, e nada apanhamos, mas sobre tua palavra, lançarei as redes. Feito isso, apanharam uma grande quantidade de peixes, de modo que as redes se rompiam.

Segundo Mircea Eliade (1996: 08):

O pensamento simbólico não é uma área exclusiva da criança, do poeta ou do desequilibrado: ela é consubstancial ao ser humano; precede a linguagem e a razão discursiva. O símbolo revela certos aspectos da realidade – os mais profundos – que desafiam qualquer outro meio do conhecimento. As imagens, os símbolos e os mitos não são criações irresponsáveis da psique; elas respondem a uma necessidade e preenchem uma função: revelar as mais secretas modalidades do ser.

Desta forma, a simbologia que envolve o logotipo da CEMS está carregada de significados e da ideologia que a instituição costuma manifestar em seus sermões e na forma de conceber o divino.

CAPÍTULO II

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

... a linguagem é lugar de conflito, de confronto ideológico, não podendo ser estudada fora da sociedade, uma vez que os processos que a constituem são históricos - sociais.

Helena H. Naganime Brandão (2000:11)

2.1. Concepção e as perspectivas da Análise do Discurso

Os estudos científicos sobre a língua têm seu ponto de apoio em Ferdinand de Saussure, que lançou as bases para fundamentar um conceito de estrutura na linguagem.

Estrutura, por sinal, foi a palavra chave que delineou o desenvolvimento do pensamento lingüístico e das ciências sociais, a partir da década de 40. Posteriormente, originou-se a corrente que ficou conhecida por Estruturalismo que, em sentido lato, pode ser entendido como um sistema onde as partes estão solidárias com o todo.

Para F. de Saussure, a língua apresenta um aspecto estático e ao mesmo tempo dinâmico, pois é ao mesmo tempo um produto atual, bem como se torna um produto do passado. Nesta perspectiva, a língua é um sistema de signos e uma instituição social, sendo exterior ao indivíduo.

Segundo Haroldo Ramanzini (1990: 26):

O estudo da linguagem abrange dois aspectos fundamentais: um, tem por objeto a língua, refere-se àquilo que é essencial e que apresenta o caráter social da linguagem, sendo de natureza puramente psíquica. O outro aspecto, por sua vez, já tem por objeto, a parte individual, referindo-se à fala, à fonação propriamente dita e é psicofísica.

Desta maneira, F. de Saussure desenvolve uma concepção dicotômica entre a língua e a fala e entre diacronia e sincronia. A fala é a atividade do sujeito falante, ao passo que a língua pode ser concebida como um sistema-estrutura de valores e formas atribuídos a uma classe de pessoas. Partindo deste ponto, observou-se, posteriormente que a fala seria excluída do campo dos estudos lingüísticos. A lingüística passou a preocupar-se tão somente com a língua, impossibilitando a apreciação do elemento fala no processo da construção da linguagem. Sendo a Lingüística uma ciência autônoma, seu objeto é, portanto, a língua em si mesma, ou seja, a língua, como suporte para permitir a comunicação entre os sujeitos.

F. de Saussure, ao tomar a língua como objeto da Lingüística, limitou-se a tratar de unidades menores como a frase, deixando uma lacuna no que diz respeito ao texto como um todo. Teorias surgidas após, como a Lingüística de Texto, a Semântica Argumentativa e a Análise do Discurso interessaram-se pelo texto como um conjunto e passaram, mais tarde a tecer análises levando em consideração este aspecto da língua, que outrora não fora apreciado por F. de Saussure.

Seguindo o caminho aberto por F. de Saussure, Mikhail Bakhtin, com seus estudos, antecipa as orientações lingüísticas modernas. Partindo do princípio de que a língua é um fato social, M. Bakhtin vê a língua como algo concreto, e não algo apenas abstrato e ideal, sendo fruto da manifestação individual de cada falante. Muito embora, Saussure também tenha enxergado a língua como fato social, este preferiu estudar e se dedicar ao sistema. Para M. Bakhtin, a enunciação ocupa um lugar privilegiado enquanto realidade da linguagem, divergindo de seus antecessores, para quem o enunciado era um ato individual.

Admitindo a língua como um fato social, M. Bakhtin coloca o enunciado como objeto dos estudos da linguagem e atribui ao mesmo um valor especial, dizendo que a *situação de enunciação obtém o papel de componente necessário para a compreensão e explicação da estrutura semântica de qualquer ato de comunicação verbal* (M. Bakhtin apud Helena Nagamine Brandão, 2004: 08).

Desta maneira, partindo da dicotomia *langue/parole*, M. Bakhtin passa a priorizar o ato de enunciação como elemento principal de sua teoria, sendo o precursor da Teoria da Enunciação, no momento em que valoriza a palavra e apresenta a mesma como signo ideológico por excelência.

Segundo Baccega (2000: 63):

... a palavra, signo verbal, "solidifica" a prática social de um grupo, de uma classe social, de uma sociedade e, por isso, possibilita a continuidade do processo histórico, embasa o novo.

Para Eni P. Orlandi (2003:42-43), *as palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que a empregam. Elas tiram seu sentido dessas posições, isto é, em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem.*

Desta forma, podemos inferir que a palavra é um centro irradiador da ideologia, usada pelo sujeito, pois é ela que relaciona e interage num discurso e que atribui fluidez ao mesmo.

Ressaltamos, ainda, que para M. Bakhtin, o enunciado não somente é colocado como objeto dos estudos da linguagem, como a própria situação de enunciação transforma-se num elemento necessário para a compreensão e explicação da semântica

de qualquer ato de comunicação verbal. Cada ato de enunciação, porém, carrega em si mesmo a intersubjetividade humana, o processo de interação verbal. Desta maneira, o interlocutor não é passivo na constituição do significado, uma vez que se tem a idéia de que o signo é vivo, dinâmico e dialético.

A linguagem, portanto, como interação social, permite que o OUTRO desempenhe um papel fundamental na constituição do sujeito e do significado, o que revela as relações existentes entre o lingüístico e o social. Tem-se a partir daí, uma visão da linguagem como interação, ou ainda, um intercâmbio que a linguagem faz com o social. Enquanto interação, o OUTRO desempenha um papel fundamental, pois é ele quem integra todo o ato comunicativo num contexto mais amplamente visto, o que possibilita as relações entre o lingüístico e o social.

Desta forma, temos o discurso, que é o ponto de articulação dos processos ideológicos e dos fenômenos lingüísticos, veiculado pela linguagem.

Segundo H.N. Brandão (2004:11):

a linguagem enquanto discurso não constitui um universo de signos que serve apenas como instrumento de comunicação ou suporte de pensamento; a linguagem enquanto discurso é interação, e um modo de produção social; ela não é neutra, inocente e nem natural, por isso o lugar privilegiado de manifestação da ideologia.

Por outro lado, Brandão (apud:55), apoiada em Émile Benveniste postula que a *língua é apenas uma possibilidade que ganha concretude no ato da enunciação, isto é, enquanto emprego e expressão de uma certa relação com o mundo.* Para E. Benveniste (2005:68), a linguagem pode ser concebida como uma ação que se realiza na e pela interlocução, na medida em que, *por mais abstratas ou particulares que sejam as operações do pensamento, recebem expressões na língua. Podemos dizer tudo e podemos dizê-lo como queremos.*

É insuficiente que o pesquisador fique no campo do enunciado, e sim que qualifique o ato enunciativo, pois a determinação do sentido se dá no processo enunciativo. Para E. Benveniste, enunciação é colocar a língua em funcionamento por

um indivíduo. A partir disso, constitui-se a lingüística enunciativa que pretende mostrar o discurso produzido no ato da fala.

Sendo o indivíduo falante um fator fundamental na veiculação da mensagem, o percurso que o mesmo faz, em sua elaboração mental, do conteúdo a ser dito é orientado socialmente com a intenção de adaptar-se ao contexto imediato, social, sobretudo dos interlocutores concretos que participam do ato enunciativo.

Como a língua é dinâmica, concebe-se a mesma como sendo canal de circulação de ideologias entre os falantes. Desta sorte, seria necessário ampliar a visão lingüística para um estudo que vinculasse linguagem à ideologia. A palavra como signo ideológico por excelência, conforme mencionamos, não sendo encarada como uma entidade abstrata, constitui-se como um lugar de manifestação de ideologia.

A fim de ampliar os estudos lingüísticos, torna-se necessário ir além da frase, ou seja, elaborar teorias que possam dar conta do texto e do discurso. Nesta perspectiva, o texto não é considerado apenas uma simples soma de frases, mas um lugar onde circulam idéias, e cria-se, então, o discurso, ou seja, instância em que os níveis lingüísticos e extralingüísticos se articulam.

O primeiro a considerar o discurso como um objeto da Lingüística, foi o teórico Z. Harris, assim como, foi o primeiro a realizar uma análise sistemática de textos. Z. Harris (apud J. V. Nascimento 1993) propõe a estruturação geral do texto através da integração de frases em unidades maiores. Neste ponto, não nos apresenta uma teoria do discurso, mas sim, um modelo de método de pesquisa.

Dominique Maingueneau (1997) esclarece que tanto a fala quanto a língua são discursos, pois considera que, no processo de construção de sentidos, há a presença do contexto sociocultural que se insere na fala e na própria língua.

Para Michel Pêcheux (1997), a Análise do Discurso é apresentada como a articulação de três regiões do conhecimento científico: o lingüístico, o discursivo e o materialismo histórico.

O conceito de discurso tem sido discutido por diferentes teóricos, E. Benveniste é considerado o pioneiro nos estudos sobre o discurso. Segundo H.N.Brandão (2004:55), *Benveniste (re) incorporou aos estudos lingüísticos a noção de subjetividade*. Para E. Benveniste, *a língua é apenas uma possibilidade que ganha concretude somente no ato da enunciação, isto é, enquanto emprego e expressão de uma certa relação com o mundo*. Desta maneira, E. Benveniste introduz "aquele que fala na sua fala".

A subjetividade, para E. Benveniste é a capacidade de o locutor se propor como sujeito de seu próprio discurso, sendo que, no processo da enunciação, ao instituir-se um "eu", obrigatoriamente institui-se um "tu". Sendo assim, postula que "eu" e "tu" são os protagonistas da enunciação. O "eu" é a pessoa subjetiva e "tu" é pessoa não subjetiva.

A subjetividade é, pois, inerente a toda linguagem e se constitui mesmo quando não se enuncia o "eu".

Segundo H. N.Brandão (2004:58):

o sujeito de Benveniste é um "eu" que se caracteriza pela homogeneidade e unicidade na medida em que interage com um "tu" - alocutário - opondo - se ambos à não - pessoa, ele (eu - tu versus ele). Apesar de esse "tu" ser complementar e indispensável, na relação é o eu que tem ascendência sobre o "tu".

Para a autora, o ponto de articulação dos processos ideológicos e dos fenômenos lingüísticos é, portanto, o discurso. Enquanto discurso, a linguagem não se constitui apenas num único universo de signos que tem como tarefa primordial apenas o ato de comunicação. A linguagem é, portanto, interação, um modo de produção social. Sendo assim, a linguagem não é neutra, inocente ou natural, ela tem uma função que transcende a comunicação, é o lugar privilegiado de manifestação da ideologia.

Ainda na década de 60, surge uma nova tendência lingüística que visa analisar a linguagem sobre o ponto de vista ideológico: A Análise do Discurso.

Segundo D. Maingueneau, (1976) foram os formalistas russos que abriram espaço para o que se poderia chamar mais tarde de *discurso*. Através do texto e buscando encadeamentos que transcendesse a frase, tais estudiosos superaram a abordagem inicial filológica que dominava até então os estudos da língua.

A Análise do Discurso (Daqui para frente AD) enquanto disciplina ou teoria lingüística, adota duas posturas teóricas, uma de análise americana e outra de análise européia.

A perspectiva americana entende a teoria do discurso como uma extensão da lingüística e a perspectiva européia entende que o enveredar da teoria para a vertente do discurso resalta o sintoma de uma crise interna da lingüística, principalmente na área

da semântica, conforme afirma E.P.Orlandi (apud H.N.Brandão 2004). A perspectiva teórica européia é de origem francesa e é sobre esta que respaldaremos o nosso trabalho de análise.

Para D. Maingueneau (1997). A chamada escola francesa de AD filia-se a certa tradição intelectual, sobretudo da França, que une reflexão sobre o texto e história. Em meados dos anos 60, esta reflexão propiciou uma articulação que vinculava a lingüística, o marxismo e a psicanálise.

A AD nasceu tendo como base a interdisciplinaridade, pois além de tornar-se uma preocupação dos lingüistas, tornou-se também uma preocupação de outros estudiosos, tais como historiadores e psicólogos. Havia na França dos anos 60 uma prática escolar de explicação de texto, que vigorava desde a época do colégio até a universidade. A literatura exerceu um grande papel na França e estimulou que estas análises fossem abarcadas pela AD.

Tendo a AD sido vinculada a diversas outras áreas do conhecimento, passou-se a proliferar o termo “análise do discurso” em praticamente todas as áreas. Buscando definir o seu campo de atuação, a AD procurou analisar, sobretudo discursos políticos de esquerda e textos impressos.

Inicialmente, a AD foi definida como o estudo lingüístico das condições de produção do enunciado, tendo como apoio conceitos e métodos da lingüística. A AD procura enfatizar o estudo da língua em funcionamento para a produção de sentidos e análise do texto.

A AD, todavia, não se detém somente em análises meramente superficiais dos discursos, mas aplica conceitos nucleares, dois em especial: o de ideologia e o de discurso. Nesta perspectiva, a língua é concebida como um fenômeno ideológico, por isso, pode ser vista como prática social. O homem é, o único animal capaz de relacionar-se e fazer-se entender através da língua. O que torna o ser humano superior aos outros animais neste sentido é o fato de que, a partir de uma mente desenvolvida e de um corpo, ele é capaz de construir um mundo só seu e este mundo passa a ser o mundo real para ele. Como um ser social e coletivo, o ser humano possui memória social e consciência histórica e utiliza esta memória e consciência para comunicar-se através do discurso. A língua é um sistema cultural e está em constante movimento e mutação.

Através da língua, o homem constrói significados, interpreta o outro e é interpretado. O homem faz uso da fala para se comunicar, transmitir pensamentos,

ideologias e, muitas vezes, impõe sua maneira de ver o mundo. Cultura e sociedade se definem pela linguagem e por meio do discurso. Por isso, é pelo discurso que conhecemos o sistema de cada indivíduo e também de uma determinada sociedade.

A linguagem humana confere aos homens o seu poder. Pelo poder da palavra, o homem constrói o seu mundo e se destaca dos outros animais. Nós somos os produtos de nossos discursos, somos os resultados dos nossos discursos. Não se conquista um povo com guerras, mas através da palavra, pois para se dominar um povo é preciso dominar antes de tudo o seu pensamento.

Há duas grandes vertentes que influenciam a AD de linha francesa, as quais são: do lado da ideologia, os conceitos postulados pelo teórico Louis Althusser e do lado do discurso, os conceitos de Michel Foucault. A partir das análises dos trabalhos desses dois teóricos que M. Pêcheux, elabora e postula seus conceitos.

Em *Aparelhos ideológicos do Estado*, de L. Althusser, temos a conceituação do termo "formação ideológica" e em *Arqueologia do saber*, de Michel Foucault, podemos encontrar a expressão "formação discursiva", a qual será apropriada pela AD, posteriormente.

Neste contexto, o discurso passa a ser então considerado como uma prática social que materializa uma ideologia, pois os interlocutores, uma vez que se inscrevem no espaço discursivo, interagem de acordo com sua formação ideológica.

A ideologia veiculada pelo discurso é essencial para a própria constituição discursiva. Ressaltamos, ainda, que a palavra "ideologia", entretanto, foi objeto de numerosas conceituações por vários filósofos e teóricos de diferentes linhas de pesquisa. Foi discutida por Marx e Engels, Aron, Althusser, Arendt, Boudon, Balibar, porém há um consenso, dentre os anos 60 e 70 que procura definir a ideologia como "um sistema global de interpretação do mundo social", conforme Aron (apud Patrick Charaudeau 2004).

Para a AD, ideologia é, todavia, um conceito central. É a partir daí que L. Althusser desenvolve uma teoria das ideologias, onde a ideologia representa uma relação imaginária dos indivíduos com sua existência, que se concretiza materialmente em aparelhos e práticas.

Marilena Chaui (1984:22), ressalta que o termo "ideologia" apareceu pela primeira vez empregado pelo filósofo Destutt de Tracy em sua obra *"Elements de idéologie"*, em 1801.

A autora (1984:22) postula que:

... Destutt de Tracy pretendia elaborar uma ciência da gênese das idéias, tratando-as como fenômenos naturais que exprimem a relação do corpo humano, enquanto organismo vivo, com o meio ambiente. Elabora uma teoria sobre as faculdades sensíveis, responsáveis pela formação de todas as nossas idéias: querer (vontade), julgar (razão), sentir (percepção) e recordar (memória).

Os ideólogos franceses foram partidários de Napoleão, e com isso apoiaram o golpe 18 Brumário, pois o tinham como um liberal continuador dos ideais da Revolução Francesa. Entretanto, logo se decepcionaram com Napoleão, pois viram nele um restaurador do Antigo Regime. Já Napoleão usou o termo "ideologia" com sentido pejorativo, quando teria qualificado os ideólogos franceses de “abstratos, nebulosos, idealistas e perigosos por causa do seu desconhecimento dos problemas concretos”. (Brandão 2004: 19).

Em Marx e Engels, a ideologia é concebida também imbuída de uma carga semântica negativa, pois condenam a maneira de ver abstrata e ideológica dos filósofos alemães, dizendo que não relacionavam a realidade com a pragmática, distanciando-se assim da realidade. Para Marx e Engels a ideologia é identificada como um instrumento que faz a separação entre a produção das idéias e as condições sociais. O povo, tendo uma visão filosófica de ilusão ou o mascaramento da realidade, permite à classe dominante impor seu modo de pensar sobre eles. Vale lembrar que a visão de ideologia marxista carrega a crítica à ideologia da classe dominante.

Para a visão marxista de ideologia, tem-se que ela é um instrumento de dominação de classe, pois a classe dominante impõe as suas idéias e faz com que sejam idéias de todos.

Outro teórico que se vale da ideologia em suas análises é Paul Ricoeur. Ele se opõe à tendência de se interpretar a ideologia de uma maneira redutora, partindo da análise de ideologia enquanto dominadora de classes sociais. Segundo H.N. Brandão (2004: 26-27), P. Ricoeur analisa o conceito de ideologia em três situações:

Função geral da ideologia: mediadora na integração social e na coesão do grupo;
 Função de dominação ideológica: ligada aos aspectos hierárquicos da própria organização social. Toda autoridade para legitimar-se vale do papel da ideologia como justificadora da dominação exercida pela instituição;

Função de deformação: é a partir da ideologia que nós pensamos e agimos sem, muitas vezes, tematizá-la ou trazê-la ao mundo da consciência.

Diante do exposto a respeito da ideologia, tomamos como ponto de partida para as nossas análises as funções postuladas por P. Ricoeur e a definição de M. Chauí.

2.2. Conceito de Discurso em Foucault

Michel Foucault, sendo filósofo e não propriamente lingüista, com suas pesquisas, inseriu conceitos que se estabeleceram como bases para aqueles que se desenvolveriam na pesquisa lingüística, os rumos do discurso. Para M. Foucault, os discursos são uma dispersão, formados por elementos que não se ligam por nenhum princípio de unidade. As “regras de formação”, conforme Foucault, usadas pela AD seriam as responsáveis por descrever e analisar essa dispersão. São elas: os objetos, os diferentes tipos de enunciação, os conceitos, os temas e teorias. São estes elementos que possibilitariam a passagem do discurso da dispersão para regularidade.

A análise de uma formação discursiva, para M. Foucault, consiste na descrição dos enunciados que a compõem e a noção de enunciado é vista como a unidade elementar, básica que forma o discurso. *O discurso seria concebido, desta forma, como uma família de enunciados pertencentes a uma mesma formação discursiva.* (Brandão 2004:33).

E.P. Orlandi (2003:42-43) coloca que *as formações discursivas podem ser vistas como regionalizações do interdiscurso, configurações específicas dos discursos em suas relações* através da formação discursiva que se consegue entender a produção dos sentidos.

O enunciado para M. Foucault é constituído de quatro características primordiais: a primeira é o referencial, ou seja, aquilo que o enunciado enuncia; a segunda está intrinsecamente ligada a análise do discurso e diz respeito à relação do enunciado com seu sujeito.

Para M. Foucault, não é o sujeito o fundador e construtor do discurso e sim um lugar a ser preenchido. Se o sujeito é uma função vazia, ou um espaço a ser preenchido por diferentes indivíduos no discurso, qualquer concepção unificadora do sujeito deve ser rejeitada; a terceira diz respeito à existência de um domínio, o que ele designou como “campo adjacente” ou “espaço colateral”. Este campo está associado ao enunciado diretamente ou indiretamente, uma vez que não se concebe um enunciado isoladamente; a quarta característica é aquela que o destaca como objeto. M.Foucault estabelece uma distinção entre enunciado e enunciação. O enunciado se dá todas as vezes que alguém emite um conjunto de signos e a enunciação se marca pela singularidade, não se repetindo, embora cada um destes possua uma função enunciativa diferente dependendo do lugar em que são usadas.

Desta forma, podemos dizer que o discurso se cristaliza no momento da enunciação, porém não sendo isolado, constrói saberes entre os sujeitos e por meio destes saberes coletivos, se impõe.

O discurso é o lugar da circulação das idéias, sejam elas de um grupo específico, formado sobre uma ideologia dominante, ou ainda de todo um sistema, que pode abranger um cidade, um estado e também uma nação.

2.3. A Noção de sujeito em Pêcheux

Segundo E.P.Orlandi, (2003:27) *a análise do discurso não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação.*

Os processos de significação, portanto, partem da idéia de que existe um sujeito atuante que veicula tais processos. Por isso, para H. N. Brandão (2004:110):

na perspectiva da análise do discurso, a noção de sujeito deixa de ser uma noção idealista, imanente; o sujeito da linguagem não é o sujeito em si, mas tal como existe socialmente, interpelado pela ideologia. Desta forma, o sujeito não é a origem, a fonte absoluta do sentido, por que na sua fala, outros dizem.

Para M. Pêcheux (1988:214), o sujeito do discurso não se pertence, ou seja, ele se constitui no esquecimento. O sujeito da linguagem não é o sujeito em si mesmo, mas existe socialmente, interpelado pela ideologia. M. Pêcheux menciona que não existe prática discursiva sem sujeito, desta forma, constitui a expressão *forma-sujeito*.

todo sujeito é constitutivamente colocado como autor de e responsável por seus atos em cada prática que se inscreve; e isso pela determinação do complexo das formações ideológicas, no qual ele é interpelado em sujeito-responsável.

Os sujeitos são interpelados em sujeitos falantes, ou seja, em sujeitos de seu próprio discurso, mas por formações que são representadas na linguagem: as próprias formações ideológicas que mantêm e sustentam.

M. Pêcheux retoma as posições de Paul Henry, quando assume a idéia de que há um desdobramento, nomenclatura usada por P. Henry para dizer da constituição do sujeito do discurso, enquanto locutor, ou sujeito da enunciação, portanto, o sujeito que toma a posição e o sujeito universal, sujeito da ciência. Há, a partir desta constituição, efeitos paradoxais, induzidos por estas duas práticas na forma - sujeito.

Para explicar este paradoxo, M. Pêcheux propôs duas modalidades: uma que diz respeito a uma superposição entre o sujeito enunciador e o sujeito universal, em que há um assujeitamento, o que caracteriza o discurso do "bom sujeito". Neste caso, o interdiscurso determina a formação discursiva que o sujeito falante se identifica e 'cegamente' segue seus efeitos em liberdade. A outra modalidade vem por caracterizar o discurso do 'mau sujeito', em que o sujeito da enunciação se volta contra o sujeito universal por meio de uma tomada de posição, cujo resultado é uma separação, ou ainda, um distanciamento, dúvida, questionamento, contestação, em relação ao que o sujeito universal lhe 'obriga' a pensar. Ele se contrapõe à formação discursiva que o interdiscurso lhe coloca, este é o discurso-contra ou contradiscurso.

Desta maneira, M. Pêcheux, ao formalizar estas duas modalidades, insere seu pensamento a respeito de sujeito na AD e contribui significativamente para pesquisas posteriores.

2.4. Texto e Discurso

Ao conceituar texto e discurso, temos um duelo, pois o discurso se manifesta por meio do texto e no texto. Para o estabelecimento do conceito de texto, partimos dos aspectos gramaticais, pois para as gramáticas, este pode ser entendido como uma “seqüência bem formada de frases ligadas que progridem para um fim”. (Charaudeau 2004:467).

O texto, porém, revelou ser uma unidade muito mais complexa do que simplesmente uma seqüência gramatical que produz uma tessitura, pois vinculadas a regras da boa escrita estão os gêneros de discurso, ou ainda, as práticas sócio-discursivamente reguladas. Para Halliday, o texto é mais bem pensado não como uma unidade gramatical, mas como uma unidade semântica.

Um outro fator é que o texto não se distingue pelo tamanho, pois uma frase pode ser um texto, assim como vários volumes escritos o são. O texto em si mesmo é utilizado pelo analista do discurso como sendo uma fonte que contém uma unidade passível de ser analisada.

É a partir do texto que se pretende captar as estratégias de interpretação e as marcas lingüísticas e ideológicas do discurso. Segundo Jorge Lozano (2002:24), o texto pode ser visto como um *processo semiótico que em seu transcorrer sintático vai produzindo sentido*.

O texto em si mesmo é investido de construções que o levam a sentidos diversos. Para L. Hjelmslev, (apud J.Lozano 2002: 28), o texto pode ser visto como cadeia sintagmática que se pode expandir indefinidamente.

Ainda segundo Halliday, para ser texto, este precisa ter textualidade, que se caracteriza, segundo E.P.Orlandi (2004:52) como uma *função da relação do texto consigo mesmo e com a exterioridade*. Conforme a autora, em AD, é possível dizer que as palavras não significam em si, e sim, o texto significa.

Segundo E.P. Orlandi, o texto como discurso não é apenas um conjunto de enunciados, é um processo que se desenvolve de múltiplas formas e em determinadas situações sociais. O texto pode ser visto à primeira vista como um todo com começo, meio e fim, mas se visto como a AD o vê, pode ser instalado sua incompletude, que se dá através da história como agente exterior. Nesta direção, a historicidade é o trabalho que os sentidos desencadeiam no texto.

Por isso, E.P.Orlandi (2004: 54), propõe então, que:

... o texto, visto na perspectiva do discurso, não é uma unidade fechada, embora, como unidade de análise, ele possa ser considerado uma unidade inteira - pois ele tem relação com outros textos, com suas condições de produção, com o que chamamos sua exterioridade constitutiva (o interdiscurso: a memória do dizer).

Por fim, na perspectiva de E.P.Orlandi (2001:64-66), *o texto vai se abrir, como objeto simbólico para as diferentes possibilidades de leitura, ou seja, a textualidade, enquanto matéria discursiva dá ensejo a várias possibilidades de leituras.*

Para designar texto e discurso, podemos postular que o texto está inserido no nível material que tem como intenção expressar linguisticamente o conteúdo da comunicação, já o discurso, revela as intenções que emergem na materialidade do texto. Ou seja, *o texto contém as marcas lingüísticas que o individualizam, o discurso investe na ideologia, isto é, opera com as propriedades.* Sem o texto não é possível constituir o discurso, pois o discurso parte do texto e, assim, ambos se completam.

2.5. Discurso Religioso

A religião, carregada de ideologia, se manifesta na e pela linguagem, ou melhor, no discurso. Não podemos desvincular a religião da palavra, pois não há religião sem língua, sem palavra. Desta forma, consideramos a religião como uma das mais importantes produtoras de discursos, pois veicula ideologias próprias, assim como emprega recursos linguístico-retóricos para alcançar seus objetivos.

Segundo J.V. Nascimento (1993: 49), *o discurso religioso, resultante da religião de sua propriedade fundamental, a ritualização e suas marcas, se constrói como ato de linguagem.*

Como a religião se manifesta *na e pela* palavra, ela tem muito a ver com o homem, pois ele está sempre em busca do transcendental e utiliza o discurso para apropriar-se do mundo místico que o cerca. Desta maneira, o homem e a religião estão constantemente refletidos e inseridos na linguagem e ambas, linguagem e religião oferecem diferentes e ao mesmo tempo concatenadas compreensões do mundo e do universo como um todo.

Sendo o homem um ser lingüístico por natureza, a sua relação com a religião se constitui pelo e no discurso, que passa a ser, também, lugar da percepção do sobrenatural. A crença no sobrenatural leva o homem a considerar que é assujeitado por uma força motriz superior a ele, que atua e se manifesta no mundo espiritual e que se dá a conhecer, em nosso caso, a religião cristã evangélica, por meio da Bíblia, Livro Sagrado e por meio dos discursos veiculados pelos pastores ou sacerdotes, considerados como representantes legítimos do Divino na Terra.

Sabemos que o discurso religioso traz consigo a responsabilidade de veicular e instaurar a crença num Ser Superior, como elemento transcendente que governa e dirige o homem e tudo ao seu redor. Neste sentido, Deus, é aquele que fala na voz do homem. O homem se coloca, então, como 'instrumento' de Deus e está, neste caso, ao Seu inteiro dispor. Assim sendo, no discurso que se instaura, devemos entender ambos os planos, o espiritual e o temporal, conforme nos aponta E.P. Orlandi (2003). Ao tratar do discurso religioso, a autora coloca a noção de ilusão de reversibilidade para a distinção de discursos polêmicos, lúdicos e autoritários.

O discurso religioso, segundo a autora, pode ser classificado como discurso autoritário. Neste sentido, a reversibilidade é em si mesmo, a troca de papéis na interação que constitui o discurso. Mas quando se fala em discurso religioso o que há é uma ilusão do elemento de reversibilidade do discurso, em que a troca de papéis se dá entre locutor e ouvinte.

E.P. Orlandi (2003:240), esclarece mais detalhadamente o elemento de reversibilidade, quando afirma que:

todas as formas de discurso, entretanto, têm como parâmetro essa noção e, em se tratando do discurso autoritário, gostaríamos de observar que, embora não haja reversibilidade de fato, é a ilusão da reversibilidade que sustenta esse discurso.

Para a autora, no discurso religioso, estar no 'lugar de' não se constitui exatamente em estar no 'lugar próprio', pois há um desnivelamento em relação ao mundo temporal e o mundo espiritual. Neste caso, o mundo espiritual é notadamente superior ao temporal. O discurso religioso apresenta uma grande tendência à monossemia, pois contém uma polissemia estancada, contida dentro de si.

Ao conceituar discurso religioso, E.P. Orlandi fundamenta-se em L. Althusser (2003), que apresenta a ideologia cristã como um exemplo de estrutura formal para qualquer ideologia e a partir de sua noção de sujeito, sustenta que somente é possível existir uma prática discursiva, quando se tem uma ideologia e a ideologia só existe por meio do sujeito e para os sujeitos.

Para L. Althusser, Deus define a si mesmo como o Sujeito por excelência, ou seja, como AQUELE QUE É e a partir daí, interpela outros sujeitos, assujeitando-os a este Sujeito superior. Nesta perspectiva, o discurso religioso é *caracterizado como aquele em que fala a voz de Deus: a voz do padre - ou do pregador, ou, em geral, de qualquer representante seu - é a voz de Deus.* (E.P. Orlandi 2003: 243).

Neste tipo de discurso é possível notar que há um desnivelamento fundamental que se dá entre locutor e ouvinte, assim, o locutor é do plano espiritual (o Sujeito, Deus) e o ouvinte é do plano temporal (os homens, os assujeitados). Daí, a ilusão do elemento de reversibilidade, pois não é possível ao homem ocupar concretamente o lugar de Deus, porém, estando ele assujeitado, por ele fala a voz de Deus. É como se ele falasse em lugar de Deus. Há, neste caso, uma desigualdade elementar que instala outras, como vida/morte, imortalidade/mortalidade e disso têm-se a necessidade da salvação que, conforme a teologia cristã se dá pela fé.

Como o homem está assujeitado à voz do ser superior, que é Deus, há um elemento de mistificação que segundo E.P. Orlandi se constitui na subjunção de uma voz pela outra, ou o 'estar no lugar de'; desta forma, temos o 'como se' instalado nestes discursos. O homem falando 'como se' fosse Deus.

Pelo exposto, diferentemente de outros discursos, como o pedagógico, o político, entre outros, em que o locutor em si apresenta certa autonomia, podendo elaborar, manipular e até mesmo modificar o discurso original, o discurso religioso não apresenta esta autonomia, uma vez que ao representante da voz de Deus não é possível modificá-la em momento algum.

Para se apropriar da voz de Deus, o seu representante utiliza-se do texto sagrado. A própria interpretação da Palavra de Deus é regulada, por isso, o discurso religioso tem uma tendência para a monossemia.

Tendo esta característica, o discurso religioso possui uma assimetria entre o plano temporal e o espiritual.

Plano Espiritual

Plano Temporal

Deus (Sujeito)

(É o que interpela,
ordena, regula, salva)

Homens (Sujeitos)

(São os que pedem, agradecem,
desculpam-se, exortam etc.)

O poder da Palavra, segundo E.P.Orlandi, na religião é evidente. Este poder deve ser usado por seus representantes. A ilusão de reversibilidade leva o representante a estar no lugar de e não a estar no lugar próprio. Tal característica leva o discurso religioso a uma diferenciação dos outros discursos, uma vez que o querer estar no lugar de, não é função de outros discursos desta forma, a retórica utilizada é a retórica de apropriação.

O discurso religioso pode ser entendido como o discurso da Bíblia, ou seja, o discurso teológico, que fala sobre Deus, sobre o Divino e que fala de Deus, do Ser Superior, aos homens, através dos homens.

2.6. Marcas lingüísticas e mecanismos constitutivos do Discurso Religioso

2.6.1. Interdiscursividade

Uma outra característica relevante no discurso religioso é a interdiscursividade, uma propriedade elementar desse tipo de discurso, pois todo discurso, de certa maneira, tem uma relação com outros discursos e com outros dialoga constantemente. Entretanto, o interdiscurso está intrinsecamente relacionado a outros discursos o que indica que há um constante diálogo entre os discursos e, assim, eles se constituem.

No discurso religioso neopentecostal, o interdiscurso se organiza, a partir do momento que se tem a Bíblia como a fonte sobre a qual esse discurso se constitui. É a partir da ideologia veiculada pela Bíblia, que o discurso religioso neopentecostal se constrói. Desta forma, é possível dizer que as Sagradas Escrituras funcionam como um interdiscurso no funcionamento e na organização do discurso religioso.

Este diálogo ocorre constantemente no discurso religioso que, embora tenha uma característica de discurso autoritário, permite esta relação dialógica. Neste caso, em uma situação de exposição do sermão, os textos bíblicos são recontados, a fim de reconstruir uma situação, ou mesmo, extrair algum ensinamento para aquele determinado momento da exposição do discurso.

2.6.2. Cenografia

A cenografia ou cena de enunciação é fundamental e constantemente utilizada em AD. Toda enunciação ocorre num espaço instituído que é previamente definido pelo gênero do discurso. Desta forma, quando se coloca em cena, o discurso constrói seu próprio espaço de enunciação. A noção de cena, portanto, é utilizada para designar a maneira pela qual o próprio discurso constrói uma representação em sua situação de enunciação. Esta representação é dinâmica.

Para a Pragmática, a linguagem é vista como uma forma de ação. Utilizando do Direito, o termo contrato, pois indica que os indivíduos que pertencem a um mesmo corpo de práticas sociais possam ser capazes de entrar num acordo em função dessas representações de linguagem que praticam. O contrato é estabelecido entre duas pessoas ou ainda entre dois grupos. No caso do pastor ou sacerdote religioso, ao expor a mensagem, ele a coloca como sendo um contrato que tem como função especial de lhe creditar o saber religioso. Na enunciação, há um contrato de fala que permite ligar o pregador aos fiéis, pelo fato de o pregador possuir uma 'responsabilidade' maior que os fiéis.

A Pragmática extrai seus modelos do Direito, do teatro e do jogo. Neste sentido, Oswald Ducrot (apud D. Maingueneau 2001:30) afirma que a língua exerce nas relações humanas, *toda uma coleção de papéis que o locutor pode escolher para si e impor ao destinatário.*

Sabemos que, na sociedade, cada indivíduo exerce um determinado papel e, a fim de se fazer entender, produz suas enunciações de acordo com o papel em que estiver investido. Por exemplo, em nosso caso, o pastor; ele pode ter um trabalho secular durante a semana em que desempenhará o seu papel profissional, mas ao chegar à igreja, assume o seu papel de pastor e enuncia como tal.

Tratando da cenografia, D. Maingueneau (2000: 21):

recorre à cena num nível mais elevado da enunciação, para o tipo de discurso: os gêneros literários, por exemplo, mobilizam a Cena literária, os gêneros científicos, a Cena científica.

É, então, cenografia que designa a cena instituída por um discurso.

Ainda segundo D. Maingueneau, a cenografia não deve ser entendida tal como um quadro já previamente estabelecido, mas sim, como um processo de círculo, onde a enunciação, desdobrando seus conteúdos, legitima e torna possível a própria situação de enunciação. A cenografia, nesta perspectiva, é a que designa a cena instituída por um discurso.

A Pragmática enfatiza, ainda, que as regras do jogo e as regras dos atos de fala são constitutivas, pois, quando falamos, adotamos uma forma de comportamento intencional regida por regras, que pressupõem instituições capazes de atribuir sentidos.

Considerando as perspectivas da AD, a cenografia é importante por legitimar uma situação enunciativa. No discurso religioso, encontramos diversas cenografias e, por isso, podemos considerar propício no contexto do discurso religioso, tendo em vista que elas corroboram para tornar esse tipo de discurso mais persuasivo.

2.6.3. O *ethos* do pregador

Tendo sido definido a origem de seu conceito pela Retórica Antiga, o *ethos* pode ser entendido como a imagem que, implicitamente, um orador tem de si mesmo e que a veicula por meio de sua maneira de dizer, ou seja, o que ele pode revelar por seu modo de se expressar.

Os pastores podem ser considerados um grande exemplo de constituição do *ethos*, pois juntamente com sua maneira de vestir-se compõem uma imagem de autoridade para seu auditório. A imagem que projetam deixa transparecer uma pessoa íntegra e respeitada, marcada explicitamente pelo uso do terno e da gravata, ou, no caso das mulheres, roupas sociais femininas. Além de adotar gestos, o porte e palavras marcadas, o pregador se faz entender principalmente pela língua.

Para Aristóteles, havia três características fundamentais de *ethos*, as quais têm como objetivo atribuir ao discurso uma maior eficácia:

Phrônesis - Ter aspecto de uma pessoa ponderada;

Areté - assumir a atitude de um homem de fala franca, que diz a verdade;

Eunóia - oferecer uma imagem agradável de si mesmo.

Segundo D. Maingueneau (op.cit: 45), *a eficácia destes 'ethé' se origina no fato de que eles atravessam, carregam o conjunto da enunciação sem jamais explicitarem sua função.*

A AD, ao integrar o *ethos* retórico, realiza um duplo deslocamento. Em primeiro lugar, afasta *qualquer preocupação 'psicologizante' e 'voluntarista', de acordo com a qual o enunciador, à semelhança do autor, desempenharia o papel de sua escolha em função dos efeitos que pretende produzir sobre seu auditório.* (D. Maingueneau op. cit.: 45).

Para a AD, os efeitos do *ethos* são impostos não pelo sujeito em si mesmo, mas pela formação discursiva. Em segundo lugar, a AD recorre a uma concepção de *ethos* que, de alguma forma, seja transversal à oposição entre o oral e o escrito, conforme atesta D. Maingueneau. Mesmo o texto escrito possui uma 'voz'. Embora o texto seja escrito, ele é sustentado por uma voz específica, pois a oralidade não é apenas o falado, há uma integração do discurso ao corpo e à voz, bem como a do corpo e da voz ao discurso.

A finalidade da constituição do *ethos* é puramente levantar confiança no auditório. Faz-se necessário que se tenha, sobretudo, um prévio conhecimento do auditório em questão, a fim de que estas características consigam realizar com excelência sua função.

Segundo C. Perelman & L. O Tyteca (1996: 22, 27)

uma imagem inadequada do auditório, resultante da ignorância ou de um concurso de imprevisto de circunstâncias, pode ter as mais desagradáveis conseqüências. Nenhum orador, nem sequer o orador sacro, pode descuidar desse esforço de adaptação ao auditório.

Ao construir a sua própria imagem, o pregador religioso é capaz de conduzir seu auditório a apresentar reações de seu interesse e conforme preconizava. Desta forma, o pregador deve construir um *ethos* que inspire confiança no seu auditório.

2.7 Argumentação e Retórica

A origem da retórica é anterior a sua própria história, pois desde sempre os homens fizeram uso da linguagem e valeram-se da argumentação para divulgar suas intenções. Entretanto, pode-se afirmar que foi na Grécia que a retórica adquiriu seu caráter técnico, pois foram os gregos que inventaram a "técnica retórica" e em seguida a "teoria da retórica".

Remontar a origem desta arte é tarefa difícil, mas sabe-se que a retórica não nasceu em Atenas e sim na Sicília grega, por volta de 465. Sua origem não é literária, mas judiciária, pois, tendo a Sicília grega sido invadida por tiranos, após a expulsão dos invasores, os que foram despojados pelos tiranos reclamaram seus bens. Córax, discípulo de Empédocles e Tísias, discípulo de Córax publicaram uma coletânea de preceitos práticos que ajudariam as pessoas a recorrerem à justiça. Foi o próprio Córax que deu a primeira definição para a retórica: “criadora de persuasão”.

Uma nova retórica, porém, surge com Górgias, sendo este siciliano, também discípulo de Empédocles. Em 427 foi para Atenas e encantou com sua eloquência os atenienses. Górgias foi um dos fundadores do discurso epidíctico, ou seja, o discurso do elogio público, o que cria uma erudição tão bela quanto a poesia.

Aristóteles, posteriormente repensa a retórica em sua totalidade, num dado momento, integrando-a num sistema filosófico e em seguida transformando-a em sistema. Logo após Aristóteles, durante o Império Romano, a retórica obteve grande prestígio, por conta da unificação do império. Para Quintiliano, por exemplo, a retórica era considerada "a ciência do bem dizer", pois abrangia simultaneamente todas as perfeições do discurso e a própria moralidade do orador.

Entretanto, com a queda do império romano, a retórica também decaiu e embora fosse utilizada na prática, deixou de ser objeto de estudo.

Aristóteles aponta quatro pontos da retórica: **o exórdio**, que visa a tornar o público receptivo à atuação do orador e introduzir o discurso, elucidando seu propósito; a **enunciação da tese**, cuja função é tornar clara a finalidade do discurso, preparando os ouvintes para a prova. A enunciação da tese é tratada por Aristóteles como parte fundamental do discurso oratório, como forma de apresentação do caráter do orador (*ethos*) e de estímulo de emoções dos ouvintes (*pathos*) ; **o epílogo** que visa a tratar da conclusão e **a ampliação do assunto**, que visa a despertar a memória dos ouvintes para os argumentos fundamentais.

A retórica é vista por Charles Perelman & L. Olbrechts-Tyteca como a arte de argumentar. Entretanto, autores como Morier, G. Genette, J. Cohen consideram a retórica como o estudo do estilo ou mais particularmente das figuras. A articulação dos argumentos e do estilo, porém faz da retórica algo fascinante.

Apoiaremos nossa pesquisa na concepção de retórica usada por Perelman, sendo esta, a arte de argumentar e basearemos nossas análises nas quatro vértices da retórica definidas por Aristóteles.

A retórica clássica, que começa com Aristóteles e se prolonga até o século XIX define a função da retórica nos estudos posteriores, a função de persuadir através do discurso. Desta maneira, a retórica não é aplicável a todos os discursos, mas somente àqueles que visam a persuadir. Os discursos não retóricos podem ser definidos como aqueles ditos técnicos, uma vez que podemos entender o discurso como toda produção verbal, escrita ou oral, constituída por uma frase ou por uma seqüência de frases, que tenha começo e fim e que apresente uma unidade de sentido. Desta forma, podemos considerar como não retóricos os poemas líricos, a tragédia, o melodrama, a comédia, o romance, os contos populares, as piadas, assim como os discursos de caráter puramente científicos ou técnicos, como instruções sobre o modo de usar, veredicto e manuais.

A retórica diz respeito aos discursos puramente persuasivos, ou seja, o levar alguém a crer em alguma coisa. Através do crer, o indivíduo será capaz de fazer alguma coisa. Se ao contrário, o discurso levar o indivíduo a fazer sem crer, não pode ser considerado um discurso retórico.

Retórica, portanto, é uma arte e como tal pode ser uma habilidade espontânea, quanto uma competência adquirida através do ensino. Atualmente verifica-se diversos cursos que ensinam a arte de persuadir, ou ainda, técnicas de expressão e comunicação. Estes cursos visam a formar políticos, vendedores ou ainda, oradores.

Enquanto ciência e arte, a retórica apresenta suas funções; são elas: função persuasiva, função hermenêutica, função heurística e função pedagógica.

A função persuasiva, conforme o próprio nome menciona é a função que define a retórica como a arte da persuasão. Esta função, nos permite verificar por meio de que meios um discurso pode ser considerado persuasivo. Estes meios são de duas ordens em especial, uma de ordem racional e outro de ordem afetiva. Em retórica razão e sentimentos não se separam.

Os meios de persuasão da razão são os argumentos, sendo estes de dois tipos: o raciocínio silogístico e os que se fundamentam no exemplo. Os meios de persuasão que

dizem respeito a afetividade são o *ethos*, ou seja, o caráter que o orador deve assumir a fim de chamar a atenção para adquirir a confiança do auditório e também por outro lado, há o *pathos* que diz respeito às tendências, os desejos, as emoções do auditório das quais o orador poderá tirar partido.

A função hermenêutica contribui para que o orador consiga interpretar o que se encontra a sua volta, o seu auditório, pois o discurso não é um acontecimento isolado, ele opõe-se a outros discursos que o precederam e que o sucederão. Compreender o que se está falando e também o discurso do outro, sobretudo captar o não-dito é a função hermenêutica da retórica, a arte de interpretar os outros discursos.

A função heurística: A palavra heurística vem do verbo grego *euro*, *eureka* que significa encontrar. Desta maneira, a função heurística da retórica é a de procurar encontrar o novo através do discurso, esclarecer fatos ou mesmo ideais.

A função pedagógica da retórica é sem dúvida atribuída ao ambiente escolar, onde professores ensinam a compor um segundo plano, a encadear os argumentos de modo coerente e eficaz, a cuidar do estilo e encontrar as construções apropriadas e as figuras exatas para determinados textos /discursos.

CAPÍTULO III

MARCAS ARGUMENTATIVAS DO DISCURSO RELIGIOSO

Na sua mais completa elaboração, a argumentação forma um discurso no qual quer os pontos de acordo em que nos apoiamos quer os argumentos avançados, se podem dirigir, simultânea ou sucessivamente, a diversos auditórios.

Chaim Perelman

3.1 O MATERIAL DA ANÁLISE.

O material que selecionamos para a análise em nossa dissertação constitui-se de sermões proferidos na antiga sede da CEMS, os quais foram proferidos pelo pastor Wanderley Roberto Jorge, fundador da CEMS e gravados em domingos, durante o culto de Santa Ceia, uma das ordenanças do Cristianismo, cuja ministração ocorre sempre aos primeiros domingos do mês, nesta instituição. Tais sermões constroem-se sobre o

discurso bíblico, que se constitui, por conseguinte, numa função de metadiscurso, em que neste, o discurso bíblico é retomado e explanado. Desta forma, têm-se um interdiscurso, cuja função visa a organizar o discurso religioso. Muito embora as amostras selecionadas fossem proferidas em dias de Santa Ceia, os temas abordados não dizem respeito à Ceia propriamente dita, com exceção do discurso intitulado “A Ceia do Senhor Jesus”.

Os temas dos discursos ocorrem com base em outros assuntos globais da Igreja. Ao final do culto, antes da ministração da Santa Ceia, o enunciador tem por praxe convidar os enunciatários a participar do ato de comungar, ou participar da Ceia, ponto central do ato litúrgico. A liturgia, portanto, constitui-se lugar privilegiado, pois que possibilita a experiência do encontro com Deus e com os irmãos, o que evidencia e legitima a experiência religiosa.

Uma vez que a celebração da Santa Ceia é a renovação da Ceia de Jesus, que se configura linguisticamente, para alcançar os objetivos a que nos propusemos, nesta dissertação, apresentamos os discursos que analisamos, denominando-os DR1, DR2, DR3 e DR4, obedecendo ao critério cronológico das datas no que diz respeito à ordem de apresentação e das análises que foram empreendidas.

Desta forma, temos:

DR1 - datado de 04 de Novembro de 2001, intitulado “A Ceia do Senhor Jesus”.

DR2 - datado de 02 de Dezembro de 2001, intitulado “Deus quer nos libertar”.

DR3 - datado de 05 de Maio de 2002, intitulado “Os trabalhadores da última hora”.

DR4 - datado de 02 de Junho de 2002, intitulado “Os resgatados de Sião”.

A tematização visa a centrar o tema ou título global do discurso religioso, pois ele proporciona a linha 'mestra' da mensagem. Todavia, ao discursar, o enunciador recorre ao interdiscurso e resgata outros temas que são adjacentes ao tema principal e que se constituem em base para exemplificações. Isso ajuda o enunciador a tecer uma melhor argumentação e fixar os seus objetivos aos enunciatários. Desta maneira, podemos observar que no discurso em questão há vários subtemas, ou temas adjacentes que se fazem presentes no interior do discurso.

Passemos, então, a uma introdução a respeito da tematização de cada discurso em questão:

DR1 - A ceia do Senhor Jesus.

O enunciador inicia o discurso saudando os presentes como é seu costume, usa a palavra '*Amém*' duas vezes, uma no início e outra ao final da saudação, dá as boas vindas aos enunciatários e os convida à oração.

Antes mesmo de iniciar a oração, o enunciador solicita aos enunciatários que abram a Bíblia, conforme chama de 'Palavra de Deus', no Evangelho de Lucas, capítulo vinte e dois, mas dá seqüência ao exórdio, falando a respeito do real significado da data especial que estavam comemorando naquele dia: a Páscoa.

Em seguida, inicia a oração, colocando Deus como Pai de todos os presentes, incluindo-se como filho. Nesta oração, o enunciador diz que Deus está ali presente e que o Espírito de Deus testifica com o espírito do homem que estes são filhos de Deus.

Após encerrar a oração, o enunciador convida as crianças para que subam, isto se refere ao fato de terem um local especial para se reunirem durante os cultos, ou seja, no mesmo horário, sendo que neste espaço, elas têm cultos infantis, especiais para a idade delas.

Antes de iniciar o discurso, o enunciador 'avisa' que iriam 'andar' um pouco na Bíblia e que através da mensagem, todos fariam uma meditação, disse que entrariam na história sendo esta, a maior história que o mundo já pôde viver.

O enunciador, por causa da Páscoa, atualiza o assunto dizendo que a história na qual iriam entrar, já havia sido passada várias vezes na televisão, devido à comemoração da data, exorta os enunciatários, dizendo que os mesmos, enquanto cristãos, não dão o devido valor por tudo o que o Salvador Jesus passou.

Logo após esta breve introdução, o enunciador, já com a Bíblia aberta, inicia leitura do texto.

DR2 - Deus quer nos libertar.

O enunciador inicia o discurso saudando os irmãos com a saudação habitual em que diz "*Paz do Senhor, irmão*". Em seguida, profere um "*Amém*", a fim de estimular a concordância, o que é também hábito do enunciador e indica aproximação com o auditório, promovendo assim, empatia.

Após dizer que possui em suas mãos alguns pedidos de oração, como é de praxe nesta denominação, que se faça oração em favor dos necessitados, antes da exposição da mensagem, aproveitando que as duas pessoas que solicitaram os pedidos estavam

presentes no dia, o enunciador chama-as até o púlpito, local onde são ministradas as mensagens.

Em seguida, faz alusão a outro enunciatário que se encontra no auditório, dizendo que o mesmo está curado, pois em um determinado momento, ele não estava andando e naquele dia, já estava.

Após esta pequena introdução, o enunciador convida a todos os enunciatários para orar. Conforme nossas observações, esta é uma prática constante desta instituição, no que diz respeito à oração em conjunto, o que visa a promover a comunhão dos membros.

Logo após a oração, o enunciador comunica ao auditório que tem dois testemunhos para serem relatados. Entendemos que a função do testemunho no ritual religioso é a de fortalecer a fé dos ouvintes.

Neste dia, em especial, o enunciador agradeceu a presença dos visitantes e chamou um deles para dar uma saudação à assembléia. Esta prática da saudação, em se tratando de uma pessoa de outra denominação, também se constitui prática comum no meio evangélico neopentecostal, embora nesta instituição não seja constantemente empregado.

Logo em seguida, o enunciador convida o auditório a ler a Bíblia, a qual ele intitula como *“Palavra de Deus”*, expressão muito usada dentro do Cristianismo de uma maneira geral, não somente nas igrejas neopentecostais.

O discurso foi intitulado como *“Deus quer nos libertar”* e tem como base bíblica o texto que se encontra no livro de Êxodo, capítulo três, verso seis. Ao abrir a Bíblia, o enunciador demonstra uma preocupação com os enunciatários que não possuem a Bíblia e convida os que a possuem e que estão ao lado a partilhá-la com o próximo. A leitura se deu a partir do verso seis e se estendeu até o verso quatorze.

O título da mensagem *“Deus quer nos libertar”* faz alusão ao texto bíblico que relata a libertação do povo de Israel do cativo, na terra do Egito. Conforme diz o relato bíblico, eles estavam em escravidão e clamando muito ao Deus de seus antepassados, ou seja, ao Deus de Isaque e de Jacó para que os libertasse.

Sendo assim, Deus ouviu o lamento de Seu povo e escolheu a Moisés, no campo para que fosse ao Egito, a fim de se dirigir a Faraó e libertar o povo hebreu do cativo.

O relato bíblico ainda nos conta que Moisés questionou a Deus, perguntando o que ele poderia falar a Faraó, considerado como um deus naquela época, quando ele

chegasse ao Egito. Respondendo ao questionamento de Moisés, Deus mandou dizer que o EU SOU te enviou.

Segundo a teologia cristã protestante, temos neste recorte, uma aparição de Deus ao homem, denominada TEOFANIA, palavra que vêm do grego theophania, a qual deriva de Theos, Deus e de phanein, aparecer, neste caso Deus deu uma missão ao homem que segundo o relato se comunicava constantemente com Ele.

Após a leitura do texto bíblico, o enunciador novamente convida o enunciatário à prática da oração.

A partir dessas considerações, acreditamos que as marcas lingüísticas usadas no decorrer do discurso, facilitam sobremaneira a argumentação, bem como interação com o enunciatário.

DR3 - Os trabalhadores da última hora.

Este discurso, intitulado “Os trabalhadores da última hora”, faz uma alusão ao título do texto bíblico em questão e foi proferido na antiga sede da Comunidade Evangélica Monte Sião, pelo próprio fundador da instituição e visa a traçar um paralelo entre os **CHAMADOS** e os **ESCOLHIDOS**. Tal paralelo propõe instaurar um crer - dever - fazer aos enunciatários, como se verifica em todos os discursos analisados.

O texto bíblico usado como referência foi o livro do Evangelho de Mateus, capítulo vinte, a partir do verso primeiro, chegando até o final do relato no verso dezessete, cujo tema é **A PARÁBOLA DOS TRABALHADORES**.

A mensagem, baseada em uma parábola, visa a tornar acessível à compreensão do auditório, uma vez que a parábola tem a função de facilitar o entendimento de outros fatos da realidade, fatos do mundo real. Poderíamos definir parábola por uma narração que se constrói pelo uso da linguagem simples, figurativa e metafórica. Desta maneira, no discurso religioso, através de uma narração, procura-se ensinar conceitos da realidade espiritual.

Segundo o discurso, Jesus, mestre e profeta, sendo o Filho de Deus procurava valer-se de parábolas a fim de ensinar o povo simples que o seguia, as grandes verdades espirituais. Era visto pelos fariseus, religiosos de sua época, como um revolucionário, mas sua maneira simples e seu discurso sempre claro e direto atraíam todo o povo.

Neste discurso, o enunciador pretende desvelar preconceitos e esclarecer a respeito do *povo escolhido*, ou seja, o povo de Israel que, tendo negado o Messias Jesus,

abriu espaço para que houvesse um outro povo, o *povo chamado*, ou seja, os gentios, que receberam o Messias e que por isso, são bem vindos ao Reino dos Céus.

Dentro do Cristianismo há crenças de que só serão salvos aqueles que estão desde há muito tempo na prática religiosa, esta parábola, porém ensina que há lugar para todos no Reino dos Céus, uma vez que não importa quanto tempo uma pessoa tenha de vida cristã, mas a intenção de seu coração para com Deus pois, segundo a enunciação do pregador, Deus é bom e tem aberto as portas para todos no decorrer dos anos que se seguem, a fim de que nenhum se perca.

Esta parábola apresenta grande importância, pois indica o princípio máximo da obra de redenção, veiculada pela mensagem cristã: não é por atos ou méritos dos homens que se é salvo, mas sim e efetivamente pela graça de Deus que através de Seu único filho, Jesus, manifesta o Seu grande amor.

DR4 - Os resgatados de Sião.

Mediante nossas observações, podemos considerar que este discurso tem em si mesmo um valor especial, pois foi proferido no dia seguinte à ordenação ministerial do fundador da instituição.

Vale lembrar que, no protocolo de ministros evangélicos, somente podemos considerar como tal, o sacerdote que possui uma ordenação oficial, realizada por uma autoridade eclesiástica superior e tendo testemunhas reais para tal ordenação.

O líder desta instituição, até aquele momento não era portador desta nomeação tão importante para seu desempenho eclesiástico, sendo apenas um obreiro com o título de presbítero (pastor auxiliar).

Verificamos que o discurso possui muitos testemunhos de vida do seu próprio enunciator. Sabemos que o testemunho, conforme já dissemos, fortalece a fé, mas em especial, neste sermão, temos o registro oral da história recente da CEMS, daí sua importância para a instituição e para nossas análises.

O enunciator começa o discurso, saudando o auditório, como de costume, utilizando o termo “... *a paz do Senhor. Amém?*”. Posteriormente, verifica-se que esta saudação tornou-se lugar comum entre os obreiros e membros da igreja.

Em seguida, convida os enunciatários a abrir “*rapidinho*” a Palavra de Deus e já indica a referência bíblica: Isaías, capítulo cinquenta e um.

A expressão coloquial “rapidinho” foi usada devido à preocupação do enunciador com o horário, que já se estendia naquele momento. Uma vez que se deve respeitar os horários de início e término dos cultos.

Após abrir a Bíblia e antes de fazer a leitura, convida a todos para orar, como de costume. Depois da oração, retoma a referência bíblica e inicia a leitura, introduzindo a fala: “... diz assim a Palavra de Deus ”, atribuindo autoridade e legitimando o discurso.

Ao ler a passagem bíblica, o enunciador faz uma breve introdução, usando de testemunho próprio de que Deus havia falado com ele e colocado aquela mensagem em seu coração, o que nos faz ver instaurada a ilusão de reversibilidade, logo em seguida, menciona outra passagem bíblica, no mesmo livro, porém outro capítulo e versículo: Isaías, capítulo cinquenta e dois, verso primeiro.

Após a leitura do texto bíblico, segue-se outra explicação, atualizando o texto bíblico à realidade pessoal. Fazendo referência da vida real com o texto em questão.

Percebe-se na seqüência da explanação, que há uma intenção de incentivar os enunciatários, colocando ânimo em cada um e reativando a permanente segurança na vida espiritual. Em seguida, o enunciador direciona a explanação para a exposição do nome da igreja, Monte Sião e a define como um nome 'comum' no meio evangélico, porém, segundo ele era um nome com importantes significados, dentre eles, o lugar de refúgio, o trono de Deus.

Ao lembrar de uma música evangélica em que o nome Sião é mencionado, o enunciador faz uso do interdiscurso e resgata na memória dos enunciatários sentidos de emoção, uma vez que todos se recordam da canção, logo, adverte à congregação de que se faz necessário e importante zelar por este nome, uma vez que o mesmo é carregado de sentidos importantes na Bíblia.

A partir daí, o enunciador segue sua ministração, desvelando a simbologia da instituição e do cristianismo e dando testemunho de seu ministério.

A partir destes esclarecimentos preliminares, partimos então para algumas características do discurso religioso neopentecostal da CEMS.

3.2 O Discurso Religioso Neopentecostal da Comunidade Evangélica Monte Sião.

Partindo do pressuposto de que o discurso religioso pode ser visto como autoritário, conforme proposto por E.P. Orlandi, podemos argumentar que ele pressupõe

uma base argumentativa que leva o enunciatário ao fazer-crer. Fazer-crer é uma das marcas do discurso religioso e para tal recorre-se às funções argumentativas e aos operadores que viabilizam tal propósito.

Dada a possibilidade de articulação da Retórica com a Análise do Discurso, compreendemos que o discurso religioso pode ser analisado com base nessas duas abordagens, com o objetivo de elucidar as marcas e os mecanismos lingüísticos que evidenciam a argumentação e a persuasão, entre outros fatores que nos propusemos a estudar.

Buscando oferecer uma unidade do discurso, os estudos retóricos visam a argumentação e o raciocínio lógico e apresentam uma ordem do discurso, a fim de que o orador organize suas idéias e convença os seus ouvintes, conforme:

1. Exórdio - Trata-se da introdução do discurso;
2. Enunciação da Tese ou Exposição - Trata-se da explicação ou da narração dentro do discurso em questão;
3. Amplificação do Assunto - Trata-se da argumentação, a fim de despertar a atenção e memória dos ouvintes para os argumentos fundamentais;
4. Epílogo - Trata-se do encerramento ou fechamento da exposição do discurso.

Com base nesses elementos de argumentação, podemos notar que o discurso religioso, geralmente, se conduz visando contemplar esta divisão, no sentido de que a argumentação resulte em efeitos de sentido que, no processo de comunicação, garanta a unidade do discurso.

Passemos, então, a considerar tais elementos nos discursos religiosos em questão.

Sendo o exórdio, a parte introdutória do sermão, tem por objetivo principal despertar a atenção, o interesse e a simpatia do enunciatário em favor do tema a ser exposto. Considerando os diferentes tipos de exórdio existentes, quais sejam diretos indiretos e abruptos, podemos caracterizar os dos discursos em análise como abruptos, pois se tratam daqueles cuja matéria entra sem demora na enunciação e revelam o tema a ser explanado nos sermões.

3.2.1. Saudação (Ponto de partida do Exórdio)

O enunciador dá início aos seus discursos saudando os enunciatários com as palavras:

DR1 -

Amém? Sejam bem vindos em nome de Jesus. Amém?

DR2 -

Paz do Senhor, irmão? Amém?

DR3 -

Amém, irmãos! ... Paz do Senhor. Amém?

DR4 -

Amém irmãos, pode se sentar, a paz do Senhor. Amém?

A saudação em clima de fraternidade faz parte da característica pessoal do enunciador que tem a intenção de aproximar-se dos enunciatários. O termo *Paz do Senhor* constitui-se num cumprimento característico da maioria das denominações pentecostais e neopentecostais, sendo usado entre os fiéis de instituições distintas. Tornou-se conhecido no meio evangélico como lugar comum no que diz respeito a saudações.

Em seguida, após agradecer a presença de visitantes e desejar-lhes boas vindas, o enunciador convida os enunciatários à oração, também considerada prática comum, desenvolvida antes da exposição do discurso proferido na CEMS, embora, muitas vezes, o enunciador não faça a oração e vá direto para a leitura do texto bíblico.

No **DR3**, a preocupação com as ofertas e os dízimos é revelada pelo enunciador, quando este retoma o momento de coleta, sempre feito antes da mensagem, após o momento do louvor, dizendo:

- É o Wagner não falou na hora da oferta, mas aqui neste lugar, você não é obrigado a dar dinheiro, amém amado? Cê só faça isso se puder. Tá? Em nome de Jesus...

Sabendo da fama pejorativa que a igreja evangélica pentecostal e neopentecostal recebeu ao longo dos anos e que é constantemente divulgada pela imprensa, o enunciador tenta restaurar esta imagem, informando ao enunciatário que contribua somente se quiser. Como argumento de autoridade, ele usa o nome de Jesus.

O fato de o enunciador utilizar o nome de Jesus no decorrer de seus discursos, demonstra um forte argumento de autoridade, pois ele fala de Jesus, ou Jesus fala por meio dele. Este argumento de autoridade confere ao enunciador, o poder para incorporar, afirmar ou não determinado conceito.

O falar “em nome de Jesus”, com o passar dos anos, tornou-se um chavão no meio pentecostal e neopentecostal, podendo ser utilizado por qualquer pessoa que professe a fé cristã, mesmo não sendo um sacerdote.

3.2.2. O início do sermão

Antes de iniciar a mensagem propriamente dita, o enunciador convida os enunciatários à prática da oração e a acompanharem a leitura bíblica:

DR1- Neste discurso, o enunciador convida o auditório para orar, entretanto prossegue diretamente para a leitura da Bíblia.

Nós vamos orar. Queria que você abra a Palavra de Deus lá em Lucas, capítulo vinte e dois.

DR2 - Neste caso, o enunciador, solicitou que se fizesse a oração em primeiro lugar e após os testemunhos e as saudações de visitantes, foi feita a leitura da Bíblia.

Eu queria que vocês abrissem a Palavra de Deus lá em Êxodo, capítulo 03...

DR3 - Neste discurso, o enunciador convida o auditório à leitura bíblica direta.

Nós vamos abrir a Palavra de Deus em Mateus, capítulo 20... ... Mateus, capítulo 20... A partir do verso primeiro, irmão, nós vamos ler... A Palavra de Deus diz assim:

DR4 - Indicando pressa, devido ao tempo estar se esgotando, o enunciador convida a abrir a Bíblia, e utiliza o advérbio ' rapidinho', o que indica liberdade de expressão e intimidade para com o auditório.

Nós vamos rapidinho abrir a Palavra de Deus lá em Isaías 51...

No momento em que o enunciador convida os enunciatários a fazerem a leitura do discurso bíblico juntamente com ele, instala-se um efeito de sentido religioso, na medida em que os enunciatários percebem-se participantes ativos do ato religioso, pois eles também têm acesso ao texto sagrado, de modo que podem interagir com ele e perceber-lo acessível. Contudo, o pastor necessita fazer-se presente, a fim de trazer a lume o significado do texto, posto que o pastor seja o representante de Deus na Terra, neste momento.

Ao denominar o discurso bíblico como *Palavra de Deus*, o enunciador faz crer que aquela é a atitude de fé institucional, ou seja, o único discurso digno de ser explanado, pois se constitui na palavra do próprio ser divino - Deus, transformada em escritura e deixada aos homens.

O Cristianismo concebe a Bíblia como material de fé e faz com que os seus discursos se respaldem exclusivamente neste texto, uma vez que o discurso religioso visa a doutrinar os enunciatários.

Após a leitura do discurso bíblico, o enunciador recorre à oração proposta logo no início:

DR1 - Neste discurso, o enunciador inicia a oração sem premissas. Após a saudação e a introdução sobre a Páscoa, ele insere a oração à liturgia.

Senhor, nosso Deus e Pai, em nome de Jesus, Senhor... ..

DR2 - Neste discurso, o enunciador convida a igreja a interceder a favor de duas pessoas que apresentam problemas.

Irmãos vamos orá por essas duas irmã? Você crê no poder de Deus?

DR3 - O enunciador dá a direção para o próximo passo, a oração. O fato de o mesmo solicitar ao auditório que abaixe a cabeça, indica reverência para com o momento da oração.

Amém amado! Vamos orar! Abaixa a tua cabeça e ore e peça pra que Deus venha falar no teu coração. Amém querido? Venha... Pra que Deus venha revelar algo no teu coração hoje. Você veio aqui pra receber uma palavra de Deus, então.

DR4 - Sem demora, 'convoca' o auditório para orar. Esta 'imposição' não é questionada, pois é sabido que a prática da oração se dá logo no início do culto.

Nós vamos orar...

O emprego da forma verbal *Vamos*, em primeira pessoa do plural e no presente do indicativo, tem valor de convite e permite-nos incluir o enunciador e os enunciatários neste momento de oração, a fim de pedir que Deus venha 'falar' com ambos no culto, que se caracteriza como um momento de enunciação. Desta forma, instala-se uma assimetria de planos em que **DEUS = PAI**, aquele que dá, que fala e os **HOMENS=FILHOS**, aqueles que recebem, que escutam, confirmam-se ocuparem espaços diferentes.

Durante a oração, o enunciador constantemente coloca-se como um dos filhos de Deus, assim como todos que se encontram no templo e que necessitam receber de Deus a revelação, uma palavra divina. No mesmo momento, sabendo de sua condição de pastor, o enunciador pede que Deus venha dispor de sua vida e declara que nada pode fazer sozinho:

DR1 -

Senhor, nosso Deus e nosso Pai, em nome de Jesus, Senhor... eu sei que o Senhor está aqui conosco, Pai... por que o Senhor disse que o Senhor estaria no nosso meio... e o Senhor estaria conosco todos os dias... até a consumação dos séculos, Pai.

DR2 -

Senhor, nosso Deus e nosso Pai, nós oramos agora, Pai, por essas duas irmãs, ó Pai... Por que, Senhor, o problema que elas tem ... para os homens, Pai, é muito sério... muito grave, mas para Ti, Senhor, não é nada, por que Tu és o médico dos médicos, Tu és aquele que cura...

DR3 -

Senhor, nosso Deus e nosso Pai, em nome de Jesus, Pai, Senhor, nós estamos aqui com a tua Palavra aberta... e essa Palavra Pai, saiu da Tua própria boca, te pedimos agora, Senhor, que o Senhor venha falar com cada um de nós.... Usa a minha vida, Pai, por que eu não posso fazer nada sozinho, Pai... Eu sou apenas, Pai, um instrumento nas tuas mãos...

DR4 -

Senhor, em nome de Jesus, meu Pai... Deus eu não posso fazer nada, Pai, mas o Senhor é o cabeça da Igreja, o Senhor é aquele que fala e quando o Senhor fala, a Tua palavra se cumpre.

3.2.3. A ilusão da reversibilidade

Como já observamos, o discurso religioso é um discurso autoritário e seu funcionamento se caracteriza por conter uma linguagem também autoritária, na medida em que o pastor fala em nome de Deus que ele representa. É a ilusão da reversibilidade, conforme aponta E.P.Orlandi (1987a). Assim sendo, podemos dizer que o discurso religioso se organiza de forma indireta, pois nele, Deus autoriza o pastor, seu representante, a dizer em seu nome.

A ilusão de reversibilidade se dá no momento em que o enunciador recorre ao discurso bíblico que, por sua constituição, lhe garante a autoridade e coloca-o na posição de divulgador e intérprete da palavra divina e, por conseguinte, autorizado a revelá-la.

DR1 -

... Ó Espírito Santo de Deus toma - me agora nas Tuas mãos, Tu sabes, ó Pai e conheces o meu coração, mas eu te peço, Senhor: Me usa, Pai para o Teu louvor, em nome de Jesus, abençoa cada vida que está aqui agora, Pai... livra... Pai, de toda opressão, Pai, de toda tristeza, de toda mágoa, em nome de Jesus, Pai querido.

É isso que Deus quer dizer: que não foram eles que colocaram Jesus na cruz. Fomos nós, eu e você.

DR2 -

Pai, em nome de Jesus, resgata o Teu povo hoje, Pai, para Tua honra e pra Tua glória, amém!

Então, Pai, em nome de Jesus nós te pedimos agora a Tua benção sobre a vida dessas duas irmãs.

Deus está neste lugar. E Deus está fazendo milagres neste lugar, porque Deus está aqui. Não é Wanderley, não é ninguém, mas é o Deus de Jacó, o Deus de Isarel que está aqui neste lugar e Ele tem feito maravilhas na minha vida e Ele tem feito maravilhas na tua vida também.

DR3-

Senhor, em nome de Jesus, coloca palavra de conhecimento e de sabedoria, Pai, na minha boca. E usa, Senhor o meu corpo, Pai, para transmitir, Pai, o teu desejo aos teus filhos, Pai, em nome de Jesus.

Jesus tá falando aqui da sua obra... o dono da casa é ele mesmo, amém?

Deus tem chamado cada um de nós. Deus chamou pessoas no passado...

DR4 -

O Senhor é aquele que coloca as palavras na nossa boca, meu Pai, por que nós não podemos fazer nada... por que sem Ti nós não somos nada, meu Pai.

Então, Senhor, eu reparto a benção, Pai sobre a vida desses meus irmãos que estão aqui hoje, Pai, em nome de Jesus. Amém

Jesus Cristo é o fundador e representante máximo do Cristianismo, isto torna o seu nome um argumento de autoridade eficaz e eficiente no discurso religioso neopentecostal; daí, constantemente os pregadores e líderes evangélicos utilizarem-se do nome de Jesus em suas pregações. Segundo esta ideologia, é em nome de Jesus que Deus opera milagres e maravilhas e é em nome de Jesus que as coisas do mundo espiritual acontecem, tomam lugar e dão-se a conhecer no mundo material.

Ao dizer afirmações em nome de Deus, o enunciador coloca-se 'no lugar de' Deus e faz-se como canal das intenções de Deus para seu povo.

Ao mencionar Deus como Pai, durante a oração inicial, o enunciador faz com que haja uma identidade entre ele e os enunciatários, colocando todos na mesma relação de filhos do mesmo Pai e, por conseguinte, irmãos por meio do sacrifício de Jesus.

Ao apresentar a Trindade, doutrina do Cristianismo, o enunciador instaura um argumento de autoridade sobre o seu discurso:

DR1 -

Dáí-nos, ó Pai, a alegria do Teu Espírito, desde agora, Pai, em nome de Jesus... Amém!

DR2 -

Pai, pra Tua honra e pra Tua glória, nós Te agradecemos no nome de Jesus. Amém!

DR3 -

No nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo. Amém!

DR4 -

Pai, em nome de Jesus. Amém

3.2.4. Exposição

A exposição inicia-se no momento em que o enunciador passa a narrar ou a explicar os efeitos de sentido que resultam da interpretação da leitura bíblica. Fazendo do discurso bíblico uma manobra argumentativa, o pastor instala o argumento de autoridade, pois parte de uma fonte tida como inquestionável e de autoridade maior e superior a do homem.

O argumento de autoridade também é instaurado no momento em que o enunciador se fundamenta em passagens bíblicas diversas em sua preleção, a fim de respaldar sua fala, pois como já se sabe, a Bíblia é a única regra de fé do Cristianismo e, portanto, não poderia ser questionada:

DR1 -

Hoje... ... Nós vamos andar um pouco na Palavra de Deus e vamos, talvez aqui fazer uma meditação, vamos entrar na história...

DR2 -

Deus vai falar com você, por que Deus está aqui. Amém amados ? Deus está neste lugar. E Jesus disse : ' Olha, se vocês não crerem em mim, creiam pelo menos naquilo que eu faço'. E Deus está fazendo milagres neste lugar, por que Deus está aqui.

DR3 -

Por isso que a Bíblia diz assim : Muitos são os chamados, mas por que são muitos os que chamados... Quando João viu ali diante do trono, diz que ele viu ali pessoas de toda raça, de toda tribo, de toda língua, vestidas com vestes brancas, ele perguntou: Quem são esse povo? Ele disse: Esses são o povo, esses são os chamados.

DR4 -

Deus diz assim no verso três: 'Por que assim diz o Senhor: Por nada fostes vendidos. Amém ?

Uma vez que ao auditório não é dado, pelo menos no local de culto, o direito de questionar a respeito da autoridade do relato bíblico, o enunciador baseia o seu discurso em passagens da Bíblia que permitem embasamento teórico para suas preleções. Desta forma, instaura-se o fazer -crer característico do discurso religioso. O texto bíblico é o argumento de autoridade utilizado pelo enunciador.

3.2.5. Contextualização

Ao iniciar o sermão, a partir da leitura bíblica, o enunciador tende a despertar o interesse do enunciatário, procurando contextualizar, num primeiro momento, a passagem bíblica abordada.

No DR3, o enunciador contextualiza, dando a explicação de que Jesus, ao contar a parábola, procurava alcançar as pessoas mais simples de sua época, o que revela um Jesus didático, profeta que se fazia entender por meio de parábolas, por ter a função de elucidar suas verdades espirituais. Com o apoio dessa abordagem, o enunciador desenvolve seu sermão, atualizando a mensagem bíblica, contextualizando-a e

inserindo-a no contexto dos dias de hoje, fazendo, assim, inferências. A partir daí, o enunciador procura dar novos significados aos termos usados na antigüidade, fazendo com que esses termos adquiram um novo conceito para o enunciatário:

DR1 -

Então, nós vamos entrar agora nessa história. História que durante dias nós vimos na televisão, no rádio... Vimos ali... como foi dura a experiência de Jesus... qual foi a experiência que Ele teve que passar por cada um de nós...

DR2 -

Eu queria que você lesse novamente comigo o verso seis, por que Deus tá falando com você já a partir de agora... Vamos ler, irmão: 'Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus Isaque e o Deus de Jacó. Amém ?

E Ele é o seu Deus também, amém amado?

DR3 -

Jesus, Ele compara o Reino dos Céus a um dono de casa ou a um pai de família, que ele saiu de madrugada pra contratar pessoas pra trabalhar na sua vinha... amém ? E toda vez que você ler na Palavra de Deus, quando fala da vinha, isso significa, trabalhar na obra de Deus... Amém ?

DR4 -

Isaías 52, verso 1º diz assim : 'Desperta, desperta, reveste - te da tua fortaleza, ó Sião, veste-te das tuas roupagens formosas, ó Jerusalém, cidade santa, por que não mais entrará em Ti nenhum incircunciso, nem imundo, sacode - te do pó, levanta - te e toma acento, ó Jerusalém, solta - te das cadeias de teu pescoço, ó cativa, filha de Sião, por que assim diz o Senhor....

Há situações na vida que você pode estar... vivendo.. e o inimigo pode estar até mesmo rindo de você, pessoas podem estar rindo de você... devido a tua situação, devido a tua opressão, devido às necessidades que você tá passando...e a opressão que você tá vivendo... mas Deus diz que Ele está olhando e Ele promete nesta noite que Ele vai mudar o teu cativeiro, Ele vai mudar a tua sorte. Amém querido?

Ao contextualizar a passagem bíblica lida, o enunciador pretende ganhar a confiança de seu auditório. Desta maneira, insere o interlocutor no discurso e coloca-o em situação confortável para acompanhar o raciocínio da exposição do discurso.

3.2.6. A interação enunciador e enunciatários

A interação é um fator constantemente aplicado durante a ministração do discurso pois, ao usar palavras como *Amém, irmão, Pai, gente*. O enunciador pretende interagir com o seu auditório.

Abaixo temos expressões que foram destacadas dos quatro discursos, pois os mesmos encontram-se repletos destas marcas lingüísticas:

Amém, amado?

... qual foi, irmão?

Amém?

Ceis tão entendendo o que eu quero dizer?

Não é verdade?

É ou não é?

Quem já ouviu fala?

Você crê, irmão? Você crê?

Você crê que você já é salvo?

Deus tá falando com você, irmão?

Cê tá preparado pra entrar no Reino dos Céus?

Amém, querido?

Há momentos em que, a fim de verificar se está sendo bem entendido e se a sua explanação se faz compreender, o enunciador utiliza a pergunta: *amém querido?* O adjetivo *querido* indica uma forma de aproximação, uma forma de chamar a atenção dos enunciatários, uma maneira de despertar o interesse para o que está sendo dito.

Com o objetivo de persuadir o seu auditório quanto ao que está argumentando, o enunciador vale-se de testemunhos pessoais e de perguntas direcionadas, o que cria um efeito de aproximação capaz de fazer com que os enunciatários não apenas interajam com o enunciador como também dialogue com ele:

DR1-

Sábado, não, sexta-feira. Sexta-feira nós fomos assistir uma encenação lá em Santana do Parnaíba... Eles fizeram um teatro, muito bonito, a respeito da paixão de Cristo. Irmãos, você acredita que na hora que Jesus tava sendo crucificado, tá certo que não é Jesus... mas na hora que Jesus tava sendo crucificado, pessoas no meio da platéia davam risada! Sabia disso?

Você consegue imaginar? Você consegue imaginar o que passava na mente de Jesus?

Imagine você com seu olho vendado e apanhando na cara! É muita humilhação!

DR2 -

E Ele é o Seu Deus também, amém amado?

São quatro consoantes, né, irmão?

É verdade, irmão?

O que pode te separar do amor de Deus?

Nada pode nos separar do amor de Deus, amém querido?

Deus queria dar a eles, o que?

DR3 –

Eu já vi muita gente dizer assim: Olha, o fulano saiu da igreja. Por quê? Por que ele não era escolhido.

A Bíblia diz que só existe um povo escolhido por Deus na terra e Ele foi escolhido desde Abraão... Amém? Que é o nosso pai na fé. Então o povo escolhido por Deus, qual foi irmão? Aquele povo que Ele tirou do Egito...

DR4 -

E você vai saber que é Ele que está falando, Ele diz pra você hoje e diga pro teu irmão que Deus lhe diz hoje: Eis me aqui...

Deus está neste lugar, irmãos!

Que Sião é o trono de Deus, amém querido?

Amém, querido? Tá muito chato? Ceis tão entendendo o símbolo dessa águia, irmão?

Não vamos idolatrar a águia, amém querido?

Mas o que nós temos visto nesse último tempo?

Amém querido. Se algo não se cumpriu na sua vida é porque aquilo não era, não foi palavra de Deus, amém querido?

No DR3, ao elucidar a questão de POVO CHAMADO X POVO ESCOLHIDO, o enunciador instaura um contraste, pois com isso, ele quer dizer que nem sempre o povo chamado é o povo escolhido e vice versa.

POVO CHAMADO = POVO DE ISRAEL (Povo que recusou o Messias).

POVO ESCOLHIDO = POVO DE DEUS (Povo que aceitou o Messias).

DR3-

*Mas eles não aceitaram, então o Evangelho foi, foi pregado para quem irmão ?
Pra nós... Amém ?*

Ao se colocar no lugar de não merecedor do chamado de Deus, o enunciador instaura a contraste **GRAÇA X LEI**, pois o povo de Israel pela lei, seria o povo escolhido, mas os gentios pela graça, tornaram-se o povo chamado, mesmo sem merecimento.

DR3-

E nós num temos mérito nenhum em ser chamados, é ou num é? Então, essa parábola, ela fala que foram chamadas por Deus... E alguns foram chamados logo no começo, Jesus não chamou ali os Seus apóstolos? É ou não é?

Ainda no DR3, ao apresentar fatos bíblicos, o enunciador visa a fortalecer sua argumentação, com a intenção de validar o seu discurso de que é pela graça e não por mérito nosso, que Jesus é quem escolhe a quem Ele quer:

DR3-

Falou: Vem, Pedro... Você... João... é ou num é? E foi chamando os seus apóstolos e disse: Olha, eu escolhi vocês. Ele disse assim: Olha, num foi vocês que me escolheram, eu escolhi vocês! É ou não é?

Observamos, ainda, esse aspecto em::

DR2 -

Amém! A Palavra de Deus nos conta quando Deus chamou Moisés... e nós vemos aqui o relato, quando Deus, Ele mesmo se auto se denominou, por que muitos nomes foram dados pra Deus: Jeová Jirê, o Deus da provisão, Jeová Rafá, o Deus que cura, Jeová Shalom, Jeová é paz. Amém amado?

DR4 -

Deus diz assim, no verso três: ' Porque assim diz o Senhor: Por nada fostes vendidos' Amém ? Existe uma doutrina por aí, irmão, que diz que Deus, Ele abandona você e te vende pra que o diabo possa fazer o que quiser de você... Mas Deus diz aqui que por nada você pode ser vendido, amém querido?

A interação é condição fundamental para que o enunciador consiga levar o seu auditório ao fazer-crer. O discurso religioso neopentecostal da CEMS depende desta interação para que seja aceito e apreendido. O Fato de o enunciador valer-se de interação perante seu auditório, usando perguntas direcionadas, comentários pessoais faz com que o auditório se aproxime de seus enunciadores e que aceitem melhor o conteúdo do discurso.

Notamos que, de uma maneira simples e didática, o enunciador consegue captar a atenção do auditório, que se mostra acessível através de seu discurso.

3.2.7. A interdiscursividade

O interdiscurso revela o papel da memória no discurso religioso. Com a intenção de enriquecer seu discurso e sua argumentação, o enunciador vale-se de outros exemplos bíblicos e também pessoais, a fim de ilustrar seu discurso e ganhar a atenção de seu auditório. Um outro aspecto importante a considerar-se no discurso religioso neopentecostal é o fato de que quanto mais o enunciador utilizar de outros recursos interdiscursivos, maior será a sua aceitabilidade perante o auditório.

Tomando como exemplo, o DR3, não obstante o chamado ter sido feito para quem não merecia, houve um preço a ser pago e para validar esta questão, o enunciador recorre a exemplos históricos dos acontecimentos. Com isso, procura argumentar e usa do aspecto emocional para se fazer entender com exemplos que atingem principalmente as mulheres, por terem maior sensibilidade emocional. A emoção no discurso religioso tem a função de sensibilizar para a fé. Convidando os enunciatários a colocarem-se no lugar de outras pessoas que viveram situações de perigo, o enunciador fortalece sua argumentação, a fim de levar os enunciatários ao crer:

DR1 -

Jesus tinha o maior amor, Jesus tinha a maior consideração... mas agora nós vemos agora, o próprio Judas que Jesus tinha acabado de alimentar. Ele vem até Jesus e lhe dá um beijo no rosto, como sinal de traição... E Jesus olha pra ele, talvez com amor... por que Jesus, Ele conseguia amar, como nós não conseguimos amar e Jesus olhou nos olhos de Judas e falou: ' Amigo, com um beijo você trai o Filho do homem'.

Agora, o próprio Pedro, com medo... Ele seguia Jesus de longe e dizia: Eu não conheço esse homem. Amém querido?

Jesus falando o sermão do monte, falando ali a Palavra de Deus, falando ali: Vinde a mim todos os estais cansados, oprimidos, eu vos aliviarei.

Talvez Jesus se lembrasse do centurião, que um dia chegou diante dele.

Existe aí um ditado que diz que a voz do povo é a voz de Deus.

Existe uma estória que diz que um certo homem na época de Jesus, ele queria saber quem era Jesus. Então ele mandou o empregado dele.

Deus foi traído a primeira vez quando uma mulher foi lá e comeu de uma árvore.

Deus vai te dar isso, Deus vai te dar aquilo. Deus vai fazê isso, Deus vai fazê aquilo. Milhões, vai chovê dinheiro na tua conta. Amém ?

DR2-

Como dizia Davi...

A Bíblia diz que nós não temos o espírito da escravidão pra que a gente viva novamente atemorizado, mas hoje nós temos o espírito de adoção e nós podemos dizer o que ?

DR3-

Se chamaram de Belzebu, o pai de família, quanto mais não vão falar de vocês !

Jesus veio para os seus, mas os seus não o receberam...

Na verdade, a primeira pessoa que entrou no reino dos céus, lada a lado com Jesus, sabe quem foi, irmão? Quem pode imaginar? Poderia ser o Nicodemos... O Lázaro, não é verdade?

Quando Jesus viu ali diante do trono, diz que ele viu ali pessoas de toda raça, de toda tribo, de toda língua, vistidas com vestes brancas, ele perguntou: Quem são esse povo?

Vocês tem mais ou menos uma idéia do que eles passaram? Eles sofreram muito pra seguir a Jesus... Pagaram com a sua própria vida ! Não foi fácil não! Por que naquela época era terrível... Pedro foi crucificado, diz a tradição, diz que ele foi crucificado de cabeça pra baixo... Paulo foi decapitado, Tiago foi decapitado, amém amado? Outros também foram martirizados, mas todos eles pagaram... com seu sangue.

O ladrão que morreu com Ele na cruz. Amém, amado?

Ceis tão entendendo aquilo que a Palavra de Deus diz pra você? Agora, a Bíblia diz que no final dos tempos, haveria muita, muita coisa errada no mundo... e realmente tá acontecendo muita coisa errada. Paulo falava que haveria tempos trabalhosos...

Vale ressaltar, também, que, no DR3, com o objetivo de não macular a tradição católica, tão acusada pela mídia evangélica, o enunciador faz alusão a pessoas que foram mártires do cristianismo e que foram canonizadas pela igreja católica. O enunciador surpreende, quando diz que deveríamos imitá-los e não idolatrá-los, remetendo o auditório a um outro sentido bíblico veiculado pelos dez mandamentos, em que o relato bíblico exorta a não se fazer imagens de escultura. É o interdiscurso tomando lugar no discurso em questão.

Ceis já ouviram falar do São Sebastião? Quem já ouviu falar? Por que? Quem era ele? Ele foi um soldado romano... que se converteu ao Cristianismo, ele aceitou Jesus como seu salvador e por isso, fizeram dele, o que ? Tiro ao alvo. Amém?

Quem já ouviu falar de Santa Cristina? Quem já ouviu falar? Era uma menina que tinha 15 ano e ela aceitou a Jesus como seu salvador e quando o pai e a mãe dela descobriram que ela tinha recebido a Cristo como salvador, eles entregaram ela na mão dos César, do governo romano e ela foi pra fogueira... E diz que enquanto ela era queimada, ela cantava hinos de louvor a Deus... Amém querido?

DR4-

Quando... eu inventei de fazer viagem astral... deitava na cama e falava assim, se reunia com o pessoal e falava: Não, nós vamos viajar no astral....

Lia um livro dum tal de Librisam Rampa e eu metia o pau nos crente mais do que ceis pode imaginar.. eu era inimigo número um dos crente.

Fui na Rosa Cruz, um dia, um sargento amigo meu me levou num lugar ... que vocês já ouviram falar da Rosa Cruz, quem já ouviu falar?

O interdiscurso legitima o discurso religioso, pois como vemos, no caso do DR4, oferece exemplos que sustentam a argumentação do enunciatário.

O fato de trazer à memória outros exemplos contribui sensivelmente para fixar a mensagem que está sendo transmitida e possibilita ao auditório compreendê-la melhor.

3.2.8. Discurso Direto e Discurso Indireto

O uso do discurso direto legitima e aumenta o poder de persuasão e argumentação do discurso religioso, pois o enunciador, ao utilizar o discurso direto, acentua a autoridade daquele que diz e com isso torna o discurso acessível. O fato de o enunciador reproduzir a palavra do outro atribui mais credibilidade ao seu discurso, respaldando os argumentos que profere e interferindo nos sentidos construídos pelos enunciatários. Percebemos com isso que é de praxe do enunciador valer-se dos discursos direto e indireto, uma vez que no discurso religioso, eles dão garantia de fidelidade do dizer do enunciador.

DISCURSO DIRETO:

DR1-

Ele tomou o cálice, e deu também o cálice com vinho e disse: ' Tomai e bebei todos vós esse é o meu sangue, o sangue da nova aliança que Deus faz com o homem.

O receberam com mantos, com palmas... diziam: ' Bendito o que vem em nome do Senhor, hosana nas alturas.

Talvez você esteja em momentos de agonia, de sofrimento, mas Jesus diz: ' Bem aventurados são vocês que choram, por que um dia vocês serão consolados.

E ele está pronto pra estender as mãos pra você e dizer pra você: ' Olha, Eu estou contigo, todos os dias até a consumação dos séculos.

Ele conseguia amar, como nós não conseguimos amar e Jesus olhou nos olhos de Judas e falou : ' Amigo, com um beijo, você trai o Filho do Homem.

Alguém que um dia olhou pra Jesus e disse: ' Jesus, Tu és o Messias, o Filho de Deus.

Agora o próprio Pedro, com medo... Ele seguia Jesus de longe e dizia: ' Eu não conheço esse homem. Eu nunca andei com Ele, eu não tenho nada a ver com Ele.

Então as pessoas vão olhar pra você: ' Olha ! Como ele é abençoado! Eis aí o filho de Deus

Mas quando você estiver ali preso, quando você estiver ali sofrendo, chorando... as pessoas vão olhar pra você e vão dizer: 'Eu não conheço aquele homem, eu não conheço aquela mulher.

DR2 -

Deus olhou para Moisés e Deus chamou Moisés, escolheu Moisés, pois Deus viu o sofrimento do seu povo... Ele diz: ' Certamente eu via a aflição do meu povo e ouvi o seu clamor.

Como eu disse outro dia: ' Nós não conhecemos Deus, ou seja, Deus só é glorificado... quando na sua vida há milagres e há transformações, amém querido?

E como eu disse outro dia: ' Nós temos o costume de apresentar o problema muito grande pra Deus ... quando nós deveríamos fazer... ao contrário.

É verdade, irmão? Em vez de você chegar aqui e falar: 'Olha, a pessoa, ela tá com câncer, ela tá quase morrendo, olha, é uma coisa difícil... você deveria pensar assim: ' Olha! Isso aí não é nada para o meu Deus, por que o meu Deus é o Eu sou e fora dele não há outro.

Como dizia Davi: ' Ainda que um exército se acampe ao nosso redor, ao meu derredor, eu nada temerei, por que ? Por que Deus está comigo, amém amado?

DR3-

Ceis lembram quando aquela mulher cananéia, ela ia atrás de Jesus pedindo: Senhor, tem misericórdia de mim, cura a minha filha, por que ela está endemoninhada, ela está endemoninhada, Senhor, cura ela.

Olha mulher, não é justo eu tirar o pão dos filhos e dar para os cachorrinhos. Amém?

Eu não vim... Eu vim senão para as ovelhas perdidas do povo de Israel... Amém amado?

Ele saiu de madrugada, convidou alguns. Óh ! Ceis vão trabalhar lá na minha obra

Por que ele mandou, chamou o administrador e falou assim : Olha, você vai pagar o que eu combinei com eles... E você vai pagar pra eles, primeiro pros últimos. Amém ?

É ou não é? Falou: Vem, Pedro... Você... João... É ou num é?... Olha, eu escolhi vocês. Ele disse assim : Olha, num foi vocês que me escolheram, eu escolhi vocês.

Olha, vigiai e orai, por que você não sabe a hora que o ladrão vier.

DR4 -

E você vai saber o que é que Ele está falando, Ele diz pra você hoje e diga pro teu irmão que Deus lhe diz hoje: ' Eis me aqui.

Diga pro teu irmão: ' Jesus salva, Jesus cura, Ele batiza com o Espírito Santo...

Diga: Eu sou o peixe e eu sou o trigo.

Então, um dia, Jesus chegou pra Pedro e disse: ' Simão ,cê é um pescador, mas eu vou fazer de você pescador... de homens... Amém querido?

DISCURSO INDIRETO:

DR1-

Ninguém teve maior amor do que esse, de dar a sua vida pelos seus amigos, disse Jesus.

Jesus, a caminho do Gólgota agora, Ele caiu várias vezes e pegaram ali um homem, Simão Cirineu e a Bíblia diz que obrigaram o homem a carregar a cruz pra Ele, por que ele não queria. Amém ?

DR2-

Por que Deus diz que Ele tem ouvido o seu clamor e Deus tem visto o seu sofrimento.

Amém amado? Por que a Palavra de Deus diz lá em Romanos 08:31 que, se Deus é por nós, quem será contra nós?

Deus colocou no seu coração um sonho... e você pensa que esse sonho é da tua cabeça e disse que Deus num quer realizar esse sonho, mas eu digo que Deus, Ele quer realizar todos os nossos sonhos, por que quando você for livre e feliz, Deus vai ser feliz na tua vida. Amém amado?

DR3-

Ele disse que ele tinha vindo para buscar as ovelhas do povo de Israel. Então, ele estava dizendo que ele veio buscar o seu povo... O povo escolhido por que a promessa era pro povo de Israel..

DR4-

A Bíblia diz que só existe um povo escolhido por Deus na terra e Ele foi escolhido desde Abraão, amém? Que é o nosso pai na fé.

O uso dos discursos direto e indireto no discurso religioso confere liberdade de exposição da mensagem pois, além de outros textos, tem respaldo do texto bíblico e confere ao enunciador a possibilidade de argumentar de modo eficaz, uma vez que o texto bíblico garante ao discurso e ao enunciador o papel de autoridade.

3.2.9. Exortação / Admoestação

A exortação e a admoestação, muito utilizada no discurso religioso neopentecostal, contribuem para o doutrinamento:

DR1-

Jesus jamais vai trair você. Existe um amigo mais chegado que um irmão. Jesus jamais, Ele vai voltar as costas pra você, por isso, irmão, não desista Dele. Amém? Não negue Ele. Não O traia por causa de coisas desse mundo, não vire as costas pra Jesus por causa de trinta moedas de prata, não saia da tua posição, por causa daquilo que as pessoas tem te oferecido.

Se lembre do que Jesus já fez por você! Se lembre de quantas vezes você testemunhou de que Jesus é maravilhoso, quantas vezes você já disse que Jesus era tudo pra você e hoje as coisas não vão bem... e você já pensa em largá-lo. Mas, não faça isso, irmão. Amém?

DR2-

Mas se hoje você sair do Egito e você der a mão pra esse Deus que é o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Israel. Ele vai mudar a tua vida e você vai ser mais do que vencedor em Cristo Jesus.

DR3-

... Talvez nós somos os últimos a serem chamados. Talvez Ele volte agora, nada mais do que uma hora, duas, três, sei lá! Amém ? Mas o pagamento, a promessa que diz que um dia Jesus ia voltar , da mesma forma que Ele foi, Ele ia voltar pra buscar a Sua igreja.

DR4-

Você quer que Deus fale com você essa noite, irmão? Então peça pra que ele venha fazer um milagre agora, que Ele venha me usar.

... mas Deus colocava no meu coração e essa palavra que Ele diz pra você hoje... Que é Ele quem te consola. Ele é o teu consolo. Ele é o teu refúgio. Ele é o socorro em horas de tribulação, porque, ainda que o homem te decepcione, ainda que o mundo possa se esquecer de ti, o Senhor é o que te resgata, o Senhor é que estende a Sua mão sobre você e a Sua destra se levantará.

Existe um lugar de descanso para você e esse lugar se chama Sião e você vai entrar nessa Sião... Sião... é uma coisa até engraçada por que nós começamos a nossa vida espiritual na Igreja, na Comunidade, na Igreja da Comunhão, amém?

É que não importa a tua situação, que não importa o como você possa estar... não importa a situação que você esteja enfrentando hoje... Independente da forma que você estiver... Deus vai entrar repentinamente nesse problema, Deus vai entrar repentinamente nessa causa...

A argumentação utilizada no momento da exortação também é um fator determinante para que o discurso seja aceito pelo auditório. Percebe-se o discurso religioso pentecostal e neopentecostal como um discurso repleto de exortação e admoestação, pois estas são duas das principais características destes discursos, ou seja, confrontar o comportamento humano com a prática da vida cristã, instituída pela Bíblia. Este confronto é feito por meio da exortação e da admoestação.

3.2.10. Comparação:

A comparação permite ao enunciatório colocar-se no lugar no lugar de, ou fazer alusão a.

DR1-

... quando as nossas lágrimas tem sido o nosso pão e a nossa água.

Talvez no coração de Jesus, Ele poderia ... pensar, por que ele era homem igual a nós todos.

E quando você menos espera, você recebe aquela bomba sobre a sua cabeça e fica...como Jesus, nessa situação.

DR2-

... assim como o povo obedecia a Faraó, porque tinha medo do Faraó... Amém amados?

Porque você é escravo... Você é oprimido.

DR3-

Deus sabe que somos uma casa em construção. Então, ele olha para nós, não como o diabo vê, mas ele já olha para cada um de nós uma casa bonita, uma casa arrumada, uma casa maravilhosa que foi a que ele criou pro Seu espírito mora. Amém ?

Ao mesmo tempo em que coloca que Deus vê seu povo como uma casa bonita, valorizando o homem como templo de seu Espírito, o enunciador adverte que o diabo, ou seja, o oposto de Deus, procura denegrir a imagem do homem, que foi criado a imagem e semelhança de Deus:

O diabo tem colocado coisa na cabeça da pessoa, dizendo assim : Oh" Você não é digno disso, você não é digno de orar por isso, você não é digno de receber isso, você não é digno daquilo outro. Amém amado?

DR4-

Como Deus tirou o seu povo do Egito, amém amado? Deus, Ele mesmo se compara a uma águia e foi lá no Egito e tirou o Seu povo das mãos de Faraó, amém?

3.2.11. Peroração:

A peroração constitui-se na conclusão do sermão. De acordo com o tema global do discurso, o enunciador procura dar um fechamento para seus discursos.

DR1-

Amém, amado? O teu sonho não acabou.

Tem um hino que diz assim: Por que Ele vive, eu posso crer no amanhã.

Amém ?

DR2-

Amém irmãos,dê um abraço no teu irmão, amém? Que a graça do nosso Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus Pai e a comunhão do Espírito Santo seja sobre todos vós, hoje e para todo sempre e a que a igreja de Cristo diga: AMÉM. Amém amado?

DR3-

Eu queria... eu queria dizer pra você, irmãos com essa palavra. Nós vamos participar da Ceia daqui a pouco.

Amém. queria, irmãos, hoje, compartilhar com você a alegria que nós temos de sermos salvos em Jesus Cristo. Amém ? Você foi chamado e hoje talvez possa estar sendo chamado... pra participar dessa mesa. Amém ?

Nós não somos salvos por aquilo que fazemos. Por que o dom gratuito é a salvação em Cristo Jesus. Amém ?

DR4 -

A esperança, por que um dia, irmãos... nós vamos nos encontrar com Ele... Um dia, irmãos, eu vou me encontrar com aqueles que já partiram desse mundo... Esperando a volta Dele... Vamos comer desse pão, em nome de Jesus.

Antes de concluir, o enunciador instrui os enunciatários a como participar da Santa Ceia e ao final diz:

DR3-

Ah! E que Deus te abençoe, que este pão te dê o alimento espiritual que você precisa. Jesus disse: Tomai e comei do meu corpo, todos vós. É?

Análise: Ao concluir o discurso, o enunciador tem como pretensão fixar a mensagem proferida e encerrar com a benção apostólica, que é de praxe em todos os cultos, porém, notamos que somente no DR2 isto acontece. A espontaneidade de se iniciar o culto é repetida também no ato de se terminar o mesmo.

3.3 Marcas Linguísticas

3.3.1. Os Tempos Verbais:

Ao analisarmos os discursos religiosos a que nos propusemos podemos observar que a utilização, no que diz respeito ao aspecto verbal, do tempo do mundo comentado, o pretérito e o presente.

Estes fatores indicam que o enunciador está comprometido com a argumentação do discurso que está proferindo. Ao usar o tempo pretérito, o enunciador volta-se ao texto sagrado, a fim de interpretar com propriedade as suas passagens, deixando claro que mesmo sendo representante de Deus, naquele momento, não possui autonomia para persuadir a não utilizando-se do texto engendrado pelo discurso bíblico, que é a regra de fé. Vejamos alguns exemplos:

" Jesus, Ele sempre usou uma ilustração."

" Por que Deus não chamou primeiro Israel, Deus chamou primeiro o seu povo."

" Jesus veio para os seus, mas os seus não o receberam"

Já ao utilizar o tempo presente, tem-se como objetivo principal, atualizar o discurso bíblico e trazê-lo à realidade do enunciatário:

" Ele compara o Reino dos Céus a um dono de casa ou a um pai de família..."

" Jesus está falando aqui da Sua obra..."

3.3.2. Figuras de Linguagem

As figuras de linguagem são recursos lingüísticos expressivos que marcam os discursos dando-lhes, sentidos, com o intuito de convencer e persuadir. O discurso religioso constitui-se lugar privilegiado para os *tropos*, ou figuras de palavras, pois é por natureza argumentativo.

Vejamos algumas figuras de linguagens utilizadas nos sermões em questão:

3.3.2.1 Comparação Metafórica

A comparação metafórica consiste em traçar uma comparação entre elementos de universos diferentes, como por exemplo LEI X GRAÇA. Esta comparação se dá por meio de conectivos.

O enunciador pode recorrer a exemplos do cotidiano para comparar com o texto que está sendo ministrado:

DR3-

Quem já entrou de bicão numa festa?

Nós fomos chamados para uma festa, que Deus preparou para o seu povo, mas o seu povo... não quis. Amém ?

Mas todos aqueles que receberam esse convite, aceitaram esse convite, hoje tem direito a participar da mesa do Senhor. Amém amado?

3.3.2.2. Parábola

Conforme sabemos, a parábola pode ser definida como uma narração que se constrói através do uso de uma linguagem figurativa, metafórica. Neste caso, entretanto, a parábola é a narração de um fato em que o enunciador julga possível acontecer e que inclui verdades pertinentes ao que está se relatando:

DR3-

Quem já entrou de bicão numa festa ?

Né? Ninguém te convidou, cê vai lá... Vai encostando lá no churrasquinho... Oi tudo bem ? Cê é parente do noivo ou da noiva? A é? Que que é? Casamento ou aniversário? Aí, cê vai, come... né? E bebe. Amém amado?

3.3.2.3. Antítese

A antítese é a figura de pensamento que aproxima palavras ou expressões de sentidos opostos.

DR1 -

Amém, querido? Aí, nós vemos o começo... ou a consumação...

3.3.2.4. Anáfora

A anáfora é a figura de sintaxe, cuja repetição das palavras é intencional, no início de um período, frase ou mesmo verso.

DR1-

Tem pessoas que entraram aqui hoje, Pai e precisam de uma palavra, precisam de uma direção do Teu Espírito, precisam do alimento espiritual, precisam da alegria, Pai e da força do Teu Espírito.

... nós que somos cristão e acreditamos na Palavra de Deus... nós muitas vezes, nós não damos muito valor... a tudo aquilo que Ele passou...

... por algo que Ele tinha que realizar... algo que os Seus amigos não compreendiam, algo que os Seus apóstolos não compreendiam... Jesus se retirou, chamou ali alguns discípulos e foi ali pro Getsêmani... pra orar...

Talvez no coração de Jesus, Ele poderia... pensar, por que Ele era homem igual a nós todos. Talvez Ele olhasse pra Ele naquele momento de aflição e Ele, naquele momento em que Ele orava, chorava na presença de Deus... Ele entrou em profunda agonia a ponto de verter sangue pelo Seu corpo.

3.3.2.5 Anacoluto

O anacoluto é a figura de sintaxe em que há uma interrupção de um plano sintático com que se inicia uma frase, alterando - lhe a seqüência lógica. Desta maneira, a construção do período deixa um ou mais termos desprendidos dos demais e sem função sintática definida na frase.

DR1-

Talvez no coração de Jesus Ele poderia pensar...

... e você vai ver que Jesus Ele teve que experimentar tudo aquilo que existe...

3.3.2.6 Comparação

A comparação é a figura de palavra que promove a aproximação entre dois elementos que se identificam, ligados por conectivos comparativos explícitos.

DR1-

Jesus começava a provar a solidão... Amém amado? A solidão que eu e você encontramos muitas vezes na nossa vida.

E Jesus teve que experimentar coisas que eu e você experimentamos todos os dias

3.3.2.7 Gradação

A gradação é a figura de pensamento em que a sequência de palavras intensificam uma mesma idéia.

DR1-

Talvez o teu marido, a tua mulher... o teu filho, a tua mãe, o teu pai, quantos de nós não recebemos essa decepção?

3.4. O Vocativo

O vocativo é fator relevante que contribui na construção do discurso religioso neopentecostal pois, ao ministrar um discurso, ora o enunciador refere-se a Deus, ora refere-se ao auditório. No vocativo, o enunciador identifica a quem está se referindo diretamente e revela a importância deste enunciatário no discurso.

O discurso religioso constitui-se lugar privilegiado para a instituição de vocativos, estando repleto destes elementos:

DR1 -

Senhor, nosso Deus e nosso Pai,...

Ó Espírito Santo de Deus.

Pai

DR2-

Senhor, nosso Deus e nosso Pai. Senhor...

Tu és...

Pai

... ó Pai

DR3-

Pai

Senhor

DR4 -

Senhor, em nome de Jesus, meu Pai...

Deus...

Pai

... meu Pai

3.5. Operadores Argumentativos

Como o próprio nome destina, os operadores argumentativos dão ênfase à argumentação, eles determinam o valor argumentativo dos enunciados, principalmente nos discursos religiosos.

POIS: Utilizado para legitimar o enunciado anterior.

POR QUE: Utilizado para indicar a causalidade entre os enunciados.

MAS : Utilizado para refutar adversativamente ou contrapor um enunciado.

MAS : Utilizado também para argumentar em favor de um posto de vista.

ASSIM : Utilizado para introduzir fatos ou razões, indica causalidade entre os enunciados.

AMÉM: Utilizado somente em discursos religiosos, o Amém, indica concordância.

TALVEZ: Indicam uma possibilidade, no caso do discurso religioso, sugere uma condição.

DR1-

Talvez no coração de Jesus, ele poderia.. pensar, porque ele era homem igual a nós todos.

Talvez ele olhasse pra Ele naquele momento de falição e ele, naquele momento em ele orava, chorava na presença de Deus...Ele entrou em profunda agonia a ponto de verter sangue pelo seu corpo.

Talvez o mundo não te dê valor, mas saiba que pra Jesus, e pra Deus você vale mais do que todo ouro e toda prata desse mundo.

DR2-

Por que Deus queria libertar o povo da escravidão... mas Deus não queria que o povo fosse libertado da escravidão pra que ele fosse oprimido por aquele Deus que o libertou.

Mas porque Deus fez aquilo?

DR3-

A redenção através do Filho, mas a Bíblia diz que:...

... mas os seus não o receberam...

... mas a todos aqueles que o receberam...

DR4-

... mas quando você ver...

Mas o que nós temos visto nesse último tempo?

3.6. Ethos

A imagem que o auditório possui do enunciador é fator pertinente para que haja a adesão à argumentação e à persuasão.

O ethos, segundo Aristóteles, é o caráter que o orador deve assumir para inspirar confiança no auditório, pois, sejam quais forem seus argumentos lógicos, eles nada obtém sem essa confiança. (Reboul 2000: 48).

A imagem que o enunciatário tem do enunciador é o que determina se o mesmo tem base na verdade ou não.

Todos os discursos que compõem nossas análises foram proferidos pelo mesmo enunciador, sendo este o fundador da instituição. Tal função já lhe confere de antemão maior credibilidade por parte do auditório.

O enunciador revela-se uma pessoa muito simples, no que diz respeito aos seus discursos. Suas mensagens se constituem de um caráter abrangente, podendo ser consideradas como evangelísticas, pois abordam diferentes e variados temas.

O uso da linguagem coloquial revela interesse de o enunciador alcançar a todos de seu auditório, o qual é composto de um grupo heterogêneo, possuindo tanto pessoas escolarizadas, bem como com pouca escolaridade.

O modo de se trajar revela muito a pessoa, sendo que, em nosso caso, podemos constatar o perfil de uma pessoa simples, mas que não descuida de sua aparência, que embora modesta, impõe respeito. Geralmente o uso de terno e gravata se faz por obrigação em instituições pentecostais e neopentecostais. Independentemente desta tradição, o enunciador em questão, costuma trajar-se de apenas calça social e camisa social, dispensando assim o hábito do terno e da gravata.

O enunciador revela-se preocupado a todo momento com o que diz respeito ao entendimento do discurso por parte do auditório, pois está sempre questionando se os mesmos entenderam a mensagem e se os mesmos estão acompanhando. Isto causa uma interação com o enunciatário a todo momento da explanação da mensagem.

A fim de tornar-se mais acessível ao auditório, faz uso de testemunhos pessoais, cita exemplos do cotidiano, o que atrai a atenção dos ouvintes, por muitas vezes se emociona durante a exposição, etc.

O enunciador não somente revela possuir conhecimento do tema em questão como também traz informações diversas sobre outras questões a fim de respaldar e esclarecer se houver alguma dúvida.

Todas estas questões permitem-nos verificar que a exposição do assunto se transforma quase em um diálogo entre enunciador e enunciatário, o que torna o ambiente da pregação bastante descontraído.

Em meio as nossas observações, podemos notar que ao terminar as mensagens, o enunciador sempre se retira do local da pregação, em nosso caso, o púlpito a fim de cumprimentar as pessoas em geral. Tem o cuidado de averiguar se cumprimento uma a uma, o que atribui ao enunciador confiança, proximidade e simpatia.

Em nosso modo de ver, o enunciador constrói uma imagem em que a simplicidade é marca fundamental, mostra que tem uma grande abertura para diálogos e transparece uma clama que indica uma profunda comunhão com o divino.

3.7. *Pathos*

Ainda segundo Aristóteles, o *pathos* é o conjunto de emoções, paixões e sentimentos que o orador deve suscitar no auditório com seu discurso.(apud Olivier Reboul 2000: 48).

A simplicidade e a simpatia que é revelada pelo enunciador no momento da ministração da mensagem é quase que automaticamente sentida e manifesta pelo enunciatário, que dá boa acolhida.

O fato de o auditório ser bem heterogêneo, constituído de jovens, adultos e idosos, alguns parentes, amigos e pessoas conhecidas, permite ao enunciador tecer algumas brincadeiras, falar sério, valer-se de exemplos ilustrativos e usar uma linguagem oral não formal.

Sendo o auditório também constituído de pessoas que expressam seus sentimentos naturalmente, pois têm liberdade para isso, permite-nos verificar a aceitação do discurso através das palmas e dos gestos (Com a cabeça, ao levantar as mãos etc...).

O local, embora de aparência simples, abriga confortavelmente cerca de 200 pessoas, sendo que para as crianças de diferentes idades, há uma ministração diferenciada nas dependências superiores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A expansão das igrejas neopentecostais, especialmente no Brasil e na América Latina nestes últimos anos tem modificado a visão do Cristianismo Protestante. Com as mudanças que estas novas igreja trazem, pode-se observar ao longo do desenvolvimento

da igreja evangélica, a adesão a novas formas de cultos e a incorporação de novos hábitos na liturgia.

Com este acelerado crescimento, o pentecostalismo tradicional vem perdendo espaço para estas novas instituições, o que desperta o interesse de áreas de estudo como a Sociologia, a Ciência da Religião, a Psicologia e a Lingüística em verificar quais os fatores que contribuem para este crescimento e têm como objetivo principal compreender este fenômeno. Em nosso caso, desperta-nos o interesse em identificar as marcas lingüísticas e retóricas dos discursos proferidos por igrejas recém formadas no cenário evangélico brasileiro, como é o caso da Comunidade Evangélica Monte Sião.

Adaptando tradicionais ensinamentos à nova visão neopentecostal, as novas igrejas conseguem atrair novos adeptos de todas idades, especialmente os jovens, pois encontram espaço dentro das igrejas e se adaptam ao discurso simples e direto veiculado pelas mesmas.

Ao partimos da temática dos discursos proferidos em dias de Santa Ceia, em que se veicula a ideologia da Santa Ceia propriamente dita e sendo esta, doutrina importante para os evangélicos em geral, podemos verificar importantes marcas de persuasão e argumentatividade nestes discursos, como os operadores argumentativos, marcas de interação com o auditório, figuras de linguagem, tempos verbais etc... Estes recursos lingüísticos não somente promovem, como facilitam a interação no ato discursivo e dão suporte para a argumentação e a persuasão do discurso.

As novas abordagens da Análise do Discurso e a Retórica oferecem-nos condições de análises dos elementos sócio-histórico-cultural e da ideologia predominante nos discursos. Utilizando-nos destas linhas teóricas, conseguimos obter o encaminhamento necessário para o entendimento da religião cristã evangélica neopentecostal e dos mecanismos utilizados em seus discursos com o objetivo de persuadir e angariar novos adeptos para suas instituições.

Em nossas pesquisas, constatamos que o discurso religioso evangélico sofre um grande impacto com as mudanças ocorridas nestes últimos anos e, a partir destas mudanças, tais igrejas incorporaram novos hábitos em sua liturgia, como a dança, e como outros movimentos corporais, a prática da oração em alta voz etc... Dentre as mudanças, a mais significativa foi a que ocorreu na forma de veicular a mensagem cristã dentro destas igrejas.

É possível verificar mediante as análises dos discursos que fizemos que a homilia neopentecostal é marcada, sobretudo de fortes mecanismos retórico

argumentativos como perguntas de interação, gírias ou uso de expressões coloquiais, etc... Verificamos que tais mecanismos contribuem para que o enunciador consiga obter a atenção e a aderência de seu auditório ao seu discurso.

Por se uma denominação recente e ainda pequena em número de adeptos, a Comunidade Evangélica Monte Sião revela uma grande proximidade com seus membros, o que permite ao enunciador construir seus discursos de modo a facilitar e ir ao encontro das expectativas de seus membros. Esta proximidade permite ao enunciador a escolha de seus argumentos e o deixa "à vontade" no momento da exposição do sermão.

A construção do *ethos* do enunciador é outro fator muito importante no processo de veiculação da ideologia do discurso religioso, especialmente no caso da CEMS. Pudemos observar, em nossas análises, que o enunciador permite uma interação com o seu auditório, também por meio da empatia. Ele constrói seu *ethos* e seus discursos com exemplos pessoais. Desta forma, dá ao seu auditório "a liberdade" de apreender os ensinamentos bíblicos de uma maneira didática, simples e direta.

Nota-se por meio dos discursos proferidos que o enunciador transmite uma visão clara e simples de humildade, marca de seu caráter pois, contrariando modismos e ensinamentos do meio evangélica, institui sua própria maneira de pensar e com isso delimita a ideologia da CEMS.

A exortação, característica marcante em seus discursos é utilizada de maneira simples, inserida entre o ato discursivo, no ato de exposição do discurso. Ao cumprimentar o auditório com ' Paz do Senhor, irmãos', o enunciador coloca-se como irmão, como próximo de seus membros, o que permite nivelar o relacionamento.

Conforme dissemos, o discurso religioso pode ser considerado como autoritário, entretanto, observamos que no caso da CEMS este autoritarismo se molda em vestes de sugestões. Quando o enunciador diz, no DRE, por exemplo, que o enunciatário poderia dar dinheiro se pudesse, ele deixa transparecer uma preocupação com as questões financeiras e monetárias que circulam no meio evangélico. É possível notar uma preocupação em não incluir na CEMS, a Teologia da Prosperidade, prática tão difundida atualmente em meio às igrejas neopentecostais.

A CEMS pode ser vista como uma instituição neopentecostal, porém não adere completamente às novas ideologias das grandes igrejas neopentecostais que estão crescendo no Brasil Seu discurso simples e acessível consegue atrair do mais humilde ouvinte ao universitário, sem distinção de cor, raça ou faixa etária. Isso se dá pela forma

como o seu enunciador utiliza os recursos argumentativos e lingüísticos utilizados pelo enunciador que, embora intrínsecos a ele, fazem corresponder às expectativas do auditório e atraem cada vez mais novos adeptos à instituição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Antônio Suárez. *A arte de argumentar*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*. Lisboa, Presença -
Martins Fontes, 1974

- ALVES, Rubens. *O que é Religião?* São Paulo: Loyola, 1999.
- BACCEGA, Maria Aparecida. *Palavra e Discurso* São Paulo: Ática, 2000.
- BAKHTIN, Mikail. (Voloshinov - 1929). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1979.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística Geral I*. Campinas: Pontes, 2005.
- BÍBLIA SAGRADA. Edição Revista e Corrigida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.
- BRANDÃO, Helena H. Naganime. *Introdução à Análise do Discurso*. Campinas: Unicamp, 2004.
- BRETON, Philippe. *A Manipulação pela palavra*. São Paulo: Loyola, 1999.
- _____. *Argumentar em situações difíceis*. São Paulo: Manole, 2005.
- BONFATTI, Paulo. *A Expressão Popular do Sagrado*. São Paulo: Paulinas, 2000.
- CAMPOS JÚNIOR, Luís de Castro *Pentecostalismo*. São Paulo: Ática, 1995.
- CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. (Coordenação de tradução de Fabiana Komesu) São Paulo: Contexto, 2004.
- CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- CISALPINO, Murilo. *Religiões*. São Paulo: Scipione, 1994.
- DIJK, Teun A Van. *Cognição, Discurso e Interação*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2000.
- ECO, Humberto. *Os limites da interpretação*. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- ELIADE, Mircea. *Imagens e Símbolos*. São Paulo: Martins Fontes, 1996
- FIORIN, José Luiz. *Elementos de Análise do Discurso*. São Paulo: Ática, 2001.
- FONSECA, Márcio Alves. *Michel Foucault e a construção do sujeito*. São Paulo: EDUC, 2003.
- GOUVEIA JÚNIOR, Herculano *Lições de Retórica Sagrada*. Campinas: M.E.L. Gouvêa, 1987.

GUTIÉRREZ, F. Benjamim & CAMPO, Leonildo Silveira. *Na Força do Espírito. Os pentecostais na América Latina: um desafio às igrejas históricas*. São Paulo: Aipral-Pendão, 1996.

GUIMARÃES, Eduardo. *Os limites do Sentido: um estudo histórico e enunciativo de linguagem*. São Paulo: Pontes, 1995.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *A interação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1992.

_____. *O texto e a Construção dos Sentidos*. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. *Argumentação e Linguagem*. 7ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. *Desvendando os segredos do Texto*. São Paulo: Cortez, 2003.

LOZANO, Jorge, PENÃ MARÍN, Cristina & ABRIL, Gonzalo. *Análise do Discurso. Por uma semiótica da Interação Textual*. São Paulo: Littera Mundi, 2002.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Unicamp, 1997.

_____. *Os termos - Chaves da Análise do Discurso*. Lisboa: Gradiva, 2000.

_____. *Análise de Textos de Comunicação*. Tradução de Cecília P. de Souza - e - Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.

MOSCA, Lineide do LAGO Salvador (org.). *Retóricas de Ontem e de Hoje*. São Paulo: Humanitas, 1997.

NASCIMENTO, Jarbas Vargas. *O Discurso Religioso Católico. Um estudo das marcas no discurso litúrgico do rito matrimonial*. São Paulo: Educ, 1993.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Palavra, Fé e Poder*. Campinas: Pontes, 1987.

_____. *As formas do silêncio*. Campinas: Pontes, 1987.

_____. *A linguagem em seu funcionamento: As formas do Discurso*. Campinas: Pontes, 2001.

_____. *Análise de Discurso. Princípios e Procedimentos*. Campinas: Pontes, 2003.

_____. *Interpretação. Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas: Pontes, 2004.

PADEN, Willian E. *Interpretando o sagrado*. São Paulo: Paulinas, 2001.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

_____ & GADET, Françoise. *A língua Inatingível. O discurso na História da Lingüística*. São Paulo: Pontes, 2004.

PERELMAN, Chaim. *O Império Retórico. Retórica e Argumentação*. Lisboa: Edições ASA, 1999.

PERELMAN, Chaim & TYTECA, Lucie Olbrechts. *Tratado da Argumentação. A nova Retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PINTO, Flávio Sabino. *Marcas e Mecanismos retórico -lingüísticos no discurso religioso pentecostal e neo pentecostal*. Dissertação de Mestrado PUC - SP, 2005.

PITTA, Sueli Cardoso. *Deus- Pai é gostosinho e Jesus é pirado. Um estudo das estratégias persuasivas no discurso da episcopisa Sônia Hernandez, da Igreja Renascer em Cristo*. Dissertação de Mestrado. São Paulo. PUC, 2003

RAMANZINI, Haroldo. *Introdução à Lingüística Moderna*. São Paulo: Icone, 1990.

REBOUL, Olivier. *Introdução à Retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SAUSSURE, Ferdinand de . *Curso de Lingüística Geral* (Tradução de A Chelini et alii)
São Paulo: Cultrix, 1974.

SOUZA, Alexandre Carneiro de. *Pentecostalismo: de onde vem, para onde vai?* Minas
Gerais: Ultimato, 2004.

SHELLEY, Bruce L. *História do Cristianismo ao alcance de todos*. São Paulo: Shedd
Publicações, 2004.

VIEIRA, Lúcia Aparecida. *Mecanismos de persuasão no discurso religioso católico*.
Monografia apresentada à PUC - SP, 2001.

_____. *A Dimensão lingüístico- religiosa do discurso religioso
católico proferido por leigos no ritual da celebração da Palavra*. Dissertação de
Mestrado. São Paulo – PUC-SP, 2004.

WAGNER, Peter C. *Descubra seus dons espirituais*. São Paulo: Abba Press, 2004.

ANEXOS